

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO

JULIANA BORBA DE SOUZA

CIBERACONTECIMENTO E SENTIDOS DA REPORTAGEM:
Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência

São Leopoldo

2023

JULIANA BORBA DE SOUZA

**CIBERACONTECIMENTO E SENTIDOS DA REPORTAGEM:
Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência**

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Comunicação, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS).

Orientador(a): Prof.^a Dra. Maria Clara Aquino

São Leopoldo

2023

S729c Souza, Juliana Borba de.

Ciberacontecimento e sentimentos da reportagem
: mulheres trans presas enfrentam preconceito,
abandono e violência / Juliana Borba de Souza. –
2023.

131 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale
do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em
Ciências da Comunicação, 2023.

“Orientadora: Profa. Dra. Maria Clara Aquino”

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Silvana Dornelles Studzinski – CRB 10/2524)

JULIANA BORBA DE SOUZA

**“CIBERACONTECIMENTO E SENTIDOS DA REPORTAGEM: MULHERES
TRANS PRESAS ENFRENTAM PRECONCEITO, ABANDONO E VIOLÊNCIA”**

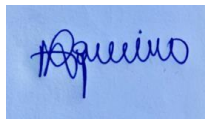
Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós- Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS.

APROVADA EM 27 DE MARÇO DE 2023.

BANCA EXAMINADORA

**PROFA. DRA. NÍSIA MARTINS DO ROSÁRIO – UFRGS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**

**PROF. DR. RONALDO CESAR HENN – UNISINOS
(PARTICIPAÇÃO POR WEBCONFERÊNCIA)**



PROFA. DRA. MARIA CLARA AQUINO - UNISINOS

AGRADECIMENTOS À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

AGRADECIMENTOS

Não há como iniciar sem citar a dona Liane Santos de Borba, minha mãe, uma mulher que conseguiu realizar o sonho de cursar a graduação de psicologia depois dos 50 anos. Sim, fonte de inspiração e recorrente abrigo, não há momento importante em minha vida que não estivesse amparada por seus sábios e calmos conselhos. Foi ela quem me ensinou a ler, foi ela quem me disse que podia ser o que eu quisesse, mas tinha que prestar atenção e estudar primeiro. Mãe, meu mais sincero obrigada por ser minha mãe e estar sempre ao meu lado em qualquer jornada: apoiando, incentivando, cuidando ou fazendo visitas carregadas de afeto. E, claro, comidinhas recheadas com muito amor.

Agradeço a toda minha família pelo apoio e suporte, ao meu pai, Vilmar da Silva de Souza, ao meu irmão Leandro Borba de Souza. Em especial, preciso agradecer o apoio psicológico, técnico, matemático e suporte de vida que a Memê me deu durante toda a caminhada do mestrado, desde me incentivar a fazer a inscrição até o auxílio em coletar os *tweets* aqui analisados. Vanessa Borba de Souza, engenheira da computação e mestra em ciência de dados, minha irmã, uma verdadeira fortaleza, que mescla racionalidade e amorosidade. E com muita calma responde perguntas mais básicas sobre intervalos matemáticos aberto e fechado. Muito obrigada, Memê!

À professora Maria Clara Aquino, minha orientadora e mentora nessa trajetória do Mestrado, que com paciência e afeto me guiou nessa jornada, me incentivando a buscar autores, evoluir, avançar novos caminhos e possibilidades de pesquisa, compartilhando seu conhecimento. Muito obrigada!

Às professoras e professores com quem tive a oportunidade de conviver, que de maneira extremamente competente nos oportunizaram saberes por meio de suas aulas, autores, mas principalmente pela genuína intenção de partilhar o saber. Inclusive, quando afetados pela decisão de descontinuidade do Programa de Pós-Graduação da Ciências da Comunicação da Unisinos. Vocês são gigantes e estão em cada aluno, pesquisa e conhecimento compartilhado. Em especial ao professor Ronaldo Henn, com quem aprendi muito nas disciplinas que cursei.

À gentileza e eficiência da coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, professora Ana Paula da Rosa, em auxiliar alunas como eu, repleta de dúvidas e que estava afastada do ambiente acadêmico.

Às minhas mais queridas amigas por me acompanharem em todas as fases ao longo dos anos e torcerem por mim: Carolina Volpato, Fernanda Macedo, Luciana Marques e

Mariana Rodrigues. Vocês são a certeza de que a amizade e o carinho não têm a ver com presença e, sim, com amor. Obrigada por entenderem as ausências e serem afeto e abraço sempre. Amo vocês!

À querida Letícia Rossa, que se tornou uma parceira e, juntas, conseguimos atravessar os mares de incertezas e constantes sentimentos de ansiedade. Muito obrigada!

Aos maravilhosos, inteligentes e extremamente generosos colegas do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, muitos já egressos, pelas respostas de mensagens, e-mails e suporte com caminhos que podia percorrer na pesquisa. Muito obrigada!

À toda equipe da Secretaria do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Unisinos, que desde o primeiro contato sempre foram muito gentis e ágeis em oferecer o suporte administrativo.

A vida não é o que a gente viveu,
e sim o que a gente recorda,
e como recorda para contá-la.

Gabriel Garcia Márquez

Lo que puede el sentimiento
No lo ha podido el saber
Ni el mas claro proceder
Ni el más ancho pensamiento
Todo lo cambia el momento
Cual mago condescendiente
Nos aleja dulcemente
De rencores y violencias
Sólo el amor con su ciencia
Nos vuelve tan inocentes.

Violeta Parra

Quando despertei o astro rei deslizava no espaço.

Carolina Maria de Jesus

RESUMO

A presente pesquisa de dissertação investiga o cibercontecimento (HENN, 2014) e os sentidos acionados a partir da repercussão da reportagem *Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência*, veiculada no programa *Fantástico*, da *Rede Globo*, em 1º de março de 2020. A reportagem, apresentada por Drauzio Varella, retrata a realidade de mulheres trans presas, apenadas em presídios masculinos no Brasil. Ao entrevistar Suzy de Oliveira dos Santos e ambos constatarem que há mais de oito anos ela não recebia visitas, comovido, Drauzio a abraça e diz: “Solidão, né, minha filha?” (GLOBOPLAY, 2020b). O gesto repercute nas redes sociais digitais. Por compreender a potência acontecimental (HENN, 2013a) do caso foi necessário identificar quais os sentidos acionados a partir da repercussão da reportagem. Por isso, nossa abordagem metodológica utiliza a Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (HENN, 2014). O *corpus* foi coletado na publicação original do perfil oficial do *Fantástico*, da *Rede Globo*, no *Twitter*, em 2 de março de 2020. O vídeo de 35 segundos apresenta o trecho exato em que Drauzio abraça e diz a frase à Suzy de Oliveira dos Santos, nos quais 2.035 comentários foram coletados via API do *Twitter*. Para identificar as singularidades e quais os elementos explicam a propulsão de sentidos, analisamos os 200 primeiros comentários de cada período da repercussão, nomeados de: *Céu*-2 a 7 de março de 2020; *Purgatório*-8 a 9 de março de 2020; *Inferno*-10 a 30 de março de 2020. Conforme a eclosão de sentidos, compreendemos como o cibercontecimento (HENN, 2014), a partir a repercussão da reportagem, afetou o jornalismo. Observa-se ainda as interconexões entre discurso de ódio, pautas de gênero e as disputas oportunizadas em dinâmicas de redes sociais digitais. Além disso, a pesquisa conclui que os processos de desinformação e discussões partidárias, potencializadas pela pandemia do vírus SARS-CoV-2, causador de coronavírus (COVID-19) em 2020, ampliaram as dimensões desse episódio.

Palavras-chave: cibercontecimento; jornalismo; redes sociais; discurso de ódio; gênero.

ABSTRACT

This dissertation investigates the cyberevent (HENN, 2014) and the senses triggered by the repercussions of the report Trans women prisoners face prejudice, abandonment, and violence, broadcasted on the program *Fantástico*, from Rede Globo, on March 1st, 2020. The report, presented by Drauzio Varella, portrays the reality of trans women prisoners, sentenced in male prisons in Brazil. When interviewing Suzy de Oliveira dos Santos, and when they both realize that she had not received any visitors for over eight years, Drauzio hugs her and says: "Loneliness, right, my daughter? The gesture resonates in digital social networks. To understand the eventual potency (HENN, 2013a) of the case, it was necessary to identify which senses were triggered by the repercussion of the report. Therefore, our methodological approach uses the Analysis of Sense Construction in Digital Networks (HENN, 2014). The corpus was collected in the original publication of the official profile of *Fantástico*, from *Rede Globo*, on Twitter, on March 2, 2020. The 35-second video features the exact passage in which Drauzio hugs and says the phrase to Suzy de Oliveira dos Santos, in which 2,035 comments were collected via Twitter's API. To identify the singularities and which elements explain the propulsion of meanings, we analyzed the first 200 comments of each period of the repercussion, named: *Heaven*-2 to March 7, 2020; *Purgatory*-8 to March 9, 2020; *Hell*-10 to March 30, 2020. According to the outbreak of senses, we understand how the cyberevent (HENN, 2014), from the repercussion of the report, affected journalism. It is also possible to observe the interconnections between hate speech, gender agendas, and the disputes created in the dynamics of digital social networks. Moreover, the research concludes that the processes of disinformation and partisan discussions, enhanced by the pandemic of the SARS-CoV-2 virus, causing coronavirus (COVID-19) in 2020, amplified the dimensions of this episode.

Key-words: cyber event; journalism; social media; hate speech; gender.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Antes e Depois	44
Figura 2 - Comentário Acórdão sentença judicial	53
Figura 3 - Grupo Ciências Criminais.....	54
Figura 4 – Comentário site <i>O Antagonista</i>	55
Figura 5 - Atividade Educação Infantil	57
Figura 6 - <i>Post</i> de Abraham Weintraub.....	60
Figura 7 - Amor no cárcere	85
Figura 8 - <i>Post</i> de Jair Bolsonaro	102
Figura 9 – Repercussão da reportagem	103
Figura 10 - Dados de acesso do <i>Pornhub</i> Brasil	106
Figura 11 - Consumo mundial do <i>Pornhub</i>	107
Figura 12 - Análise de Sentidos <i>Do Céu ao Inferno: Céu</i>	129
Figura 13 - Análise de Sentidos <i>Do Céu ao Inferno: Purgatório</i>	129
Figura 14 - Análise de Sentidos <i>Do Céu ao Inferno: Inferno</i>	129
Figura 15 – Imagem falsa	131

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Repercussão no campo profissional	37
Quadro 2 - Do Céu ao Inferno	123

SUMÁRIO

PREFÁCIO	14
1 PRIMEIRAS PERCEPÇÕES	18
2 UMA REPORTAGEM, MÚLTIPLOS SENTIDOS	32
2.1 Reportagem: <i>Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência</i>	33
2.1.1 Repercussão e desdobramentos	35
2.1.2 A reportagem do <i>Fantástico</i> e o jornalismo	36
2.1.3 Os jornalismo possíveis e a reportagem do <i>Fantástico</i>	50
2.1.4 A reportagem do <i>Fantástico</i> e as redes sociais digitais.....	53
3 O ACONTECER	63
3.1 Entendendo o acontecer	63
3.1.1 O acontecimento jornalístico	67
3.1.2 Os públicos e os acontecimentos	68
3.2 Da potência ao ciberacontecimento	71
3.2.1 Possibilidades de ciberacontecimentos.....	74
4 UMA QUESTÃO DE GÊNERO	79
4.1 Pontos de partida	80
4.2 Corporalidades: corpos que incomodam.....	82
4.3 (R)existência trans no Brasil.....	86
4.3.1 Pessoas trans e o sistema prisional	90
4.4. Gênero e a reportagem do <i>Fantástico</i>	92
5 O ÓDIO COMO DISCURSO	98
5.1 O que é o discurso de ódio?	98
5.2 Discurso de ódio e redes sociais digitais no Brasil	101
5.3 Gênero e discurso de ódio como catalisadores de ciberacontecimentos	105
6 CAMINHOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE PESQUISA.....	112
6.1 Criando caminhos de estudo.....	112
6.1.2 Delimitando o corpus de análise.....	113
6.2 Construindo a análise de sentidos	114
6.3 Como vamos do céu ao inferno.....	118
6.4 Inferências do <i>Céu ao Inferno</i>	130
6.4.1 <i>Céu</i> –2.3.2020 a 7.3. 2020	130
6.4.2 <i>Purgatório</i> - 8.3.2020 a 9.3.2020	131

6.4.3 <i>Inferno</i> - 10.3.2020 a 30.03.2020	133
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	136
REFERÊNCIAS	140
APÊNDICE A – LINHA DO TEMPO	161

PREFÁCIO

Antes de iniciar a pesquisa, faz-se necessário dividir um episódio que ocorreu durante a produção desta dissertação. Neste item, será utilizada primeira pessoa, pois ainda que os processos aqui desenvolvidos sejam construídos de maneira coletiva, em trocas e saberes e na multiplicidade de plataformas digitais, o que será exposto aconteceu a mim e fez parte da minha trajetória não apenas como pesquisadora, mas também como sujeita no mundo. Ao escrever essas linhas, consegui processar algumas coisas e acredito na escrita curativa, por isso, esse relato fez-se necessário.

Dito isso, precisarei voltar no tempo, especificamente nos anos 90, período da minha divertida infância. Sempre fui uma criança que adorava desenhos e eles estimularam muito minha base de referências, aprendizados e memória afetiva que mesmo hoje, com todas as questões da vida adulta, em muitos momentos são acionadas como ponto de partida para compreender um conceito ou palavra. Lembro de assistir a um episódio de *Fada Bela* na escola (sim, Angélica e seus poderes de Merlin me encantavam), estar parada em frente à TV, rodeada por crianças e de prestar tanta atenção no episódio que quando acabou somente eu estava na sala. A concentração foi tamanha que não vi ninguém sair, até hoje recordo a sensação. Isso significa dizer que nem sempre captei de primeira a realidade que me rodeava no bairro mais populoso e a grande concentração de adversidade em que vivia, na Restinga, zona extremo sul e periférica da capital gaúcha. Regiões assim possuem uma profusão de realidades, vivências e elementos que não são comuns em zonas nobres da cidade.

O que, como sempre, possui um lado bom e outro ruim. Lembro de, já na fase adulta, participar de um curso sobre feminismo antirracista e uma das professoras ser negra. Em dado momento, uma aluna branca questionou por que era tão difícil entender sua fala, ao que a professora prontamente respondeu: “Porque não estás acostumada a ver pessoas como eu em lugares de poder, ensinando e com autoridade de conhecimento”. Nesse momento, busquei na memória e minhas referências eram distintas; no ensino fundamental tive diversos professores e professoras pretas, inclusive recordo de ir à missa e um dos padres ser preto e sul-africano, usando batinas coloridas e fazendo do sermão algo mais divertido e acelerado. Essa vivência alterou e forjou quem eu sou, felizmente, acredito.

Porém, era uma criança e como tal só queria brincar, comer minhas comidinhas e brincar de novo. Nem sempre entendia o mundo que me rodeava, colegas que iam à escola pela merenda, crianças que sofriam abusos psicológicos, físicos, famílias desestruturadas não são tópicos que figuram no rol de assuntos infantis e eu não entendia muita coisa. Nesse

contexto, é comum em regiões como a Restinga alunos mais velhos que repetiam o ano estudarem na mesma classe que alunos mais novos, não raro meus colegas da 4ª, 5ª série eram adolescentes - e aqui começa a história.

Certo dia, estava eu colorindo meu caderno, sempre muito colorido (até hoje isso perdura). Não uso, mas tenho muitas canetas coloridas e sempre achei estranho o lápis na cor nude, ou como era conhecido na época, “pele”, e era sobre isso que estava falando com uma colega. Até que, em dado momento, um forte odor se instaurou na sala, as crianças gritavam e pulavam. Havia algo, literalmente, de estranho no ar: um mau cheiro desconcertante. Pois bem, alguém tinha feito cocozinho na sala de aula.

A professora desanimada achou por bem chamar a coordenação, saiu para pegar um ar e trancou a sala, com provavelmente 35 a 40 crianças, porque ninguém podia “escapar”. Ainda hoje questiono essa decisão, porque o cheiro era uma loucura. Certo aluno, mais velho, que por questões logo esclarecidas chamaremos pela alcunha fictícia de Carlos, disse que iria descobrir quem foi. Para isso, decidiu cheirar classe por classe até descobrir o responsável. Os colegas todos em polvorosa e trancados sem a professora, uma grande algazarra. Na medida em que ele cheirava as classes ia descartando cada criança e, claro, o verdadeiro responsável ia sentindo a pressão e talvez repetindo o feito. Até que chegou na classe certa. Eu estava ao lado de Carlos, quando ele fez a grande descoberta: então lembro com riqueza de detalhes, os seus gestos apontando, gritando e dizendo que descobriu o autor. A gritaria ficou ainda mais intensa, gargalhadas, a criança autora do cocozinho em sala de aula respondeu às provações com um simples: “Entra pelo ouvido e sai pelo outro...”. Nesse instante, a professora retornou à sala de aula, abriu a porta, voltamos a respirar mais aliviados e o colega foi levado ao banheiro. Esse episódio foi marcante, porque além de inusitado carregava esses elementos próprios da infância: cocozinhos, algazarra, gritaria, pulos e sala de aula.

Anos mais tarde, a vida me colocaria próxima de Carlos novamente, mas em outro contexto nada engraçado. Na Restinga, muitos meninos sonhavam ser jogadores de futebol e alguns até despontaram na profissão, vide o jogador Tinga. Outros depositavam ali a esperança de um futuro melhor para a família, geralmente centrada na figura materna. De todo jeito, minha irmã e eu tínhamos um amigo, na verdade mais amigo dela do que meu, que também chamaremos por um nome fictício: Vagner, que realmente possuía um futuro promissor no futebol. Inclusive, chegou a jogar em categorias de base de um dos times da dupla grenal. Porém, uma lesão no joelho o tirou do universo profissional, mas o manteve como referência no futebol dos campinhos de bairro. Em certo dia, em 2006, Carlos e Vagner disputaram uma partida de futebol e Carlos não aceitou perder para habilidade profissional de

Vagner. Além de talentoso, Vagner era reconhecido na Restinga, fazia trabalhos voluntários ligados ao esporte com outras crianças, dono de um sorriso e olhos esverdeados. Era notícia até no jornal local. Durante o jogo, as rusgas corriqueiras de partidas de futebol ganharam um tom violento e uma ameaça de Carlos a Vagner em meio ao desentendimento por algum lance de disputa de bola: “Tu não é tudo isso, se não arregar agora vai morrer com três balas nas costas”.

Passada a confusão, dois dias depois em um fim de tarde em uma região tranquila do bairro, Carlos decidiu cumprir a ameaça destinada a Vagner. Em um diálogo que decorreu nesse tom: “Arrega, implora que eu não atiro...”, Vagner foi alvejado por três tiros nas costas. Quem socorreu Vagner foi um tio meu, que sem saber de nada encontrou Vagner caído ao chão e o levou para emergência. Infelizmente, Vagner não resistiu e teve sua trajetória interrompida aos 24 anos.

A comoção foi geral, a igreja católica do bairro abarrotada de adolescentes, jovens, amigos e familiares inconformados com a perda. A mãe, de quem Vagner herdara os olhos verdes, estava distante e incrédula. Carlos estava prestes a completar a maioridade penal, mas ainda faltavam alguns dias para o aniversário de 18 anos. Ao que me recorde, estive foragido após o crime. O fato ocorrido em 2006 marcou minha adolescência e fez com que entendesse a realidade que me rodeava: violência, pobreza, racismo. Aos poucos, as fichas foram caindo e fui compreendendo melhor os elementos da vida cotidiana.

Alguns anos se passaram e atualmente moro em outro bairro mais central de Porto Alegre. Precisamente no mês de maio de 2022, durante o momento em que estava imersa nas leituras para a dissertação e lidando com questões profissionais, um acontecimento me arrebatou. Destaco o período de estudo, pois o conteúdo desta análise possui comentários irônicos, engraçados, bondosos, mas muitos são calcados em um ódio e uma maldade que vão nos deixando tristes à medida que os lemos. Inquieta, em uma tarde gelada que anunciava a chegada do inverno, fui ao mercado. De relance, reconheço uma voz e os trejeitos da busca pelo autor do cocozinho: não estava enganada, sem entender virei o rosto e reconheci Carlos. Nitidamente alterado pelo uso de drogas, pés descalços, roupas que não eram de seu tamanho, falando frases desconexas, em situação de vulnerabilidade extrema, estava meu ex-colega de escola. Não tive tempo de falar ou fazer qualquer ação, a rua estava cheia e logo perdi ele entre as pessoas. Mas a fração de segundos em que o reconheci perdurou um tempo que não sou capaz de precisar. Fiquei paralisada. Não conseguia me mover, não conseguia processar aquele acontecimento. Aqui, consegui entender o conceito de primeiridade das aulas do professor Ronaldo. Fui tomada pelo que me aconteceu, não era possível digerir todos aqueles

elementos. Não sabia o que e como pensar. Foi uma sensação estranha que não consegui entender no momento.

De todo modo, voltei para casa e somente dois dias depois fui conseguir conversar com uma amiga, depois com a minha irmã (que me entendeu em diferentes níveis, pois recordou a dor de perder nosso amigo) e por fim chamei minha mãe. A sabedoria materna é algo que admiro. Além de ser a melhor mãe do mundo, minha mamãe é psicóloga e logo me explicou: “Claro, minha filha, teu impacto foi ver ele ali naquela situação em total vulnerabilidade e ser transportada não para a pessoa que tirou a vida do teu amigo e, sim, para aquele Carlos lá da tua infância”.

Após esse dia, não o reencontrei novamente. O episódio colocou em perspectiva experiências pessoais que se conectaram com o objeto de estudo da pesquisa. De alguma forma, esse reencontro humanizou meu olhar para a vida. Ao vê-lo, não acionei sentimentos punitivos. Talvez tenha constatado que a vida, por si só, pode ser uma grande escola e aprendizado. O destino me colocou diante do meu passado, do presente e do futuro que estou construindo, do jeito que a vida acontece: simples e complexa, em uma dinâmica que não se explica, apenas se vive.

1 PRIMEIRAS PERCEPÇÕES

Atualmente, a comunicação em redes sociais digitais¹ permite a interação entre as pessoas através de diversos formatos de envio e recebimento de informação. As conversas outrora por ligações telefônicas deram espaço ao fluxo de informação por aplicativos de mensagem. Além disso, a forma como ocorre a produção de conteúdo está em constante transformação. O processo de construção de informação e suas narrativas (criação de sentido, fragmentação de discursos e a articulação em rede) estão incluídos na rotina dos indivíduos. Portanto, as discussões e os debates ocorridos na ambiência digital perpassam diferentes camadas na sociedade e suscitam possibilidades de aprofundamento via pesquisa acadêmica.

Dito isso, nossa pesquisa concentra-se em analisar a repercussão e os sentidos da reportagem veiculada no programa *Fantástico*, da *Rede Globo*, em 1º de março de 2020, *Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência*, apresentada por Drauzio Varella (GLOBOPLAY, 2020b). Durante a reportagem são abordadas as condições de vida de mulheres trans e travestis apenadas em presídios masculinos brasileiros. Após a repercussão de um trecho da reportagem ocorre ampla movimentação nas redes sociais digitais. Os desdobramentos em relação à reportagem ocorreram em meio ao início da pandemia ocasionada pelo vírus SARS-CoV-2, causador de coronavírus (COVID-19). Assim, as medidas de distanciamento social adotadas para reduzir o contágio do vírus potencializaram a inserção e atuação de atores sociais na ambiência digital.

Destaca-se que as pessoas estão cada vez mais conectadas - interagindo, compartilhando, enviando e recebendo mensagens em diversas plataformas de redes sociais. Assim como os espaços digitais são distintos e possuem regras próprias, os assuntos são múltiplos. É importante frisar que o conteúdo publicamente compartilhado pelos usuários na internet varia de questões cotidianas, sejam elas de cunho privado ou público, por exemplo, com situações envolvendo celebridades. A criação de conversas diversas pelos usuários está consolidando a cultura do compartilhamento instantâneo de informações.

¹ Raquel Recuero, Bastos e Gabriela Zago (2015) citam a importância de explicar os termos estudados na cibercultura, usados em alguns espaços como sinônimos, mas que possuem diferenças conceituais. Dessa forma, “redes sociais” é um termo reconhecido para designar relações e dinâmicas sociais desenvolvida por grupos de indivíduos anterior ao surgimento do aparato tecnológico e das Tecnologias de Comunicação e Informação (TICs). Entretanto, a popularização da internet fez com que *Facebook*, *Instagram* etc., fossem consideradas redes sociais. Contudo, possuem recursos e ferramentas que geram lucro e operam em lógica própria incluindo algoritmos de busca, *design* específico, anúncios e direcionamento de conteúdo, configurando as plataformas de redes sociais digitais. Isto é, um espaço digital com diretrizes estabelecidas pelas empresas que administram essas plataformas. Assim, entendemos redes sociais digitais/redes digitais como o ambiente digital no qual surgem conversas de atores sociais e sentidos, que não se limitam a uma plataforma específica e podem se interconectar com sites, blogs, outras plataformas e meios de comunicação.

No Brasil, o Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) em conjunto com o Comitê Gestor da Internet do Brasil (CGI.br) são responsáveis por monitorar o acesso de tecnologias no país e anualmente realizam a pesquisa para medir esses dados. De acordo com a Pesquisa Tecnologias de Informação e Comunicação, conhecida como TIC Domicílios (CETIC, 2021), o uso de internet cresceu de 74% em 2019 para 81% em 2021, representando um aumento de 7% no número de brasileiros conectados. A pesquisa revela que o maior crescimento de usuários esteve concentrado na área rural do país, que passou de 51% em 2019 para 71% em 2021. Já nas áreas urbanas o crescimento foi de 75% para 83%, no mesmo período. Além disso, os números mostram que o acesso também é distinto entre classes econômicas do país. As classes C, D, E ampliaram o acesso, no caso da classe C esse aumento foi de 80% para 89%, nas classes D, E de 50% para 61%, representando disparidade em relação às classes mais altas: classe A, de 99% para 100% e B de 95% para 98% de conectividade, entre os anos de 2019 e 2021. É importante destacar que os números demonstram um aumento expressivo na quantidade de pessoas que acessam à internet. Entretanto, a pesquisa aponta que 35,5 milhões de brasileiros ainda não possuem acesso à internet (CETIC, 2021).

O relatório global anualmente realizado pela *DataReportal* em parceria com *HotSuite* e *We Are Social*, mostrou que em 2021 o número de brasileiros em plataformas de redes sociais digitais aumentou 7,1% no país, representando 10 milhões de novos usuários, entre os anos de 2020 e 2021. Ainda de acordo com o relatório, os brasileiros passam diariamente: 10h8min conectados à internet e 3h42min em plataformas de redes sociais digitais (DATAREPORTAL, 2021). As duas pesquisas revelam um aumento expressivo de conectividade no país oportunizadas em razão das medidas de distanciamento social, adotadas para conter o avanço do coronavírus.

Portanto, destaque-se o quanto o ambiente online ganhou ainda mais aderência e visibilidade na sociedade. Dito isso, o interesse desta pesquisa surgiu ao perceber que a exibição da reportagem *Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência*, no programa *Fantástico*, da *Rede Globo* (GLOBOPLAY, 2020b), em 1º de março de 2020, já indicava que se tratava de um episódio com amplo potencial de espalhamento (JENKINS; FORD; GREEN, 2015). Na medida em que a reportagem foi publicada em um momento de intensas disputas políticas e discursos de ódio, desencadeou um debate com opiniões completamente diversas. Por isso, faz-se necessário explicar que a atenção da pesquisadora se ateu nesse momento em observar os movimentos e desdobramentos desse produto midiático.

Nosso estudo está centrado na repercussão sobre a frase e o gesto do abraço de Drauzio Varella² e como ocorre o processo de ciberacontecimento (HENN, 2014), a partir de trecho da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b). O trecho específico da produção jornalística, envolvendo uma das entrevistadas, reverberou causando grande apelo no público. Durante a reportagem, o médico Drauzio Varella abraça Suzy de Oliveira dos Santos e diz: “Solidão, né, minha filha?” (GLOBOPLAY, 2020b). Após a exibição da reportagem no programa *Fantástico*, a frase de Drauzio virou *meme*. Apontamos que o *meme* originado a partir deste produto jornalístico voltou a circular durante a pandemia de COVID-19. É importante frisar que a recirculação ocorreu mesmo após a polêmica em torno da ampla divulgação do crime de estupro e assassinato cometido por Suzy contra Fábio dos Santos Lemos, de nove anos. Vale ressaltar que a família da vítima ajuizou um processo contra a *Rede Globo* e o médico Drauzio Varella, em novembro de 2020 (VAQUER, 2022). A ação judicial de indenização por danos morais movida pelo pai de Fábio dos Santos Lemos ainda está em curso e aguarda admissibilidade ou não de recurso extraordinário.

Na medida em que as diretrizes de distanciamento social para reduzir o contágio de COVID-19 entraram em vigor, as pessoas reutilizaram a frase dita por Drauzio ao abraçar Suzy. No contexto pandêmico, o *meme* foi utilizado para expressar sentimentos de: solidão, falta, saudade, vontade, carência. Um ponto importante desse episódio está em como a multiplicidade de sentidos emerge e rapidamente eles são alterados a partir de novas informações que surgem. Para pensar a análise sobre o resultado dessa articulação em redes digitais sociais, citamos que no espaço online as conversas “[...] são demarcadas não somente pelos rastros deixados pelos atores sociais e pelas suas produções, mas também pelas suas representações” (Raquel RECUERO; BASTOS; Gabriela ZAGO, 2015, p. 23)³.

Com base nessa reflexão, analisamos como ocorre a constituição do caso de ciberacontecimento a partir da repercussão do trecho da reportagem *Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência*, no programa *Fantástico*, em que Drauzio Varella abraça Suzy de Oliveira Santos e diz: “Solidão, né, minha filha?” (GLOBOPLAY, 2020b). Para a presente pesquisa, é importante recuperar a sucessão de fatos ocorridos a partir

² Drauzio Varella é médico cancerologista formado pela USP. Na *Rede Globo*, Drauzio participou de séries sobre temas de saúde, como gravidez e o combate ao tabagismo, exibidas no *Fantástico*. Em 1989, iniciou um trabalho de pesquisa sobre a prevalência do vírus HIV na população carcerária da Casa de Detenção, conhecida como Carandiru. Desse ano até a desativação do presídio, em setembro de 2002, trabalhou como médico voluntário. Atualmente, realiza a mesma função na Penitenciária Feminina de São Paulo (VARELLA, 2022).

³ Com intuito de visibilizar o trabalho de pesquisadoras, compreendendo a importância de publicar estudos acadêmicos realizados por mulheres, utilizaremos o nome completo na primeira vez que citarmos suas obras.

da veiculação da reportagem e o contexto em que é relatada a história de uma das entrevistadas.

A personagem que mais chamou atenção do público, Suzy de Oliveira dos Santos, é uma mulher transexual, apenada em regime fechado na Penitenciária I José Parada Neto em Guarulhos, São Paulo. No decorrer da entrevista, o médico ficou surpreso ao ouvir que ela não recebia visitas há mais de oito anos. Nesse instante, comovido, fala: “Solidão, né, minha filha?” (GLOBOPLAY, 2020b), abraçando-a. Após a exibição da reportagem, houve mobilização para o envio de cartas com mensagens de carinho em apoio à apenada.

Entretanto, a repercussão mudou quando o portal *O Antagonista* publicou que Suzy havia sido condenada por estuprar e estrangular Fábio dos Santos Lemos, de nove anos, em maio de 2010 (TRANS..., 2020a). A informação foi confirmada com a divulgação do processo judicial, no qual consta Rafael Tadeu de Oliveira dos Santos, nome de batismo de Suzy. Após ampla repercussão do processo, Bruna Castro, advogada de Suzy, divulgou carta em que a apenada pede perdão à família da vítima. Além disso, a *Rede Globo* e o médico Drauzio Varella pediram desculpas à família de Fábio dos Santos Lemos e ao público (GLOBOPLAY, 2020a; GLOBOPLAY, 2020c).

O trecho da reportagem em que a frase “Solidão, né, minha filha?” é dita seguida de um abraço, desencadeia muitos desdobramentos, que optamos por recapitular mais adiante para avançar no estudo desse episódio. Assim, será possível analisar os sentidos surgidos durante o processo, que envolvem também a ação do abraço e a frase dita, abarcando conceitos de ciberacontecimento (HENN, 2014), jornalismo, gênero e discurso de ódio.

O jornalismo enfrenta um momento de grande impacto e transformação em sua existência. As novas e múltiplas formas de produzir conteúdo, assim como ampliaram o processo de comunicação, também tornaram o cenário muito mais complexo. Neste novo contexto, a apuração de notícias, bem como a demanda por correções se tornou cada vez mais rápida e interativa. No caso da reportagem, ponto de partida para esta pesquisa, a decisão de não divulgar os crimes cometidos pelas reeducandas causou desconfiança ao público.

Afinal, de acordo com Henn e Oliveira (2015), mesmo que esteja vivendo um cenário de crise, o jornalismo mantém sua relevância dentro da sociedade. Visto que, a partir de suas concepções, consegue transformar acontecimentos em narrativas com códigos reconhecidamente consolidados. Dessa forma, o jornalismo figura como agente organizador, que não apenas categoriza os discursos, mas também opera em função de suas articulações sociais, políticas. Assim como, estrutura percepções de mundo que serão reverberadas, sendo capaz de privilegiar ou excluir aspectos que permeiam a vida (HENN; OLIVEIRA, 2015).

Devido à rapidez da circulação de informação ocasionada pelo compartilhamento de conteúdo em redes digitais, o processo de resposta à produção jornalística está cada vez mais ágil, gerando tensionamento no campo jornalístico. Ou seja, assim como diferentes recursos estão disponíveis para contestar produções jornalísticas, o processo de correção e disseminação da informação ao público também é demandado a acompanhar essa rapidez (KARAM; CHRISTOFOLETTI, 2011).

A disputa por narrativas em redes digitais inclui novos atores no complexo processo de comunicação, causando um tensionamento em relação à produção jornalística e sua relevância. De acordo com Henn e Oliveira (2015), essa crise envolve processos em relação às práticas jornalísticas, que vão potencializar alterações na forma como os fluxos informacionais serão percebidos e processados. Além disso, articulações realizadas em redes sociais digitais, por diferentes atores sociais, operam criando uma tensão e forçando o campo profissional a rearticular-se no espaço comunicacional e revisar seus preceitos.

Assim, quais os sentidos desencadeados pelo trecho da reportagem *Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência* do *Fantástico*, em que Dráuzio Varella abraça Suzy de Oliveira dos Santos e diz: “Solidão, né, minha filha?”? Como a constituição do caso deste ciberacontecimento afeta o jornalismo? Estas questões constituem a problemática desta pesquisa.

A partir da premissa desse episódio que envolve diferentes abordagens de análise, como checagem e apuração, desinformação, tensionamentos no campo jornalístico, *meme*, compreendemos a importância de direcionar nosso estudo. Dessa forma, nosso objetivo geral será identificar os sentidos desencadeados a partir da repercussão do trecho da reportagem *Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência* do *Fantástico*, em que Drauzio Varella abraça Suzy de Oliveira dos Santos e diz: “Solidão, né, minha filha?”, e como a constituição do caso deste ciberacontecimento afeta o jornalismo.

Após essa exposição e contextualização, entendemos que os objetivos a seguir abarcam nossos questionamentos e norteiam nossa trajetória de pesquisa. Assim, respondem nosso questionamento inicial e possibilitam novas percepções a respeito desse complexo e múltiplo episódio em que a reportagem está envolta:

a) investigar os tensionamentos gerados em relação à contestação da apuração da reportagem *Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência*, do programa *Fantástico*, da *Rede Globo*;

b) identificar os sentidos acionados nos comentários do trecho da reportagem, publicado no perfil oficial do *Fantástico* no *Twitter*, em que Drauzio Varella abraça Suzy e diz a frase “Solidão né, minha filha?”;

c) compreender como o cibercontecimento envolvendo a repercussão da reportagem *Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência*, no programa *Fantástico*, da *Rede Globo*, afetou o jornalismo.

A cultura é parte de um processo contínuo de símbolos e seus significados, que influenciam a sociedade e a forma como a humanidade compreende sua história e experiências. Por isso, é importante compreender como a mídia impacta na realidade diária dos indivíduos, moldando seus hábitos, percepções e interferindo na forma como entendem a si e ao mundo que os rodeia, enquanto sociedade. De acordo com Castells (1999, p. 421): “Vivemos em um ambiente de mídia, e a maior parte de nossos estímulos simbólicos vem dos meios de comunicação.” Portanto, analisar como esses processos se articulam é também discutir sobre nosso tempo e ampliar os estudos em comunicação.

Nossa pesquisa visa expandir os estudos a partir de casos de cibercontecimento (HENN, 2014), propondo compreender um episódio que possui tensionamento e amplo poder de afetação no campo jornalístico, ligados à apuração e checagem de informações. Apesar de toda a polêmica envolvida na reportagem, a frase que originou o *meme* volta a circular com novos significados e sentidos atribuídos ao conteúdo.

Identifica-se que esse processo ocorre com a frase dita pelo médico Drauzio Varella, que na reportagem aparece transcrita da seguinte forma: “Solidão né, minha filha?”. Contudo, ao ser compartilhada nas plataformas de redes sociais digitais, como *meme*, perde uma das vírgulas e fica com o primeiro elemento substituível pela informação que o interlocutor deseja compartilhar. É importante destacar o quanto a expressão se transforma, não apenas com alterações de sua grafia, mas também na intenção e no sentido que lhe é conferido.

Dessa forma, entendemos que nossa contribuição para o campo de estudos da comunicação está em apresentar e analisar um caso de cibercontecimento (HENN, 2014). O episódio possui elemento distinto na medida em que causa um tensionamento e afetação no campo jornalístico. Assim, inclui múltiplos sentidos que serão acionados nos desdobramentos da repercussão da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b).

Na medida em que novos elementos são incorporados, manifestações de admiração, solidariedade são substituídas por descrédito, ódio, repulsa e intensificam mensagens transfóbicas. Além disso, ocorre um processo de tensionamento no campo jornalístico, no qual a maior emissora do país tem sua produção jornalística confrontada por um veículo

online e publicações em redes sociais digitais. Com base em estudos de cibercontecimento de Henn, Pilz e Kolinski Machado (2018) destaca-se o quanto as questões de gênero, presentes na reportagem do *Fantástico*, são capazes de produzir intensas disputas em plataformas de redes sociais digitais.

A partir da perspectiva do jornalismo, em nossa busca por estudos sobre cibercontecimentos, encontramos a tese de Moreno Osório (2018), *O Cibercontecimento Breaking News: uma proposta teórico-metodológica para a compreensão de notícias urgentes*. Em sua tese, apresenta o *breaking news* construído no jornalismo, como um acontecimento extraordinário. Além disso, dimensiona sua incidência e reconfiguração na constituição do que o autor identifica como cibercontecimento *breaking news*. A análise conta com 75 artigos no período de 10 anos (2007-2016) nos seguintes jornais: *Journalism*, *Journalism Practice* e *Digital Journalism*. O autor estabelece uma compreensão sobre o agir cartográfico e a emergência da reconfiguração do jornalismo a partir da interconexão com as tecnologias da informação e comunicação. Assim, compreende que o jornalismo não pode manter-se alheio ao que lhe rodeia e, principalmente, dialogar com as mediações e demandas oriundas das redes sociais digitais (OSÓRIO, 2018).

Dessa forma, estabelece a constituição do cibercontecimento *breaking News*. A definição surge a partir do conceito de cibercontecimento (HENN, 2014) em que a singularidade e a potencialidade em redes digitais transformam os acontecimentos, que desencadeiam sentidos em múltiplas reverberações. Para exemplificar o poder de afetação do cibercontecimento *breaking news* no jornalismo, o autor recorre ao livro *Cartografia Sentimental*, de Suely Rolnik (2011) e relaciona o poder de afetação mencionado pela autora:

O sentimental do título, como também já foi dito, não está ligado a sentimentalismo, e sim ao afeto, ao ato de afetar. Assim, a ideia em descrever esses movimentos é demonstrar como o processo evenemencial do cibercontecimento *breaking news* afeta o jornalismo ao eclodir em rede (OSÓRIO, 2018, p. 52).

Entretanto, diferente do caso estudado nesta pesquisa, o autor aponta a eclosão do cibercontecimento *breaking news* como uma possibilidade e evolução do *breaking news na* ambiência digital, compreendendo suas dimensões como acontecimento-intensidade. Assim, estabelece um cibercontecimento distinto das categorias já identificadas por Henn (2015). Isso posto, compreendemos que nossa pesquisa, ainda que dialogue com as questões de afetação do jornalismo, concentra-se em um cibercontecimento situado na categoria das *subjetividades*. Visto que, sua singularidade está no campo de sentidos disparados pelo abraço

de Drauzio e Suzy. Além disso, o caso de estudo de nossa pesquisa não é do campo da urgência, como trata Osório (2018), pois surge a partir da reelaboração e reverberação da contestação de uma reportagem e dos novos elementos adicionados à disputa de sentidos.

A comunicação em redes sociais digitais possui seus próprios códigos, signos, símbolos e regras. A diversificação de sentidos e a disseminação de conteúdos por meio de mensagens fragmentadas de compartilhamento é identificada como *meme*⁴. Nesse sentido, assim como em pesquisas anteriores sobre ciberacontecimentos (HENN, 2014), é frequente a ocorrência desse formato de conteúdo digital, a partir da pujança de sentidos acionados.

Os autores Maria Clara Aquino e Christian Gonzatti (2017), por exemplo, investigaram o ciclo de vida de um *meme*, a partir do caso de ciberacontecimento, envolvendo a publicação de uma foto que continha a imagem de uma capivara. Após a publicação no *Facebook*, em 2016, o paranaense Guilherme do Valle ganhou ampla repercussão. Isso porque, em seu *post*, o jovem descrevia a capivara como um animal doméstico, neste caso um cachorro, ficando conhecido como o *meme* capivara-cachorro. No texto da publicação não ficava claro se o jovem sabia que era uma capivara ou se buscava entender qual seria o nome da “raça rara” de “cachorro” que havia encontrado perto de sua casa. O caso obteve destaque em portais jornalísticos. Por fim, ao ser questionado, Guilherme explicou que se tratava de uma brincadeira com um colega. A ideia surgira após uma conversa entre amigos que buscava compreender como funcionavam o engajamento e o compartilhamento de campanhas de doações para pessoas doentes via *Facebook*.

Outro ciberacontecimento estudado por Marlon Dias e Ronaldo Henn (2021) também propicia o surgimento de um *meme*, conhecido como: “cleusa mala e cuia”. A constituição do caso ocorre a partir de uma publicação, em 2019, no *Facebook*, em forma de desabafo. Em seu perfil na plataforma, Cleusa Cruz relatou sua indignação após a terceira tentativa frustrada de divórcio no cartório de Taquara, em Jacarepaguá, no Rio de Janeiro. Cleusa explicou toda sua trajetória na tentativa de conseguir a assinatura do ex-companheiro, Denilson Florenço, e a dificuldade enfrentada, mesmo após estar 25 anos separada de Denilson.

Em seu relato, Cleusa apontou todos os motivos e tentativas da assinatura do divórcio, avisando que após o retorno de uma viagem se mudaria para casa do ex-companheiro de “mala e cuia”. Nas plataformas de redes sociais digitais, a publicação obteve amplo

⁴ Não há um conceito único de *meme*. Para nossa compreensão recorreremos à seguinte definição: “Um ‘meme’, portanto, pode ser definido como uma unidade de cultura transmitida de uma pessoa para outra” (MARTINO; GROHMANN, 2018, p. 95). Para aprofundamento e aporte teórico sugerimos as leituras de Dawkins (1976); Susan Blackmore (1999); Mônica Ferrari Nunes (2001); Schiffman (2014) e Gustavo Leal Toledo (2017), autores capazes de ampliar a compreensão em torno do assunto. Além disso, Viktor Chagas (2021) fez uma revisão de literatura partindo dos anos 70 e situando a importância da abordagem deste tema.

compartilhamento e foi pela *hashtag* #cleusademalaecuia que ficaram agrupados os conteúdos em torno do caso. As publicações incluíram *memes*, criação de evento no *Facebook* para acompanhar o desfecho (com a chegada da data do retorno da viagem de Cleusa) e apropriações publicitárias.

Neste caso de ciberacontecimento, os autores examinaram como se interconectaram a performatividade digital em torno do relato de Cleusa e os sentidos desencadeados. Além disso, identificaram apropriações publicitárias e de atores sociais a partir da publicação original e como questões de cunho privado são agenciadas em redes digitais (DIAS; HENN, 2021).

Isso posto, com intenção de situar o leitor, entendemos a importância de pontuar que diversos ciberacontecimentos (HENN, 2014) são atravessados por esse formato de conteúdo genuíno das dinâmicas em redes sociais digitais. Inclusive, o *meme* também será um dos desdobramentos identificados na reportagem do *Fantástico*, estudada nesta pesquisa. Contudo, percebemos as diversas possibilidades das teorias meméticas e não seria viável abordá-las de maneira adequada em nossa pesquisa, em função do tempo decorrido no mestrado, bem como dos objetivos aqui delimitados.

Para dialogar com a produção de sentidos pertinente aos ciberacontecimentos, encontramos na pesquisa de mestrado de Natália Horta (2015) reflexões sobre *meme*, a partir de uma perspectiva semiótica de Peirce (2005). A autora identifica que o *meme* representa uma forma de expressão e um dizer sobre o mundo (HORTA, 2015). Isto é, o *meme* se articula como um produto midiático do nosso tempo que, de acordo com a autora, integra uma *linguagem da internet*.

Em uma nova perspectiva, Vieira (2021) amplia, em sua pesquisa de tese (com *memes* que circularam nas redes sociais digitais sobre a reprise da telenovela da *Rede Globo*, *Avenida Brasil*), a compreensão desse fenômeno e suas características dentro da cultura digital. Assim, propõe “[...] a possibilidade de observarmos a Zuera como um Gênero Midiático capaz de articular elementos massivos e pós-massivos a partir dos *memes* de telenovelas” (VIEIRA, 2021, p. 194). Ou seja, a produção de sentidos e seus formatos fragmentados em consonância com a lógica das redes sociais digitais estão intrinsecamente conectados no trecho da reportagem do *Fantástico*, que inclui a frase e o abraço de Drauzio e Suzy.

Dito isso, destaca-se ainda que a fragmentação de sentidos oriunda deste ciberacontecimento oportuniza novos conteúdos de cunho publicitário. Entretanto, difere dos casos abordados em Pilz (2017), que investiga os sentidos e apropriação das marcas *Universal Pictures* do Brasil e Havaianas. Os episódios ocorreram em torno das conversas geradas pelas

hashtags #MeuAmigoSecreto e #LoveWins. As *hashtags* pautavam discussões relativas ao combate de assédio e machismo contra mulheres e a equidade de direitos de casamentos civis para comunidade LGBTQIAP+, respectivamente. De acordo com a autora Raquel Recuero (2014), é justamente nesse ambiente de disputa, com fragmentação de informações e opiniões, que se articulam as conversas em rede:

São essas conversas públicas e coletivas que hoje influenciam a cultura, constroem fenômenos e espalham informações e memes, debatem e organizam protestos, criticam e acompanham ações políticas e públicas. E nessa conversação em rede que nossa cultura está sendo interpretada e reconstruída (RECUERO, 2014, p. 17-18).

No caso do *meme* “Solidão né, minha filha?” e da *hashtag* #Solidaoeminhafilha oriundos da reportagem do *Fantástico*, as apropriações feitas pelas marcas não representaram uma unidade de discurso na busca por debater pautas em comum. Na verdade, apesar de o *meme* estar envolto em uma reportagem que desencadeou opiniões contrárias nas redes sociais digitais, ocorreu uma série de apropriações em tom humorístico da frase. Vale ressaltar que parte dos interagentes interpretaram o uso da frase como errado e transfóbico. Isso porque, ao atribuir tom cômico à fala de Drauzio, estariam minimizando a solidão e a exclusão vividas por mulheres trans e travestis no país.

Contudo, diversas marcas que utilizaram a expressão substituíram a palavra “solidão” por outro termo mais próximo de comunicarem sua intenção na mensagem como: “saudade” ou “vontade”, por exemplo. Apesar de não representarem os sentidos originais da frase, que incluíam a difícil relação entre o sistema carcerário, mulheres trans e suas intersecções “[...] ainda mantém um contato com o elemento desencadeador dessa narrativa diversificada” (DALMONTE, 2015, p. 105). Neste caso, especificamente, a solidão, que ganhou novos contornos e expressões a partir das restrições impostas pela pandemia de COVID-19.

Dessa forma, compreendemos que questões envoltas entre o tensionamento do campo jornalístico, cibercontecimento e *memes* se interconectam neste episódio que possui diferentes aspectos que podem ser analisados. Assim, entendemos que o *meme* é um dos desdobramentos e abre amplas possibilidades de pesquisa. Todavia, em nosso estudo direcionaremos nossa atenção para investigar as potencialidades de sentidos que operam a constituição do caso como um cibercontecimento e seu poder de afetação no jornalismo.

No capítulo 2 (Uma reportagem, múltiplos sentidos), apresentaremos um resgate sobre os elementos contidos na reportagem. Para isso, no item 2.1 (A reportagem: mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência) descreveremos o conteúdo da produção

jornalística. Isso porque, compreendemos que nela existem elementos únicos que serão responsáveis pelas questões que serão abordadas nesta pesquisa. Em 2.1.1 (Reportagem e seus desdobramentos), traçaremos uma linha do tempo de todo o caminho percorrido durante a repercussão da reportagem, para ilustrar seus desfechos e consequências. Para debater o poder de afetação da reportagem no campo profissional, apresentaremos em 2.1.2 (A reportagem do *Fantástico* e o jornalismo) uma análise de 31 matérias que abordaram a reportagem. As produções jornalísticas escolhidas para compor o compilado mesclam matérias online, colunas de opinião, programas de TV e programas multiplataforma disponíveis no *YouTube* que debateram a reportagem do *Fantástico*. Em 2.1.3 (Os jornalismo possíveis e a reportagem do *Fantástico*) apresentaremos possibilidades acerca de alternativas pensadas a partir do jornalismo proposto na reportagem de Drauzio exibida no *Fantástico*. Para finalizar a etapa dos desdobramentos, abordaremos em 2.1.4 (A reportagem do *Fantástico* e as redes sociais digitais) os múltiplos caminhos percorridos a partir da veiculação da reportagem nas redes sociais digitais. Assim, dialogaremos a partir de autores como Márcia Veiga da Silva (2010), André (2018; 2020), Gonçalves (2020), Carvalho (2018), Coelho Sobrinho (2013), Gomes (2009), Charron (2019) e Pereira Júnior (2010) o tensionamento no jornalismo em razão da reportagem.

Após construir essa reflexão sobre o jornalismo e a reportagem, apresentaremos uma discussão no capítulo 3 (O acontecer) sobre as perspectivas acontecimentais do caso. Em 3.1 (Entendendo o acontecer) abordaremos como surgem e podem ser explicados os acontecimentos a partir de autores como Deleuze (1998), Quéré (2005; 2011) e Burke (1992). No item 3.1.1 (O acontecimento jornalístico) apresentaremos abordagens teóricas a partir de autores como Rodrigues (1993), Charaudeau (2006), Vera França e Roberto Almeida (2008) e Henn (2010) sobre a compreensão do acontecimento jornalístico. Para entender como se formam os públicos em relação aos acontecimentos, discutiremos em 3.1.2 (Os públicos e os acontecimentos) como ocorre a experiência do acontecimento em relação à sua recepção no público. A partir dessas reflexões, abordaremos no item 3.2 (Da potência ao ciberacontecimento) como se processam e interconectam as compreensões do acontecimento, jornalismo e públicos para entender a potência e ocorrência do ciberacontecimento. Em 3.2.1 (Possibilidades de ciberacontecimentos), exploraremos as categorias distintas de ciberacontecimentos, alguns casos estudados anteriormente sob esta perspectiva e em qual esfera de ciberacontecimentos está situada nossa pesquisa. Contamos com aporte teórico de autores como Henn (2010; 2013; 2014), Osório (2018) e Maria Aquino B. (2015).

Na medida em que compreendemos a ocorrência do ciberacontecimento, é necessário investigar as conexões e sentidos provocados a partir da repercussão da reportagem envolvendo as temáticas de gênero. Assim, no capítulo 4 (Uma questão de gênero) realizaremos nossa reflexão amparadas em autoras como Guacira Louro (1997; 2000; 2003) e Judith Butler (2003; 2019). Em 4.1 (Pontos de partida) exemplificaremos algumas expressões usadas nos estudos de gênero para garantir a compreensão do leitor sobre esse tópico.

No item 4.2 (Corporalidades: corpos que incomodam) dialogaremos com a relação dos corpos presentes na reportagem do *Fantástico*, suas expressões e tensionamentos no campo midiático. Nossa abordagem incluirá discussões de autoras como Silvana Goellner (2013), Simone Beauvoir (2016), Letícia Nascimento (2021) e Nísia Martins do Rosário (2022). Para compreender a realidade das mulheres trans e travestis no país, abordaremos em 4.3 ((R)existência trans no Brasil) um panorama com dados sobre a população trans no país. Em 4.3.1 (Pessoas trans e o sistema prisional) buscaremos dimensionar as condições, especificamente, de mulheres trans e travestis no cárcere. O tema gênero atravessa nossa pesquisa, por isso, discutiremos em 4.4 (Gênero e a reportagem do *Fantástico*) essas relações com aporte teórico de autores de diferentes áreas de estudo como gênero, jornalismo e redes sociais digitais.

As questões de transfobia e discurso de ódio estão presentes e diretamente interligadas em nossa pesquisa e serão abordadas no capítulo 5 (O ódio como discurso). Organizamos esse tópico propondo uma discussão em 5.1 (O que é o discurso de ódio?) sobre como se manifesta o discurso de ódio, partindo de autores como Winfried Brugger (2007), Aline Dalmolin (2015), Gabriela Pereira (2018). Na sequência, em 5.2 (Discurso de ódio e redes sociais digitais no Brasil) compreenderemos como se processa o discurso de ódio na ambiência digital. Para isso, recorreremos a reflexões de autores de diferentes áreas de estudo, cujo intuito é dimensionar a intensidade com que esse fenômeno está presente em nossa sociedade. Por fim, em 5.3 (Gênero e discurso de ódio como catalisadores de ciberacontecimentos) discutiremos como pautas de gênero e o discurso de ódio, resultam em diferentes ciberacontecimentos. Nosso aporte teórico incluirá autores como Christian Gonzatti (2022), Ronaldo Henn e Felipe Machado (2015).

Em seguida, apresentaremos no capítulo 6 (Caminhos metodológicos) e no item 6.1 (Criando caminhos de estudo) como construímos nossa abordagem metodológica. Em 6.1.2 (Delimitando o corpus de análise) explicaremos de que maneira realizamos a coleta de dados para análise. Na sequência, em 6.2 (Construindo a análise de sentidos) apresentaremos a

Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (HENN, 2014) e a sua relação com a cartografia sentimental de Suely Rolnik (2011).

A metodologia desta pesquisa consiste na Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (HENN, 2014), em desenvolvimento pelo Laboratório de Investigação do Cibercontecimento (LIC)⁵. Essa abordagem propõe uma análise que identifica e categoriza os sentidos operados a partir de acontecimentos em redes sociais digitais. Durante a fase de mapeamento do *corpus* de pesquisa para a Análise de Construção de Sentido em Redes Digitais (HENN, 2014), associamos as perambulações, acompanhamentos e imersões no ambiente digital (Débora LEITÃO; Laura GOMES, 2017).

As autoras baseiam-se no entendimento de circular por caminhos de *hashtags*, mensagens e imagens, cujo intuito é explorar a ambiência digital compreendendo suas particularidades, transitoriedade perambulando seus espaços e observando como se desenvolvem (LEITÃO; GOMES, 2017). Na medida em que percorremos essas ambiências digitais, encontramos materialidades distintas a partir de desdobramentos da repercussão da reportagem em portais jornalísticos e plataformas de redes sociais digitais como *Facebook*, *Instagram*, *YouTube* e *Twitter*. Além disso, também foi possível identificar como o jornalismo repercutiu a reportagem e de que forma esse processo afetou o campo profissional.

Posteriormente, em 6.3 (Como vamos do céu ao inferno) explicaremos como surgiu o nome *Do Céu ao Inferno*, a partir das relações com elementos presentes em toda a pesquisa com as expressões: céu, purgatório e inferno. Essa perspectiva ocorre em razão do *corpus* de pesquisa, que inclui 2.035 *tweets* coletados, no período de 2 a 30 de março de 2020, via API do *Twitter*, em dezembro de 2021. Os comentários coletados foram publicados por usuários do *Twitter* em resposta ao vídeo da reportagem, com o trecho da matéria contendo o abraço e a frase dita por Drauzio à Suzy. O vídeo com o trecho da reportagem foi postado no perfil oficial do programa televisivo *Fantástico*, da *Rede Globo*, em 2 de março de 2020.

Assim, em 6.4 (Inferências do Céu, Purgatório e Inferno) apresentaremos os resultados de nossa análise e os apontamentos de cada período: *Céu*, *Purgatório* e *Inferno* nos itens 6.4.1; 6.4.2 e 6.4.3, respectivamente. As questões sobre discurso de ódio, a situação de pessoas trans e travestis no sistema prisional brasileiro e o momento político vivido no país estão presentes na pesquisa. Por isso, entendemos a necessidade de ampliar a compreensão

⁵ Laboratório de Investigação do Cibercontecimento (LIC), grupo de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), que desenvolve pesquisas sobre cibercontecimentos a partir de análises de sentido e informações coletadas nas redes sociais digitais. O grupo é coordenado pelos professores doutores Maria Clara Aquino e Ronaldo Henn.

sobre os diversos elementos capazes de compor as singularidades e conexões contidas neste episódio. A soma de todos esses fatores é capaz de compor o cenário de ampla explosão de sentidos e articulação entre os interagentes nas redes sociais digitais, que será verificável nos resultados da nossa análise.

2 UMA REPORTAGEM, MÚLTIPLOS SENTIDOS

Nossa pesquisa visa compreender os sentidos desencadeados a partir da repercussão da reportagem *Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência*, exibida em 1º de março de 2020, no programa dominical *Fantástico*, da *Rede Globo* (GLOBOPLAY, 2020b). Na medida em que a reportagem é veiculada, instaura processos de disputa sobre Suzy de Oliveira dos Santos e múltiplos sentidos são acionados. A repercussão da reportagem, cujas manifestações de afeto em relação ao gesto e frase de Drauzio Varella à Suzy reverberaram, inicia uma corrida para desvendar o porquê de Suzy não receber visitas e estar há tantos anos apenas em regime fechado. Vale ressaltar que a reportagem, sua repercussão e desdobramentos coincidiram com o início e aumento de casos de COVID-19 no Brasil, com transmissão comunitária declarada em 21 de março de 2020 (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020).

Assim, a partir de especulações e publicações em perfis de plataformas de redes sociais digitais, começa a circular o acórdão da sentença contendo os crimes cometidos por Suzy. As informações compartilhadas nas plataformas de redes sociais digitais são confirmadas pela matéria do portal *O Antagonista*, em 8 de março de 2020, sob título: *Trans abraçada por Drauzio Varella no Fantástico estuprou e estrangulou menino de 9 anos* (TRANS..., 2020a). No momento em que a reportagem e a apuração jornalística realizada pela maior emissora do país são questionadas, ocorre um processo de manifestações contra Suzy, Drauzio e *Rede Globo*, intercaladas por questões político partidárias, gênero e discursos de ódio.

Dessa forma, vamos apresentar algumas reflexões sobre os tensionamentos e afetação em relação ao jornalismo e a repercussão da contestação da apuração. Além disso, será necessário compreender questões relacionadas à desinformação, dentro da atual conjuntura de intensas disputas políticas e discursos de ódio, acentuadas pela pandemia de COVID-19. Assim, é importante contextualizar o momento atual do jornalismo e da comunicação.

O jornalismo está sendo tensionado em função da evolução e popularização da tecnologia. Hoje, não são apenas jornalistas que reportam acontecimentos e as redes sociais digitais oportunizaram o ingresso de diferentes atores dentro da comunicação. Com a internet, múltiplos conteúdos estão mais acessíveis ao público, o que força o campo profissional a rever seus preceitos, práticas e lugar no espaço comunicacional. De acordo com as autoras Christa Berger e Vanessa Hauser (2015), “Pela primeira vez, o jornalismo é tensionado a

olhar para si, para as suas funções.” Isto é, não sentencia o fim do jornalismo, mas evidencia uma crise que resulta em uma adaptação de sua estrutura (HENN, 2014).

A seguir, organizaremos nosso estudo apresentando uma contextualização da reportagem e seus desdobramentos. A partir dessa exposição, abordaremos conceitos pertinentes ao tensionamento do jornalismo e as interconexões entre checagem, apuração e ética. Lembrando que, quando nos referimos à apuração, não buscamos compreender em si como ocorreu esse processo na construção da reportagem. Nosso intuito é explorar como essa premissa é pertinente ao campo profissional do jornalismo e quais os debates são desencadeados quando esse processo é questionado. No caso de nossa pesquisa, ocorre na contestação da apuração que produz um tensionamento no campo profissional.

2.1 Reportagem: *Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência*

É importante destacarmos como a reportagem é apresentada ao público pela forma como aborda temas que causam grande debate na sociedade, pois tensionam assuntos tabu no Brasil: sistema carcerário e gênero, neste caso, mulheres trans. Além disso, também entendemos que as singularidades que ocorrem na reportagem integram o ambiente para que haja o ciberacontecimento.

Na edição do programa *Fantástico*, da *Rede Globo*, de 1º de março de 2020, foi ao ar a reportagem de 13 minutos e 38 segundos intitulada *Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência* (GLOBOPLAY, 2020b). A reportagem inicia com um panorama do sistema carcerário brasileiro no que diz respeito à situação de mulheres trans e travestis. De acordo com a matéria, só nos presídios paulistas 700 mulheres trans estão alocadas em presídios masculinos. A partir dessa informação, Drauzio Varella entra em cena e começa a narrar sua atuação como médico voluntário, há 30 anos, em diferentes penitenciárias brasileiras.

Neste momento, ele está em uma sala do Centro de Detenção Provisória de Pinheiros, em São Paulo, com diversas mulheres trans conversando sobre questões de gênero, vida e saúde. Em seguida, Drauzio revela seu trabalho no sistema carcerário no Carandiru, em 1989, e já naquela época atendia mulheres trans e travestis - e estudou sobre questões de gênero para realizar os atendimentos médicos. Desde então, o médico passou a realizar palestras para mulheres trans e travestis nos presídios e prestar suporte específico a elas. A experiência de 10 anos como médico voluntário na Casa de Detenção de São Paulo deu origem ao livro *Estação Carandiru*, que relata a realidade, à época, do maior presídio do Brasil. A obra escrita

por Drauzio em 1999 ganhou o prêmio Jabuti de melhor livro, do ano 2000. Em 2003, o livro foi adaptado para o cinema por Hector Babenco (VARELLA, 2022).

Na sequência, Drauzio fala sobre a epidemia causada pelo Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), vivida na década de 80, e da necessidade de ampliação da distribuição de preservativos dentro dos presídios. A seguir, o médico aborda o tema da prostituição que muitas mulheres trans vivem dentro e fora da cadeia. Posteriormente, ele inicia entrevistas individuais com quatro apenadas em diferentes presídios brasileiros. A primeira entrevistada Thais Pereira de Lima, 29 anos, ensina outros detentos a preparar doces no Presídio de Igarassu, em Pernambuco, o qual possui ala específica dedicada às mulheres trans e travestis. No Centro de Detenção Provisória de Pinheiros, em São Paulo, conversa com Suzy de Oliveira dos Santos, 30 anos. A detenta relata que se prostituiu durante os primeiros quatro anos até conseguir seu emprego no presídio, na produção de placas para vedação de canos. Na Penitenciária José Parada Neto, em São Paulo, o médico entrevista Lolla Ferreira Lima, 35 anos. Lolla faz curso de maquiagem oferecido por uma maquiadora que atua voluntariamente no presídio. Em Pernambuco, no Presídio de Tacaimbó, Drauzio conta a história de amor de Robson da Silva Lima, 30 anos, e sua companheira (que não teve o nome e idade divulgados durante a entrevista), que se conheceram e se casaram dentro da penitenciária.

Após os relatos, o médico conversa um pouco mais com as reeducandas e fala da questão de solidão que diversas mulheres trans vivem ao ingressarem no sistema prisional. Nesta sequência, ao falar sobre questões afetivas, Drauzio volta a conversar com Suzy, que revela que seu marido havia sido transferido para outra penitenciária e que estava sozinha. Neste instante, Suzy é questionada pelo médico sobre há quanto tempo não recebia visitas na cadeia, ao que responde entre sete ou oito anos. Surpreso e comovido com a resposta, Drauzio diz: “Solidão, né minha filha?” e abraça Suzy (GLOBOPLAY, 2020b).

Em seguida, a reportagem apresenta um panorama com dados sobre mulheres trans que estão no sistema prisional. Os dados revelam que 50% das detentas têm entre 35 e 45 anos; 46,2% de 18 a 29 anos; e 3,8% mais de 45 anos. A partir de informações, do então Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, a reportagem aponta os crimes mais cometidos: roubo 38,5%; tráfico 34,6%; furto 15,4%; homicídio 7,7% e associação com o tráfico 3,8%.

Neste instante da reportagem, ao informar que o maior motivo de prisão é por roubo, é revelado que este fora justamente o crime cometido por Lolla. A partir de então, é registrado o processo de encerramento do cumprimento de sua pena e seu retorno ao convívio familiar.

Durante a veiculação da produção jornalística é interessante observar que Suzy, a personagem que obteve grande apelo por parte do público, não era a entrevistada com maior destaque. Na verdade, Lolla é a personagem que apresenta uma sequência de acontecimentos mais completa na reportagem. Em seu depoimento, Lolla revela a difícil relação entre estar livre e presa, ao mesmo tempo. Isso porque, mesmo feliz por estar fora da cadeia, ela não está livre para ser quem é. Para reduzir o preconceito por ser uma mulher trans egressa do sistema prisional, Lolla precisou assumir uma identidade masculina. Ao não conseguir um emprego formal atua vendendo água nas ruas da cidade, vestida de palhaço.

A seguir, para fins de contextualização, realizaremos a recapitulação dos diversos desdobramentos que a reportagem obteve após sua veiculação. À medida que relatamos cada etapa, convidamos o leitor a explorar os diferentes aspectos e singularidades que formam o ambiente que desencadeia múltiplos sentidos.

2.1.1 Repercussão e desdobramentos

Após a exibição da reportagem, houve grande comoção por parte do público em relação ao gesto de Drauzio Varella, em abraçar Suzy. No dia 2 de março de 2020, o perfil oficial do programa *Fantástico* no *Twitter* publicou o trecho da reportagem em que o médico fala a frase “Solidão, né minha filha?” e abraça Suzy. A publicação obteve 964,7 mil visualizações, 29,5 mil curtidas, 3.888 *retweets* e 2.300 *tweets* com comentários.

Os desdobramentos ocorridos a partir da veiculação da reportagem foram diversos. Dessa maneira, apresentamos no Apêndice A – Linha do Tempo um resgate de todos os acontecimentos e posteriormente relacionamos com nossa proposta de análise, cuja abordagem metodológica é construída a partir da Análise e Construção de Sentidos em Redes Digitais (HENN, 2014). De acordo com Apêndice A, é possível notar que a reportagem desencadeou uma série de tensionamentos e obteve um arco de acontecimentos extenso. Desde a repercussão positiva com campanhas em apoio à Suzy e Lolla, até um pedido de desculpas por parte da *Rede Globo* e Drauzio Varella à família de Fábio dos Santos Lemos e ao público (GLOBOPLAY, 2020a). Por fim, culminando em um processo judicial movido pela família da vítima contra a *Rede Globo* e o médico Drauzio Varella (DRAUZIO...2021).

Na medida em que a polêmica em torno da reportagem é encerrada, o *meme*, a partir da frase dita por Drauzio, ganha nova interpretação. Isso porque, poucos dias após o desfecho da reportagem, a transmissão comunitária de COVID-19 é declarada no Brasil e as medidas de distanciamento social são decretadas para conter o contágio do vírus. No próximo item,

discutiremos especificamente sobre as questões tensionadas pela reportagem nos seguintes cenários: no campo profissional, com a repercussão no jornalismo; reflexões teóricas e perspectivas abordadas nas redes sociais digitais.

2.1.2 A reportagem do *Fantástico* e o jornalismo

Para compreender como o campo profissional do jornalismo processou a reportagem, seus desdobramentos e tensões, localizamos produções jornalísticas sobre o desfecho da reportagem *Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência*, do programa *Fantástico*, da *Rede Globo* (GLOBOPLAY, 2020b). A necessidade de explorar esse movimento de sentidos ocorreu posteriormente à banca de qualificação. Dessa forma, nosso critério de seleção busca abordar como o episódio foi retratado por veículos de imprensa, profissionais do jornalismo e suas concepções. Dito isso, para realizar a coleta incluímos as palavras-chave “Drauzio Varella”, “Suzy de Oliveira”, na ferramenta de busca *Google*, em 7 de setembro de 2022.

Em função dos diversos desfechos e processos jurídicos que envolveram a reportagem, foram desconsiderados os resultados de pesquisa localizados da primeira até a quarta página de busca. Isso porque, nossa investigação concentra-se na compreensão e reverberação do campo profissional a respeito da reportagem em seu período de eclosão e multiplicidade de sentidos. Por isso, a partir da quinta página de resultados da plataforma *Google*, foi possível localizar 30 produtos jornalísticos com proximidade temporal à veiculação da reportagem, com data de publicação entre 3 de março de 2020 a 20 de abril de 2020.

Assim, nos materiais encontrados mesclamos repercussões em produtos jornalísticos em distintos formatos: matérias em portais de notícias, programa de TV, programas multiplataforma e colunas de opinião. Ao incluir distintos produtos jornalísticos, propomos um panorama que representa um quadro diverso sobre como o jornalismo e seus profissionais refletem suas produções, erros, acertos e possibilidades no campo profissional. Conforme o Quadro 1, organizado por ordem cronológica, foram coletados 30 produtos jornalísticos que debatem a reportagem analisada neste estudo. Os materiais jornalísticos versam sobre a atuação de Drauzio Varella, a *Rede Globo* e as consequências sobre a participação da apenada Suzy de Oliveira dos Santos.

Ao final da coleta, decidimos incluir a matéria publicada na revista *Veja* de São Paulo, em 21 de julho de 2022, intitulada *Drauzio Varella busca sucessor para continuar seu trabalho em presídios* (QUINTELA, 2022). A matéria aparece no topo da busca do *Google*

realizada em 7 de setembro de 2022, por ser uma produção jornalística sobre Drauzio Varella mais recente. Nossa decisão justifica-se por compreendermos que, em entrevista à *Veja*, é a primeira vez em nossa pesquisa que localizamos uma reflexão do médico Drauzio Varella sobre sua atuação na reportagem. Visto que, anteriormente, o médico havia se manifestado somente via notas de esclarecimento ou pedidos formais de desculpas em relação à reportagem do *Fantástico*. Por isso, o conjunto da coleta totaliza 30 produções jornalísticas distribuídas no período de 3 de março de 2020 a 20 de abril de 2020 e uma matéria publicada em 21 de julho de 2022, totalizando 31 produções jornalísticas.

Quadro 1 - Repercussão no campo profissional

Veículo	Título	Data	Conteúdo	Formato
Jornal Extra (Carolina NALIN, 2020)	<i>Sete momentos em que Drauzio deu aula de sensibilidade</i>	3/3/2020	Lista com 7 momentos memoráveis de Drauzio, algo comum no ambiente digital, listas estilo <i>Buzzfeed</i> , antes da contestação	Matéria online
Notícias da TV UOL (Elba KRISS, 2020)	<i>Reportagem de Drauzio Varella que comoveu o Brasil demorou cinco meses</i>	4/3/2020	Informa que a reportagem levou cinco meses para ser realizada, fala sobre o percurso em distintos presídios brasileiros	Matéria online
Metrópoles (TRANS..., 2020b)	<i>Trans abraçada por Drauzio foi condenada por estupro e morte de criança</i>	8/3/2020	Resgata todas as informações da reportagem e cita críticas recebidas nas redes sociais digitais	Matéria online
Na Telinha UOL (DRAUZIO..., 2020a)	<i>Drauzio Varella comenta críticas por ter abraçado presidiária. Diz que é médico e não juiz</i>	8/3/2020	Resgata os acontecimentos e pontua: “Drauzio contou ainda que, por princípio, não fez um pente fino para escolher qual tipo de presidiária poderia participar...” (DRAUZIO..., 2020a).	Matéria online

Observatório da TV/UOL (BRANDÃO, 2020)	<i>Sonia Abrão critica Drauzio Varella com assassina trans-faltou transparência</i>	8/3/2020	Cita todo o histórico ocorrido e pontua frases da Sonia Abrão criticando a reportagem, Drauzio Varella e <i>Rede Globo</i>	Matéria online
A Tarde é Sua (RedeTV!, 2020)	<i>Sonia Abrão critica Drauzio Varella em reportagem com trans: “Não teve transparência”</i>	9/3/2020	Retira a alcunha de “tapete vermelho” para reportagem do <i>Fantástico</i> e Drauzio, questiona o médico de que ali não é juiz, reitera pedido de desculpas de Drauzio e <i>Globo</i> , questiona questões no jornalismo	Programa <i>A Tarde É Sua - 19'25”</i> . Fala sobre o caso exibido em rede nacional pela <i>RedeTV</i>
Congresso em Foco (DRAUZIO..., 2020b)	<i>Drauzio Varella responde a ataques por reportagem com detenta trans</i>	9/3/2020	Resgata todos os fatos e mostra as ameaças que ambos estão recebendo	Matéria online
Estadão (APÓS..., 2020a)	<i>Após revelação de crime, detenta trans, Drauzio Varella e Globo se manifestam</i>	9/3/2020	Resgata todas as informações da reportagem e cita críticas	Matéria online
Folha de São Paulo (GOES, 2020)	<i>Tentativa de destruição da reputação de Drauzio Varella é asquerosa</i>	9/3/2020	Cita que, do seu ponto de vista, <i>Rede Globo</i> e Drauzio não erraram, visto que a matéria não buscava analisar os crimes, mas a estrutura de penitenciárias para população trans	Coluna de opinião: Tony Goes
Folha de São Paulo (TRANS..., 2020c)	<i>Trans abraçada por Drauzio foi condenada por estupro e morte de criança</i>	9/3/2020	Recupera os fatos e informa que a reportagem virou alvo de grupos bolsonaristas, incluindo o ex-presidente Bolsonaro e seus filhos	Matéria online

Jornal do Comércio Pernambuco (MACIEL, 2020)	<i>A detenta trans Suzy e a carência eleitoral</i>	9/3/2020	Aborda como a caridade seletiva não é caridade e empatia interessada não é empatia. Quem não aprende isso, precisa de igreja e psicólogo antes de ajudar ou votar em alguém	Coluna de opinião: Igor Maciel
Jornal do Comércio Pernambuco (Katarina MORAES, 2020a)	<i>O julgamento do caso da detenta Suzy e do doutor Drauzio Varella no tribunal da internet</i>	9/3/2020	Aborda questões de escrutínios públicos a que estão submetidas atualmente pessoas em razão do “tribunal da internet”, atenta para o fato de que em razão de um gesto para uma camada marginalizada da sociedade, Drauzio estava sofrendo ameaças	Coluna de opinião
Jornal O Tempo (TRANS..., 2020d)	<i>Trans abraçada por Drauzio foi condenada por estupro e morte de criança</i>	9/3/2020	Faz um resgate de todos os acontecimentos e afirma que a maior parte das críticas, no entanto, não ocorreu pelo abraço dado pelo médico, mas pela omissão na reportagem ao não informar o crime de Suzy	Matéria online. São parecidas entre si e apresentam somente o resgate dos fatos
Hypeness (FERREIRA, 2020)	<i>Drauzio Varella sob ataque aumenta invisibilidade trans na cadeia</i>	9/3/2020	Cita a questão da invisibilidade de pessoas trans e os ataques sofridos por Drauzio. Cita ataques similares contra o padre Júlio Lancelotti	Matéria online
Metrópoles (Manoela ALCÂNTARA, 2020)	<i>Tia de Suzy detalha casos de abusos cometidos pela transexual</i>	9/3/2020	Cobre os fatos resgatando as informações e traz depoimentos da tia de Suzy sobre os crimes cometidos pela apenada	Matéria online
NSC (Carolina MARASCO, 2020)	<i>Drauzio Varella publica nota após críticas a abraço em detenta trans</i>	9/3/2020	Resgata informações sobre todo o caso e informa sobre a comoção e falta de transparência da matéria	Matéria online

<p>Os Pingos nos Is' - Jovem Pan</p> <p>(OS PINGOS NOS IS, 2020a)</p>	<p><i>Os Pingos Nos Is - 9/3/2020 - Caso Suzy / Mercados em pânico / Gleisi explora crise</i></p>	<p>9/3/2020</p>	<p>Críticas severas e sugerem pedido de desculpas que a <i>Globo</i> e Drauzio devem realizar aos 44” minutos iniciais. Além disso, questionam que o nome social de Suzy na reportagem poderia causar apagamento de crimes cometidos pela detenta</p>	<p>Programa Multiplataforma <i>Os Pingos nos Is' é</i>. Por Vitor Brown, com comentári de Augusto Nunes, José Maria Trindade, Guilherme Fiuza e Ana Paula Henkel. Vídeo no <i>YouTube</i></p>
<p>Portal Universa: UOL</p> <p>(Nina LEMOS, 2020)</p>	<p><i>Nina Lemos - Drauzio sendo atacado por abraçar condenada a crime é prova de país doente</i></p>	<p>9/3/2020</p>	<p>Apresenta uma análise e recupera questões de ódio e política e encerra questionando o quanto o abraço está sendo usado para prejudicar Drauzio por bolsonaristas, por sua atuação com pautas ligadas aos direitos de grupos LGBTQIAP+, direitos reprodutivos femininos, população carcerária</p>	<p>Coluna opinião: Nina Lemos</p>
<p>Programa Morning Show- Jovem Pan</p> <p>(MORNING, 2020)</p>	<p><i>Drauzio e Globo são detonados por “abraço” em trans. Suzy foi condenada por estuprar e matar criança- Morning Show</i></p>	<p>9/3/2020</p>	<p>Críticas severas à <i>Rede Globo</i>, Drauzio e Suzy, por não apresentarem as informações ao público. Chama a matéria de criminosa e faz grande crítica a todos. Exigem pedido de desculpas de Drauzio e <i>Globo</i></p>	<p>Programa multiplataforma, disponível no canal do <i>YT</i> da Jovem Pan. Programa com duração de 25 minutos debatendo temas do dia</p>

<p>R7 Online (MÃE..., 2020a)</p>	<p><i>Mãe de criança morta por trans abraçada no Fantástico para Sikera Jr: eu recebi o quê?</i></p>	<p>9/3/2020</p>	<p>Mãe de criança morta por trans abraçada no <i>Fantástico</i> para Sikêra Jr: “Eu recebi o quê?”. Matéria sobre a reportagem e direciona para o vídeo do programa <i>Alerta Nacional</i></p>	<p>Matéria online</p>
<p>Jornal Opção (HIROSE, 2020)</p>	<p><i>Drauzio e a Trans Suzy é possível ter empatia diante da barbárie?</i></p>	<p>10/3/2020</p>	<p>Aponta as questões complexas envoltas na reportagem e finaliza: “Há seres humanos imperdoáveis? Há seres humanos que não merecem um abraço? Quais as fronteiras da compaixão? Quaisquer que sejam as respostas, fica a convicção de que Drauzio merece todos os holofotes que o iluminam. Não é para qualquer um abraçar alguém que carrega toda sorte de situações que só causam repúdio. Eu não sei se conseguiria” (HIROSE, 2020)</p>	<p>Coluna opinião: Rodrigo Hirose</p>
<p>Notícias da TV UOL (DRAUZIO..., 2020c)</p>	<p><i>Drauzio Varella se desculpa por vídeo de trans condenada: 'Crime que choca a todos nós'</i></p>	<p>10/3/2020</p>	<p>Relata toda a repercussão sobre a reportagem e não dialoga com as questões sobre jornalismo, apenas traz os desfechos. Tampouco contextualiza a questão da apuração, já que na matéria anterior trazia informações sobre a apuração e produção da reportagem</p>	<p>Matéria online</p>
<p>Os Pingos nos Is'- Jovem Pan (OS PINGOS NOS IS, 2020b)</p>	<p><i>Os Pingos nos Is' – 10/03/2020 - Drauzio pede desculpas / Seis anos de Lava Jato / Cassação do PT</i></p>	<p>10/3/2020</p>	<p>Inicia já chamando “transsexual assassina”, repassa o vídeo da nota de Drauzio e os comentários de apresentadores são críticos à <i>Rede Globo</i>, Drauzio e equipe de jornalismo. São 12 minutos debatendo o tema</p>	<p><i>Os Pingos nos Is'</i>, por Vitor Brown com comentário de Augusto Nunes, José Maria Trindade, Guilherme Fiuza e Ana Paula Henkel. Vídeo no</p>

				<i>YouTube</i>
Além do Fato (TEIXEIRA, 2020)	<i>Juiz se solidariza Dr Drauzio atacado por abraçar condenada</i>	11/3/2020	Aborda questões das críticas em relação ao Drauzio e ao juiz da vara de execução de Minas Gerais. Explica como é feito o trabalho dentro de penitenciárias e a precariedade do sistema	Matéria online
Hugo Gloss (HOSKEN, 2020)	<i>TV Globo pede desculpas sobre caso Suzy e alfineta autoridades públicas e protocolos de segurança</i>	11/3/2020	Resgata todas as informações e relata que William Bonner “alfineta” autoridades e demais veículos que não respeitam protocolos de segurança	Matéria online
Folha de São Paulo (Mônica BERGAMO, 2020a)	<i>Repercussão deixou autoridades em alerta sobre segurança de Suzy de Oliveira</i>	12/3/2020	Repercussão deixou autoridades em alerta sobre a segurança de Suzy de Oliveira. Houve temor de que ela pudesse ser agredida e até morta por outros detentos	Matéria online: Mônica Bergamo
Folha de São Paulo (ZANINI, 2020)	<i>Direita canta vitória em caso de trans abraçada por Drauzio, mas briga por furo</i>	13/3/2020	Direita vê vitória emblemática das redes em caso de trans abraçada por Drauzio. Saída pela direita: para o jornalista, houve uma unificação da direita e tentativa de capitanear a narrativa e furar o jornalismo da <i>Globo</i> . Traz especialista em política e redes sociais para falar sobre o caso, que desmistifica o poder da direita e afirma que algo semelhante ocorreu com o caso da chacina de Paraisópolis	Coluna opinião: Fábio Zanini

<p>Tab Uol</p> <p>(Marie DECLERCQ, 2020)</p>	<p><i>Abracei e vou continuar abraçando: projeto beneficia pessoas trans</i></p>	<p>13/3/2020</p>	<p>Única matéria que entrevista pessoas envolvidas na reportagem. Conversa com a maquiadora e jornalista Juliana Zanoni, que aparece na matéria do <i>Fantástico</i>, voluntária em presídios desde 2016. A jovem conta que, assim como ela, a equipe e Drauzio não foram informados dos crimes das detentas, afinal é de praxe que isso não ocorra para que não seja alterado o juízo de valor dos voluntários</p>	<p>Matéria online</p>
<p>Jornal Amazonas Atual</p> <p>(LIMA, 2020)</p>	<p><i>O médico e o jornalista</i></p>	<p>15/3/2020</p>	<p>Cita os momentos da história e critica a necessidade de midiaticizar o gesto. Atenta que ali Drauzio era jornalista e não médico e que o jornalismo emocional é uma constante, principalmente, na <i>Rede Globo</i>. Cita Eugênio Bucci sobre a problemática em torno de um jornalismo que “mais emociona que informa”</p>	<p>Coluna opinião: Valmir Lima</p>
<p>Portal Terra - Blog Sala de TV</p> <p>(BENÍCIO, 2020)</p>	<p><i>Professor de TV aponta erros da Globo na matéria da trans</i></p>	<p>22/4/2020</p>	<p>Consulta do professor especialista em TV pela USP para comentar o erro da <i>Globo</i> em reportagem: “Nenhum veículo de comunicação deve transformar uma história complexa em melodrama, afirma o professor Marco Vale” (BENÍCIO, 2020). Crítica ao jornalismo em mostrar o sentimento acima da informação, no caso o abraço</p>	<p>Matéria online</p>

<p>Veja São Paulo</p> <p>(QUINTELLA, 2022)</p>	<p><i>Drauzio Varella busca sucessor para continuar seu trabalho em presídios</i></p>	<p>21/7/2022</p>	<p>Matéria sobre Drauzio e sua busca por substituto para trabalho voluntário em presídios. Declaração sobre a reportagem do <i>Fantástico</i>: “Nunca abracei uma presa ou preso nesses 33 anos. Não cabe ao médico abraçar. Foi a primeira vez. Mas vêm esses cretinos, políticos desprezíveis, jogando a história na internet. Fiquei triste por causa da família do menino. Eu não queria causar aquele sofrimento para quem passou por uma tragédia” (QUINTELLA, 2022)</p>	<p>Matéria online. Posterior ao momento de eclosão da repercussão da reportagem, porém é a primeira vez que Drauzio aborda a reportagem</p>
---	---	------------------	--	---

Fonte: Elaborado pela autora (2022).

Durante a coleta foi possível observar a mudança de direcionamento de grande parte dos veículos. Isso porque, até os dias 4 e 5 de março de 2020 diversas matérias surgem exaltando Drauzio Varella e a reportagem do *Fantástico*. Encontramos, inclusive, uma diferença de posicionamento no caso do portal jornalístico *Notícias da TV*, do Grupo UOL.

Figura 1 - Antes e Depois



Fonte: Elaborado pela autora, com base em Uol.

Em comparação, a partir da Figura 1 é possível destacar algumas inferências sobre as duas matérias jornalísticas. Na primeira imagem (à esquerda) que ilustra a matéria, publicada em 4 de março de 2020, é perceptível o tom amistoso de Drauzio Varella. Além disso, a foto

escolhida possui um semblante sereno e amigável do oncologista, capturada a partir da reportagem do programa *Fantástico, Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência*, exibida em 1º de março de 2020 (GLOBOPLAY, 2020b). O texto exalta tanto a atuação de Drauzio como o processo de coleta para composição da reportagem, incluindo falas do médico: “Nós começamos essa matéria no ano passado, por volta de outubro” (KRISS, 2020).

Entretanto, conforme o desfecho da repercussão da reportagem, em nova matéria veiculada pelo mesmo veículo realizada em 10 de março de 2020, é assumido um tom mais cauteloso. É possível compreender que a escolha da foto de Drauzio, de acordo com imagem (à direita) da Figura 1, apresenta um semblante mais sóbrio. Outro aspecto relevante é que a matéria não dialoga com a questão da apuração exaltada anteriormente ou sobre qualquer aspecto de práticas jornalísticas. No texto, são apresentados os desdobramentos e notas de esclarecimento da *Rede Globo*, Drauzio e a carta de Suzy de Oliveira dos Santos à família da vítima, mas não há discussão sobre o jornalismo (DRAUZIO VARELLA SE..., 2020).

Do total de 30 conteúdos coletados, nove matérias centram-se em apresentar o resgate de informações e detalhar os desdobramentos ocorridos e as reviravoltas citando a comoção inicial em torno da reportagem. Para isso, usam termos como “polêmica” e “repercussão negativa”. Inclusive, é possível observar que apresentam de maneira muito semelhante o caso sem problematizar a reportagem, questões sobre ética, práticas jornalísticas e apuração.

Em sete conteúdos jornalísticos foram identificadas duras críticas ao Drauzio Varella e à *Rede Globo*. Desse total, três vídeos possuem ampla circulação e suas falas repercutiram nas redes sociais digitais. Com diferentes apresentadores e abordagens, os comentários nos dois programas multiplataforma do *Grupo Jovem Pan: Morning Show* (MORNING, 2020) e *Os Pingos nos Is* (OS PINGOS, 2020a; OS PINGOS NOS IS, 2020b), apresentados entre os dias 9 e 10 de março, desaprovaram a nota de esclarecimento emitida por Drauzio Varella, a partir de sua declaração de que era médico e não juiz. Em consenso, após apontar o trabalho de Drauzio com anos de atuação como médico no sistema prisional brasileiro, afirmam que o erro do oncologista foi estender sua postura como médico na condução de uma reportagem.

Diversas críticas também são realizadas à *Rede Globo* e ao time de produção de reportagem. Para os apresentadores, ainda que Drauzio não soubesse o crime cometido pela detenta deveria ter questionado. Afinal, de acordo com eles, no momento da reportagem sua função seria de jornalista. Como fins de comparação, discutem que o crime cometido por Lolla fora revelado. Dessa forma, os comentaristas rebatem a alegação de Drauzio Varella (VARELLA, 2020) de que o foco da reportagem não seriam os crimes praticados.

Por fim, ocorre uma cobrança por responsabilização com relação à emissora *Rede Globo*. Há indicação de algumas opções: entrevista com a família da vítima de Suzy de Oliveira dos Santos e/ou um pedido de desculpas, cujo intuito seria assumir o erro jornalístico perante o público. Nota-se nesses programas, em diferentes momentos, termos como “monstro”, “o transexual”, “o assassino”, “pedófilo” e a utilização de pronomes masculinos, na maior parte das falas, para descreverem Suzy. Os apresentadores iniciam as falas com pronomes femininos. Porém, na medida em que vão tecendo apontamentos à reportagem e citando os crimes cometidos pela detenta, os pronomes mais utilizados são masculinos.

O programa *A Tarde É Sua*, da *Rede TV*, apresentado pela jornalista e apresentadora Sônia Abrão, dedicou quase 20 minutos de sua edição, exibida em 9 de março de 2020, para debater a reportagem (RedeTV!, 2020). Sônia inicia retirando a alcunha de “tapete vermelho” da reportagem, categoria do programa para enaltecer atrações de destaque na televisão brasileira, após saber a informação sobre o crime cometido por Suzy. A apresentadora critica a reportagem, ainda que reiterando sua admiração pelo trabalho desenvolvido pelo médico. Além disso, afirma que, apesar das falhas na reportagem, a credibilidade de Drauzio não é afetada.

Entretanto, a jornalista mostra sua indignação e aponta, em sua compreensão, a falta de transparência da reportagem ao não informar o crime de Suzy. Sônia afirma de forma irônica: “Faltou perguntar por que a *tia* Suzy, tão sofrida, tão legal, tão sozinha *tá* na cadeia? Essa pergunta não foi respondida. E essa pergunta mudaria a história toda como mudou quando a imprensa foi pesquisar [...]” (RedeTV!, 2020). Para a apresentadora, o problema está em ocultar o crime e deixar o público sem contexto. Além disso, cobra um pedido de desculpas por parte da *Rede Globo*. A crítica da jornalista também repercutiu nas redes sociais digitais. Os interagentes recordaram a entrevista realizada por Sônia Abrão, ao vivo, em seu programa com Lindemberg Alves enquanto ele mantinha em cárcere privado sua ex-namorada Eloá Pimentel⁶, durante sequestro que durou mais de 100 horas.

Dentro dos conteúdos jornalísticos analisados, uma matéria e três colunas de opinião abordaram uma interpretação favorável ao gesto de Drauzio e a reportagem em si. Os textos são dos jornalistas Nina Lemos, Tony Goes e Rodrigo Hirose, publicadas no portal *Universa UOL* (Nina LEMOS, 2020), *Folha de São Paulo* (GOES, 2020) e *Jornal Opção* (HIROSE, 2020), respectivamente. A partir de perspectivas distintas, as três colunas traçam paralelos

⁶ Eloá Pimentel, à época com 15 anos, foi sequestrada e mantida por mais de 100 horas em cárcere privado e depois morta pelo ex-namorado Lindemberg Alves, em Santo André, São Paulo, no ano de 2008. Para aprofundamento sobre o caso e análise da cobertura jornalística indicamos Paula Cundari e Cristiane Weber (2010).

sobre a atuação de Drauzio em presídios há mais de 30 anos e a empatia seletiva que percebem. Nina Lemos destaca as prováveis ameaças e processos de desinformação a que Drauzio estaria exposto, apenas por um abraço (LEMONS, 2020). Tony Goes pontua que não enxerga erro na reportagem. Para ele, o foco não eram os crimes e sim, as precárias condições de sobrevivência de pessoas trans em penitenciárias do país (GOES, 2020). Em sua coluna, Rodrigo Hirose destaca questões sobre o cristianismo e enaltece o desprendimento moral de Drauzio ao abraçar alguém que, de acordo com o colunista, ninguém desejaria estar próximo (HIROSE, 2020).

Em seis conteúdos, houve ocorrência de tópicos distintos abordados. Na coluna de opinião do jornalista Igor Maciel, do *Jornal do Commercio de Pernambuco* (MACIEL, 2020), há uma compreensão do autor sobre a empatia seletiva e o quanto a matéria serviu de pano de fundo para questões eleitoreiras. Inicialmente, alçando alguém que não desejava ser candidato (Drauzio Varella) ao cargo de futuro presidente. De acordo com o jornalista, esse cenário denota o quanto a carência eleitoral é prejudicial para um país e destaca os ataques e ameaças a Drauzio, por seu gesto de genuína empatia. Ainda hospedado no *Jornal do Commercio de Pernambuco*, outro texto (MORAES, 2020a) cita o quanto as questões são interpretadas e “julgadas” rapidamente pela dinâmica das redes sociais digitais.

No *Portal HypeNews* (FERREIRA, 2020), a matéria apresenta o quanto os ataques sofridos por personalidades como Drauzio Varella e o Padre Júlio Lancelotti permeiam e potencializam a invisibilidade de pessoas trans e travestis no Brasil. Ressalta-se que a figura do Padre Júlio Lancelotti é também mencionada por interagentes nos *tweets* analisados nesta pesquisa. Além disso, o texto chama atenção para o fato de que esse cenário desvia a atenção de problemas estruturais que afetam diretamente a população trans no país.

Na coluna de Mônica Bergamo, na *Folha de São Paulo* (BERGAMO, 2020a), é destacada que os ataques digitais sofridos por Suzy de Oliveira dos Santos deixaram a segurança da penitenciária em alerta. Em outro texto do portal *Além do Fato* (TEIXEIRA, 2020) é citado que um juiz de Minas Gerais se solidarizou com os ataques sofridos por Drauzio Varella e salientou a difícil tarefa de estar e prestar suporte para reeducandas do sistema prisional.

Na matéria do portal *Tab Uol* (DECLERCQ, 2020) é entrevistada Juliana Zaroni, jornalista e ativista dos direitos humanos. A jornalista participou da reportagem do *Fantástico* por sua atuação voluntária como instrutora de maquiagem para detentas, no Projeto Beleza no Cárcere. Ao portal *Tab Uol*, Juliana explica que assim como ela, equipe e Drauzio Varella desconheciam o crime cometido por Suzy. Inclusive, segundo a jornalista, a orientação padrão

é que não sejam questionados os delitos cometidos durante visitas, oficinas e cursos oferecidos em presídios. Essa produção jornalística apresenta uma abordagem distinta sobre o episódio. Isso porque, contextualiza informações do sistema prisional e inclui o depoimento de uma pessoa que participou da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b), mas não está na envolvida na polêmica. Além disso, a matéria reflete o abraço, a população trans carcerária e projetos de ressocialização, a partir da perspectiva de quem atua voluntariamente em presídios (DECLERCQ, 2020).

Nas produções jornalísticas dos portais *Hypeness* (FERREIRA, 2020) e *Tab Uol* (DECLERCQ, 2020) é possível identificar uma nova abordagem do ponto de vista jornalístico. É o que aponta Márcia Veiga da Silva (2010, p. 199): “[...] a notícia como construção social de uma realidade que é parcial, e a importância do jornalista nesse processo complexo que resulta nas formas como esta realidade é construída e representada, assim como sua incidência na cultura.” Ou seja, nota-se nessas produções jornalísticas as percepções e subjetividades dos profissionais que as produziram, que pensam e refletem questões de marcadores sociais como gênero, raça e situação econômica. Assim, poderiam indicar possibilidades de um jornalismo que privilegie subjetividades e pontos de partida distintos, de acordo com as vivências retratadas. Porém, sem perder de vista a apuração de informações e contextualização.

Por fim, somente três textos dos 30 coletados refletem práticas jornalísticas, inserindo no debate estudiosos das Ciências da Comunicação. Na coluna de opinião do jornalista Valmir Lima, do portal de notícias *Amazonas Atual* (LIMA, 2020), são citadas questões deontológicas da profissão. Além disso, o jornalista apresenta informações sobre o ofício do jornalismo e a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) da não obrigatoriedade de diploma para exercer a função no país. Entretanto, ressalta que o jornalismo profissional se baseia em preceitos e cita o autor Eugênio Bucci. Segundo Valmir, a problemática envolta na reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b) está na constatação de que o teor sentimental é preponderante à informação veiculada (LIMA, 2020).

No *Blog Sala de TV*, hospedado no *Portal Terra* (BENÍCIO, 2020), o jornalista Jeff Benício entrevista o professor e coordenador do curso de Rádio, TV e Internet da Faculdade Cásper Líbero, Marco Vale. Segundo a matéria, a reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b) apresentaria uma tendência atual do jornalismo de “sentimentalizar” e encaixar personagens complexos em enquadramento único, culminando em uma narrativa melodramática. Além disso, o professor esclarece que a maneira como a reportagem foi construída acabou disseminando mais intolerância em relação à população trans carcerária

(BENÍCIO, 2020). A partir dessa reflexão, destacamos que o jornalismo não opera apenas reproduzindo um conhecimento fruto dos resultados de sua produção, ele também reproduz e reforça uma percepção já existente na sociedade (MEDISTCH, 1997).

No jornal *Folha de São Paulo*, na coluna do jornalista Fábio Zanini (ZANINI, 2020), é abordada a questão da união da direita em seus vários espectros a partir de uma suposta “vitória” na reportagem do *Fantástico*. Isso porque, de acordo com o texto, na medida em que a emissora e o médico pediram desculpas ao público, a direita teria saído vitoriosa nesse embate. Entretanto, a disputa agora seria para saber o verdadeiro responsável por contestar e apresentar novas informações sobre a reportagem do *Fantástico*. Para isso, traz vários *tweets* e páginas de membros reconhecidos do espectro político da direita que cobraram autoria da apuração e divulgação do crime de Suzy de Oliveira dos Santos.

Em contrapartida, apresenta fala de Pablo Ortellado, professor do curso de Gestão de Políticas Públicas da Universidade de São Paulo (USP) e estudioso dos meios digitais. O professor contrapõe a informação de que, a partir desse episódio, se estabeleceria um marco de desmonte do jornalismo. Afirma que os questionamentos na internet são uma constante e já aconteceram em outras oportunidades como a cobertura da chacina de Paraisópolis, por exemplo. Entretanto, neste caso, pontua que a estratégia política de grupos de direita atuou de maneira conjunta obtendo êxito (ZANINI, 2020).

Em nossa compreensão, identificamos uma potência acontecimental (HENN, 2013a) no episódio da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b). Isso porque, ao serem acionados sentidos distintos são promovidas novas afetações. Na medida em que ocorre a multiplicidade de atores sociais (presentes nas dinâmicas de informação e comunicação), altera-se a construção e interpretação da narrativa jornalística.

Por fim, a última matéria que coletamos sobre o assunto não trata exatamente da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b). A entrevista com Drauzio Varella foi publicada em 21 de julho de 2022 pela *Veja São Paulo* (QUINTELLA, 2022). O médico fala sobre seu novo livro e a difícil busca por um candidato para assumir seu trabalho voluntário nas penitenciárias. À *Veja São Paulo*, Drauzio revelou: “Nunca abracei uma presa ou preso nesses 33 anos. Não cabe ao médico abraçar. Foi a primeira vez. Mas vêm esses cretinos, políticos desprezíveis, jogando a história na internet. Fiquei triste por causa da família do menino [...]” (QUINTELLA, 2022).

Após exposição de distintas formas de abordagens e críticas à reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b) realizada pela imprensa, é possível observar debates rasos do ponto de vista do jornalismo. Isso porque, muitos apontamentos concentram-se somente

em antigos dogmas da profissão e não relacionam questões atuais de maneira mais profunda. Outra inferência encontra-se no pequeno grupo de matérias que buscaram um aprofundamento teórico no campo de estudos da comunicação. Dessa forma, é possível compreender como estão distantes a academia e o mercado profissional, quando o assunto é o jornalismo e possíveis debates de suas práticas profissionais.

2.1.3 Os jornalismo possíveis e a reportagem do *Fantástico*

Dito isso, para pensar duas abordagens distintas a partir de reflexões teóricas, adicionamos ao debate as proposições trazidas por Hendry Anderson André (2018; 2020) e Gean Gonçalves (2020) à reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b). Um dos temas abordados na reportagem é de difícil trânsito na sociedade: sistema prisional, debatendo a realidade de detentas trans em presídios masculinos brasileiros. Encontramos na tese de doutorado de André (2018) justamente essa compreensão sobre audiência, jornalismo, crimes e a percepção do público sobre essas questões. A pesquisa, intitulada *Violência fascinante em vidas tão normais: relações de estigmatização e invisibilidade social na recepção de noticiários criminais* (ANDRÉ, 2018), estuda a estigmatização apresentada em noticiários televisivos criminais de agressores e vítimas.

Durante a tese, o autor encontrou resultados que revelam o quanto a percepção da audiência muda de acordo com o crime cometido. Além disso, identificou que a narrativa construída na apresentação do personagem também corrobora para a interpretação positiva ou negativa por parte do público. Segundo André (2018), o jornalismo criminal produz uma série de articulações que promovem, a partir do conservadorismo e da intolerância, um viés deturpado de sobreviver em meio ao caos. De acordo com o autor, esse tipo de jornalismo se baseia em argumentos pautados na família, religião e moral do trabalho.

Relacionamos a pesquisa de André (2018) porque seu estudo opera dentro de alguns dos sentidos identificados em nossa pesquisa, principalmente, em torno de questões religiosas. O autor faz uma análise de sua tese com a repercussão da reportagem do *Fantástico: Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência* (GLOBOPLAY, 2020b), em texto publicado no site do *Observatório da Imprensa*:

Quando se pensam nos crimes, o Fantástico tomou uma atitude exatamente oposta à presente nos noticiários criminais estudados, que sobrevalorizam os pormenores dos crimes e acabam por romantizar a violência. O programa produziu uma reportagem sobre segurança pública, e não sobre jornalismo criminal. Buscou humanizar, não estigmatizar. A escolha de Suzy como uma

das fontes realmente foi uma infelicidade se for levado em consideração o histórico teor ostensivo com que crimes hediondos são julgados pela sociedade brasileira [...] (ANDRÉ, 2020).

De acordo com o pesquisador, ainda que tenha omitido os delitos das entrevistadas, a reportagem evidenciou “[...] potencialidades de um jornalismo que pode promover diálogo” (ANDRÉ, 2020). A partir dessa reflexão, aponta caminhos para evitar que novas produções jornalísticas obtenham o mesmo desfecho da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b). Segundo o autor, a definição de “protocolos” para reportagens ligadas à segurança pública pode ser uma opção a ser seguida, assim como já acontece em relação ao tema suicídio (ANDRÉ, 2020).

Em relação à abordagem de gênero realizada na reportagem é válido ressaltar que, na última década, muitas transformações ocorreram dentro do movimento trans no Brasil. Essas perspectivas, lutas, disputas e articulações políticas são trabalhadas em Carvalho (2018). Dessa forma, o autor identifica marcos na compreensão sobre avanços dos direitos de pessoas trans. Destaca-se como exemplo a autorização do uso do nome social nas instituições de ensino.

Ilustramos essa realidade apontada por Carvalho (2018) a partir da informação de que, somente em 2012, Luma Nogueira de Andrade tornou-se a primeira travesti a concluir doutorado no país, na Universidade Federal do Ceará (MINHA..., 2012). Além disso, no ano seguinte, Luma tomou posse sendo considerada a primeira professora travesti em uma instituição federal brasileira, a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (LUMA..., 2013).

Na medida em que articulações políticas dos grupos de pessoas trans e não-binárias avança, inicia-se um processo de exigência e ocupação de novos espaços, incluindo a mídia tradicional. O autor Gean Gonçalves (2020) apresenta aspectos da produção jornalística recente do programa *Fantástico*, da *Rede Globo*. Assim, destaca as subjetividades e possibilidades do jornalismo a partir da reportagem apresentada por Drauzio, analisada em nossa pesquisa. O autor resgata produções jornalísticas desde 2017: “[...] o *Fantástico* veiculou um rol de significativas reportagens e séries de especiais com destaque às identidades das travestis, de homens, mulheres e crianças trans e pessoas não-binárias” (GONÇALVES, 2020, p. 5).

A atração dominical da *Rede Globo*, *Fantástico*, no ar desde 1973, é descrita originalmente como “revista eletrônica” capaz de reunir jornalismo, variedades e diversos

temas atuais (HISTÓRIA, 2021). Assim, identifica-se no programa a abertura para debates sobre discussões pertinentes à sociedade brasileira. “É a partir desse registro que podemos diagnosticar que as pessoas transgêneras estão em pauta, na agenda pública” (GONÇALVES, 2020, p 5). Isto é, a temática de gênero faz parte do atual momento do programa e figura em suas produções jornalísticas.

E como aponta Coelho Sobrinho (2013), ao definir a pauta inicia-se o processo de intencionalidade do material jornalístico que será produzido, apurado e apresentado ao público. Assim, compreendemos que essa perspectiva se aplica ao evidenciar temas tabu no país: sistema carcerário, atravessado pela questão de gênero com mulheres trans apenas em presídios masculinos.

Essa subjetividade será reconhecida a partir da forma como o médico Drauzio Varella conduz suas produções jornalísticas e as temáticas que aborda. Visto que, além trabalhar de maneira didática em ações de prevenção e promoção de saúde à população, Drauzio é reconhecido por sua atuação social como médico voluntário em presídios brasileiros há mais de 30 anos.

[...] nota-se na reportagem conduzida por Varella o entrecruzamento de parcialidade da verdade, a experiência, a afetividade e a informação, algo pouco comum nas práticas jornalísticas tradicionais. A questão parece velha, mas é a busca pela subjetividade em contraposição à expectativa de objetividade que fomentará parte dos conflitos políticos da reportagem do *Fantástico* (GONÇALVES, 2020, p. 9).

A subjetividade contida no abraço terá sua frágil compreensão rechaçada durante os dias que decorrem à reportagem. Na medida em que o crime de Suzy é revelado, questiona-se além do gesto a atuação do médico e a intenção da reportagem do programa *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b). Para pensarmos um pouco mais sobre as implicações desse episódio, recorreremos à compreensão de Márcia Veiga da Silva (2010, p. 30): “Nossas ‘narrativas’ individuais estão permeadas e permeiam a mídia numa dinâmica interativa.” Assim, é esperado que produções jornalísticas impactem na sociedade e novas demandas sociais também forcem as narrativas jornalísticas a se rearticularem.

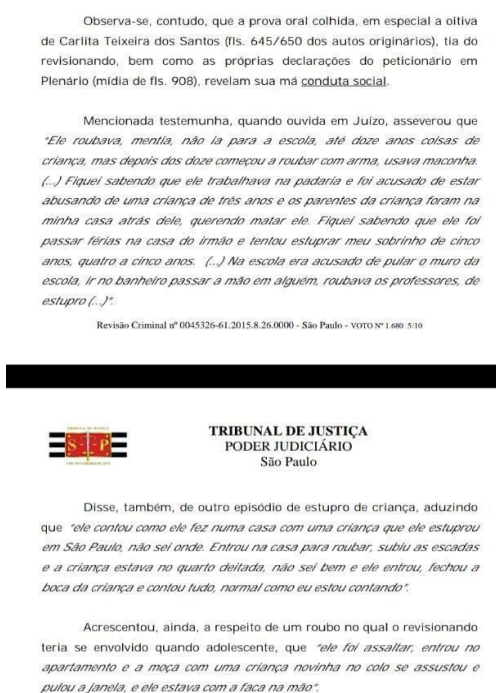
No próximo item, apresentaremos as repercussões que circularam nas redes sociais digitais e seus efeitos. Nossa intenção é construir um panorama dos diferentes polos de discussão e afetações causadas a partir da reportagem. Além disso, compreender como se processam de maneiras distintas e quais as semelhanças nas repercussões e reverberações na imprensa e em redes sociais digitais.

2.1.4 A reportagem do *Fantástico* e as redes sociais digitais

Para nossa pesquisa, é importante analisar de maneira mais profunda o momento em que começam a circular informações nas redes sociais digitais sobre o crime cometido por Suzy. A seguir, destacamos publicações distintas mencionadas por diferentes interagentes utilizadas para contrapor os argumentos favoráveis à reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b). A conversa, via *tweets*, foi iniciada a partir da divulgação do vídeo com trecho da reportagem contendo o abraço de Drauzio em Suzy e a frase, no perfil oficial do programa *Fantástico*, no *Twitter*, em 2 de março de 2020.

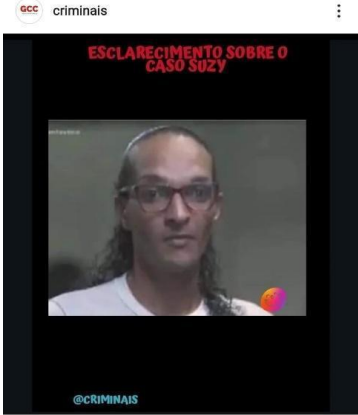
Apresentamos uma montagem com trechos do acórdão que foi compartilhado, por um interagente na Figura 2. Outro interagente utilizou a publicação de um perfil do *Instagram* da área jurídica (Figura 3) para refutar a reportagem e ações em apoio à Suzy. Identificamos esses como os primeiros comentários localizados no *corpus* de análise de 2.035 *tweets* questionando a reportagem. As publicações compartilhadas pelos interagentes que serviram de embasamento para os argumentos contrários sobre a reportagem, em 8 de março de 2020, foram originalmente publicadas em 7 de março de 2020 em perfis do *Twitter* e *Instagram*.

Figura 2 - Comentário Acórdão sentença judicial



Fonte: Elaborado pela autora, com base em *Twitter* (2020).

Figura 3 - Grupo Ciências Criminais



Em primeira mão, o Grupo informa que após detida e minuciosa análise, por mais de um profissional da advocacia, não foi possível encontrar absolutamente nenhuma falha no processo, seja no campo das nulidades, seja no campo do mérito, seja ainda na própria dosimetria da pena.

Não foi nada fácil analisar o caso, afinal de contas, a acusação era de homicídio e ocultação de cadáver de uma criança de tenra idade, que, antes do corpo entrar em estado de decomposição foi entregue para a família da vítima.

Sim, prezados seguidores, essa é a acusação que resultou em condenação da "Suzy": homicídio qualificado e ocultação de cadáver de uma criança indefesa que nada – absolutamente nada – fez para merecer o fim trágico, triste e absurdamente lamentável que teve.

Para que fique bem claro: nada foi feito com base em "achismo" ou "ouvi dizer", mas, sim, detida análise do caso por – repita-se – mais de um profissional da advocacia com muitos anos de atuação específica na área criminal.

Sendo assim, o Grupo informa à todos que a campanha para ajudá-la, de nossa parte – no campo processual – está encerrada, e cada um que entender por bem que a ajude, mas após a descoberta e constatação da plena e correta condenação e aplicação da pena por um crime tão bárbaro e hediondo, não teceremos mais qualquer consideração acerca do ocorrido, prosseguindo com as demais postagens das Ciências Criminais.

Cont. nos comentários
Ver todos os 1.056 comentários
7 de março de 2020 · Ver tradução

Fonte: Elaborado pela autora, com base em Criminais (2020).

Após a inclusão desses elementos, instaurou-se uma gama de comentários que questionavam a veracidade ou não dessas informações. A repercussão negativa foi tamanha, que a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) divulgou nota de repúdio contra a forma com que a página se posicionou sobre o caso de Suzy. Conforme trecho abaixo:

[...] Publicaram diversos posts e informações (que posteriormente foram apagados) sobre o suposto processo que culminou em sua prisão em uma campanha antiética, carregada de julgamentos subjetivos e que se opõe diretamente ao que prevê o direito penal no que tange a conscientização pública sobre o sistema e a função da pena. Que tipo de ajuda é essa que a página pretende disseminar ao expor publicamente uma pessoa que já está pagando pelo que fez em um país que institucionalizou um projeto de marginalização das pessoas trans? Da mesma forma repudiamos, ativistas e grupos de feministas radicais que têm replicado massivamente o teor do processo que já transitou em julgado, intensificando a campanha difamatória, a fim de gerar mais ódio contra as pessoas trans e atacar diretamente o movimento que vinha sendo construído em prol de apoio a Suzy (Keila SIMPSON, 2020).

Posteriormente, em 8 de março de 2020, o portal *O Antagonista* publicou matéria contendo o acórdão com a sentença judicial de Suzy de Oliveira dos Santos (TRANS..., 2020a). Assim, configurou-se um processo de tensionamento no campo jornalístico. Ou seja, um portal de notícias online e perfis distintos de plataformas de redes sociais digitais confrontaram a produção jornalística realizada pela maior emissora do país. A divergência de informações também foi capaz de causar uma desconfiança por parte do público. Abaixo, destacamos um comentário (Figura 4) realizado no site de notícias *O Antagonista*, na matéria *Trans abraçada por Drauzio Varella no Fantástico estuprou e estrangulou menino de 9 anos*.

Figura 4 – Comentário site *O Antagonista*



Fonte: Elaborado pela autora, com base em Trans... (2020a).

A partir do comentário é possível inferir que há dúvida por parte da audiência em quem acreditar. O conflito emerge na incerteza da precisão das informações. Isso porque, o jornalismo possui o compromisso com o público de que, além de informar, deve reduzir dúvidas ou possíveis equívocos (GOMES, 2009). Em um contexto informacional como o atual, não são apenas jornalistas que reportam acontecimentos e as redes sociais digitais oportunizaram o ingresso de diferentes atores dentro do processo de comunicação.

Assim, o acesso e a circulação de conteúdos de maneira gratuita é uma realidade que afeta o modelo econômico tradicional de jornalismo, baseado em anúncios e assinaturas de leitores. Vale ressaltar que, mesmo que o conteúdo publicado seja gratuito, a apuração jornalística implica em processos que demandam verba, dedicação e pesquisa para sua realização (PEREIRA JÚNIOR, 2010). Na prática, em um momento de revisão do modelo econômico do jornalismo, a redução de custos impacta diretamente em todo o sistema de produção jornalística.

Entretanto, segundo Charron (2019), a crise está centrada no modelo de negócio e autossuficiência do jornalismo, do ponto de vista econômico, “[...] é a crise do financiamento da produção da informação. A crise não é de um desinteresse do público pela informação” (CHARRON, 2019, p. 10). Essa percepção é verificável no comentário da Figura 4, em que o interagente não está certo da credibilidade das informações disponíveis e demanda precisão do conteúdo jornalístico veiculado. Além disso, nos comentários analisados nesta pesquisa, há questionamento de interagentes sobre a credibilidade e veracidade de informações que circularam nas redes sociais digitais. Isso porque, houve dúvida sobre a divulgação do acórdão da sentença e os crimes cometidos por Suzy de Oliveira dos Santos. Ou seja, o interesse pela informação jornalística permanece sendo requerido pela audiência.

Desse modo, do ponto de vista em que a tecnologia transforma e acelera esse processo de circulação e resposta do público, desencadeia mudanças dentro do campo profissional. Nélia Bianco (2004, p. 2) afirma que: “Em comparação a outras do passado, as tecnologias digitais distinguem-se por ampliar a capacidade intelectual do homem”.

Ao relacionarmos à nossa pesquisa, percebemos a demanda por correção, transparência e apuração da informação. Com isso, aumenta a cobrança do público em relação à produção jornalística. Assim, implica dizer que o sujeito desempenha uma troca de possibilidades de saberes. Na medida em que ele recebe a informação, em contrapartida adiciona suas interpretações e questionamentos ampliando a construção do conhecimento (BIANCO, 2004). Dessa forma, ocorre uma apreensão de saberes de maneira horizontal e passível de confrontos e debates constantes. A partir de uma concepção de intensa informação, a forma como se articula o conhecimento abandona uma percepção estanque, figurando em um aprendizado baseado na fluidez de saberes, que opera em constante oscilação (BIANCO, 2004).

Sobre esse saber-fluxo apontado pela autora (BIANCO, 2004), percebemos que ele pode ajudar nossa compreensão dos diferentes e tão intensos movimentos de sentido que ocorreram em torno da reportagem. Na medida em que *O Antagonista* (TRANS..., 2020a) questiona a reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b), o sentido atribuído e toda a repercussão e ação positiva em favor de Suzy e Drauzio é colocado em dúvida. A partir desse momento, a desconfiança é instaurada, havendo uma busca por confirmação de quem estaria com a informação correta.

Assim, os desdobramentos e opiniões opostas se articulam de maneira intensa nas redes sociais digitais. Dessa forma, além de questionamentos em relação aos personagens envolvidos na reportagem, surge uma demanda pela apuração jornalística. De acordo com

Gislene Silva *et al.* (2020), na percepção sobre a produção de notícias realizadas pelo jornalismo existe a prerrogativa de apuração, seja em uma nota ou em uma reportagem aprofundada.

Afinal, o jornalismo estrutura-se nesta relação de confiança com o público. Como afirmam Muniz Sodré e Raquel Paiva (2011), existe um pacto tácito entre o jornalismo e sua audiência capaz de promover que o público reconheça o discurso jornalístico como verdadeiro. Dessa maneira, o jornalismo se articula na construção de sentidos ao reduzir dúvidas sobre o que reporta (PEREIRA JÚNIOR, 2010). Logo, quando a produção jornalística causa incertezas é colocado em xeque esse pacto entre o jornalismo e o público.

Para ilustrar essa percepção de reverberações entre a audiência, destacamos a ação realizada por uma educadora infantil que propôs um exercício em sala de aula. A atividade consistia em que os alunos escrevessem cartinhas para Suzy. À vista de todo o desfecho ocorrido ao longo dos dias com relação à reportagem, não localizamos a publicação original da professora que teve a iniciativa. Encontramos a publicação (Figura 5), na página *PsicoEdu - Psicologia e Educação*, contendo *print* com a foto (sem identificação dos alunos, com as cartinhas) e o *post* da professora sobre o porquê decidiu realizar a ação (REZENDE, 2020). A atividade pedagógica, proposta pela professora, circulou amplamente nas redes sociais digitais e despertou a ira de diversos atores sociais.

Figura 5 - Atividade Educação Infantil



Fonte: Elaborado pela autora, com base em Rezende (2020).

Em função da ampla circulação do crime cometido por Suzy, o coronel Nivaldo Restivo, da Secretaria da Administração Penitenciária do Estado de São Paulo (SAP), informou que as cartas escritas por crianças não foram enviadas à Suzy (BERGAMO, 2020b). O coronel contestou ainda a fala da deputada estadual pelo Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB-SP), Janaína Paschoal, em 9 de março de 2020, na Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo (ALESP). De acordo com a deputada, a pasta estaria estimulando o envio de cartas para “[...] quem mata e estupra crianças” (BERGAMO, 2020b). Isso porque, a Secretaria havia divulgado o endereço para o envio de cartas às detentas.

Janaína criticou ainda que a reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b) não havia mencionado todas as tipificações dos crimes cometidos por apenadas trans: “[...] no gráfico pizza, não havia nenhuma indicação da prática de crimes sexuais. Em especial, não havia nenhuma referência a estupro de vulneráveis nem a homicídios. Especialmente, a homicídios de crianças [...]” (PASCHOAL, 2020). A atividade escolar mencionada evidencia a potência acontecimental (HENN, 2013a) da reportagem. Além disso, percebe-se a função de gerador de significados oportunizados pela televisão, principalmente no Brasil, onde seu alcance e credibilidade são reconhecidos (VEIGA DA SILVA, 2010).

Na medida em que a audiência questiona qual dos veículos estaria efetivamente com a informação correta, há um processo de desconfiança do público. Para Sodré e Paiva (2011), isso ocorre porque sem uma mediação estabelecida, como a reconhecida pelo jornalismo, seria impossível precisar a veracidade das informações. Isto é, em função da ampla circulação de processos de desinformação ocorre uma dúvida sobre o que efetivamente é falso ou verdadeiro.

Os autores Sodré e Paiva (2011) também apontam que uma perspectiva a ser analisada no jornalismo atualmente seria o excesso de fontes em contrapartida à profundidade de apuração de informações. Nesse sentido, observa-se que além de Suzy outras personagens permanecem com seus arcos de informação abertos durante a reportagem. Deste modo, poderia ser uma das razões das diversas solicitações, por parte de alguns interagentes, de novas reportagens em torno das histórias das apenadas.

Durante a reportagem, Drauzio visita o Presídio Tacaimbó, em Pernambuco, onde é contada a história de amor de um casal que se conheceu e oficializou sua união dentro da penitenciária. Contudo, o nome e a idade da esposa, que relata sua vivência como mulher trans, não são informados. Ao público, são revelados somente o nome e idade de seu companheiro: Robson da Silva Lima, de 30 anos. Assim, essa construção da reportagem abre a possibilidade de refletir questões relativas às práticas jornalísticas.

De acordo com os autores Alfredo Eurico Vizeu e Adriana Santana (2010), a precisão do método jornalístico deve primar pela fidedigna apuração do relato, que não pode omitir ou invalidar informações. A soma das práticas de apuração e a escolha de fontes resultam em concepções capazes de delimitar a representação midiática da produção jornalística (SILVA *et al.*, 2020). Na medida em que a apuração se articula com esses elementos fundamenta a informação que é levada ao público. Sendo assim, essa base não poderia oferecer dúvidas ao espectador (SILVA *et al.*, 2020). Por isso, quando a audiência assiste à reportagem é esperado, a partir de preceitos estabelecidos pelo jornalismo, que as informações de cada entrevistada sejam apresentadas de maneira integral ao público.

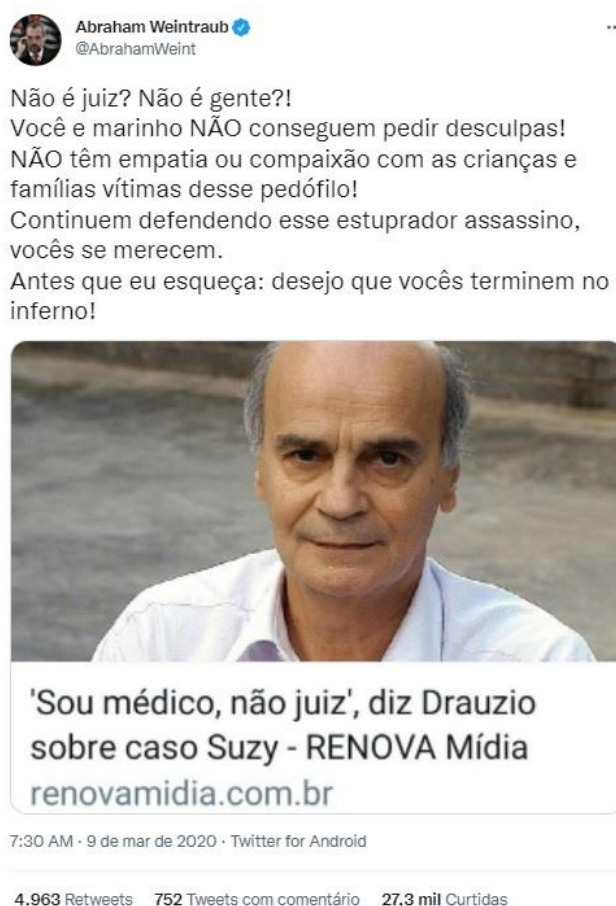
Para ampliar nosso debate, refletimos sobre um aspecto encontrado nos estudos de Coelho Sobrinho (2013), em que o autor identifica o uso crescente de atualizações em conteúdos já reproduzidos em portais de notícias. Assim, a prática valida a possibilidade de publicar, ainda que restem dúvidas sobre a apuração da informação e, posteriormente, realimentar o conteúdo com correções.

Entretanto, a reportagem de nossa pesquisa é em formato audiovisual, veiculada em horário nobre da TV aberta. O que altera não apenas a forma de correção, como a própria percepção do público sobre essa atualização. Após a publicação da matéria de *O Antagonista*, em 8 de março (TRANS..., 2020a), Drauzio Varella publicou uma nota de esclarecimento, via perfil oficial de seu portal, no *Twitter*:

Há mais de 30 anos, frequento presídios, onde trato da saúde de detentos e detentas. Em todos os lugares em que pratico a Medicina, seja no meu consultório ou nas penitenciárias, não pergunto sobre o que meus pacientes possam ter feito de errado. Sigo essa conduta para que meu julgamento pessoal não me impeça de cumprir o juramento que fiz ao me tornar médico. No meu trabalho na televisão, sigo os mesmos princípios. No caso da reportagem veiculada pelo Fantástico na semana (1/3), não perguntei nada a respeito dos delitos cometidos pelas entrevistadas. Sou médico, não juiz (VARELLA, 2020).

A nota de esclarecimento de Drauzio foi lida na íntegra na edição do programa *Fantástico*, de 8 de março de 2020 (GLOBOPLAY, 2020c). Contudo, a ampla repercussão negativa nas redes sociais digitais incluiu publicações com a utilização das *hashtags* #DrauzioVarellaLixo, #DrauzioLixo, #GloboLixo, #GloboApoiaPedofilia. Entre as manifestações contrárias publicadas em perfis de usuários no *Twitter*, um dos destaques foi o *tweet* de Abraham Weintraub, à época ministro da educação do governo Bolsonaro, conforme a Figura 6.

Figura 6 - Post de Abraham Weintraub



Fonte: Elaborado pela autora, com base em Twitter (2020).

Além das críticas tecidas à *Rede Globo* e ao médico Drauzio Varella, Weintraub sentenciou aos envolvidos: “terminem no inferno”. Destacamos essa publicação porque ela dialoga com nossa perspectiva de análise de sentidos, *Do Céu ao Inferno*, que será apresentada mais adiante. Após diversas críticas, na edição do *Jornal Nacional* de 10 de março de 2020, Drauzio Varella e a *Rede Globo* pediram desculpas à família da vítima e ao público (GLOBOPLAY, 2020a). Por meio de sua advogada, Suzy também envia carta com pedido de perdão à família de Fábio dos Santos Lemos (APÓS..., 2020a).

O último desfecho em relação à reportagem ocorreu em 10 de novembro de 2020, quando a família da vítima de Suzy ajuizou um processo de indenização por danos morais contra a *Rede Globo* e o médico Drauzio Varella. O pai da vítima informou à justiça que estava em tratamento psiquiátrico e psicológico e “[...] sofreu um novo abalo psicológico ao reviver os fatos” (DRAUZIO..., 2021). Em 21 de junho de 2021, tornou-se pública a sentença parcialmente favorável ao pagamento de indenização por danos morais à família da vítima,

fixadas no valor de R\$ 150.000,00, a ser paga pela *Rede Globo* e pelo médico Drauzio Varella (DRAUZIO..., 2021).

Para a juíza Regina de Oliveira Marques, da 5ª Vara Cível do Foro Regional II de Santo Amaro, que deferiu a sentença, a reportagem não apresenta a veracidade durante a entrevista com as detentas: “[...] a investigação do porquê da prisão, com nítido abuso de direito de informação, já que não adotaram a diligência necessária na apuração dos fatos, tampouco a cautela que é recomendável” (DRAUZIO..., 2021). Segundo a juíza, houve falha ética na produção da reportagem: “[...] com erro inescusável ao tentar justificar a prisão, por sua sexualidade, do assassino que passou a receber atenções do público e o autor [da ação], por outro lado, sendo procurado por outros meios para pretensas entrevistas acerca da matéria” (DRAUZIO..., 2021).

Em 5 de abril de 2022, o desembargador da 1ª Câmara de Direito Privado do Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP), Rui Cascaldi, relator do caso, julgou procedente o recurso movido pela *Rede Globo* e Drauzio Varella. De acordo com o juiz: “Até se entende a revolta do autor, mas admitir as suas alegações é direcionar a reportagem ao sabor da sua vontade pessoal, de forma a desvirtuá-la” (VAQUER, 2022). Além disso, o magistrado, pontuou que: “Por fim, não se percebe da reportagem nenhuma intenção velada de ferir eventuais vítimas dos crimes cometidos pelas entrevistadas” (VAQUER, 2022). A decisão foi unânime entre o tribunal. Entretanto, a sentença não é definitiva, vez que aguarda a análise de admissibilidade do recurso extraordinário movido pela advogada da família de Fábio dos Santos Lemos. Caso seja admitido, o recurso extraordinário será julgado no Supremo Tribunal Federal (STF) (VAQUER, 2022).

Por fim, é necessário refletir sobre ética no jornalismo. Para isso, recorreremos a Rogério Christofolletti, em seu livro *Ética no Jornalismo*, com uma análise que acreditamos ser muito pertinente dentro de nossa pesquisa e da repercussão da reportagem estudada. “O jornalismo – a exemplo de outras profissões – têm suas particularidades, e não só é necessário conhecê-las como também refletir sobre elas atualizando-as diariamente” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p. 11).

Dessa forma, podemos compreender que a apuração permanece sendo requisitada ao jornalismo, não apenas para apresentar notícias, fiscalizar, mas também para propor debates em torno de temas profundos da sociedade. Como aponta Coelho Sobrinho (2013, p. 152): “O papel ideal do jornalista é apurar para publicar. Atentar para a veracidade e importância do fato para a sociedade.”

De acordo com Silva *et al.* (2020), não há dúvidas de que a apuração mantém sua importância no campo profissional em relação à credibilidade, principalmente, neste momento de ampla disseminação de desinformação. Inclusive, para impedir que conteúdos falsos e discursos de ódio sejam capitaneados e difundidos em razão de brechas na informação veiculada por conteúdos jornalísticos.

Em nosso próximo capítulo 3 (O Acontecer) refletiremos as perspectivas acontecimentais desse episódio para, na sequência, compreendermos seu poder de afetação e sua constituição como um ciberacontecimentos (HENN, 2014).

3 O ACONTECER

Neste capítulo, discutiremos concepções acerca do acontecimento, do acontecimento jornalístico, potência e como se processa este novo formato de acontecer que constitui o ciberacontecimentos (HENN, 2014). Em nossa reflexão, buscamos abordar autores que tratam da maneira como o acontecimento irrompe e interfere na sociedade, capaz de promover rupturas, discussões e abordagens distintas. Dessa forma, entendemos o quanto o aprofundamento sobre o tema é necessário em nossa pesquisa, que discute os sentidos suscitados a partir de um produto jornalístico. Segundo explicam Vera França e Suzana Lopes (2017, p. 77): “[...] o acontecimento oferece ricos elementos teóricos para pesquisas que buscam indagar sobre os sentidos sociais produzidos e que circulam a partir de determinada ocorrência”.

Assim, partiremos de uma compreensão sobre a forma que se constitui um acontecimento em 3.1 (Entendendo o acontecer). Na sequência, buscamos analisar como se processa o acontecimento jornalístico em 3.1.1 (O acontecimento jornalístico). Em seguida, trataremos da maneira como os acontecimentos são dimensionados, a forma como impactam e são transformados pelo público, no item 3.1.2 (Os públicos e os acontecimentos). Por fim, em 3.2 (Da potência ao ciberacontecimento) explicaremos como decorre esse fenômeno oriundo das dinâmicas em redes sociais digitais. Posteriormente, em 3.2.1 (Possibilidades de ciberacontecimentos) exemplificaremos os tipos existentes de ciberacontecimentos e em qual categoria pertence nosso estudo.

3.1 Entendendo o acontecer

Dessa forma, é importante compreender como se processam distintas abordagens de estudo sobre acontecimento. Deleuze (1998, p. 9) propõe que: “O devir-ilimitado torna-se o próprio acontecimento, ideal, incorporal, com todas as reviravoltas que lhe são próprias, do futuro e do passado, do ativo e do passivo, da causa e do efeito”. Ou seja, em sua compreensão o acontecimento se instaura entre algo que foi e que virá a ser em sua singularidade. Assim, o autor esclarece a relação entre passado, futuro, mas nunca o momento capturado como presente. “O futuro e o passado, o mais e o menos, o muito e o pouco, o demasiado e o insuficiente *ainda*, o já e o *não*: pois o acontecimento, infinitamente divisível, é sempre os dois ao mesmo tempo, eternamente o que acaba de se passar e o que vai se passar, mas nunca o que se passa [...]” (DELEUZE, 1998, p. 9, grifo do autor). Com essa percepção,

Deleuze aponta como a linguagem atua neste contexto na qual opera em uma tradução de algo que já não é em si, acontecimento: “Por um lado o mais profundo é o imediato; por outro, o imediato está na linguagem” (DELEUZE, 1998, p. 9).

Na dimensão entre linguagem e narrativa, como construção de um acontecimento, encontramos uma relação interessante desta abordagem na compreensão de Peter Burke, em seu livro *A escrita da história novas perspectivas*. Na obra, Burke explica impasses entre diferentes interpretações acerca do acontecimento do ponto de vista do resgate da história. Para o autor, ocorre um equívoco na utilização do termo acontecimento, visto que comumente é empregado para eventos fugazes, bem como para marcos como revoluções que perduram por anos (BURKE, 1992).

Por isso, propõe uma alternativa para pensar essa problemática: “Pode ser útil empregar os termos ‘acontecimento’ e ‘estrutura’ para se referir aos dois extremos de todo um espectro de possibilidades, mas não deveríamos esquecer a existência do centro do espectro” (BURKE, 1992, p. 333-334). O espectro que Burke (1992) cita relaciona-se com a perspectiva do devir de Deleuze (1998). Assim, o acontecimento estaria situado neste instante intangível que ainda não foi e está por vir.

Burke (1992) pontua a necessidade de pensar a relação entre o acontecimento e a estrutura que o propicia. Ou seja, a época, o contexto, as instituições etc. Dessa maneira, questiona se elas “[...] atuam como um freio ou um acelerador para os acontecimentos. Como seria uma narrativa desse tipo?” (BURKE, 1992, p. 339). Destacamos que o questionamento do autor pode abrir possibilidades para compreendermos como as estruturas envolvidas na reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b) estão relacionadas aos sentidos desencadeados. Isto é, a omissão do Estado na problemática de mulheres trans apenas em presídios masculinos, o preconceito vigente na sociedade e a própria concepção moral das pessoas em relação aos crimes hediondos e desejos de justiça acionados.

Na medida em que Burke (1992) explica acontecimento e estrutura relacionando à narrativa, o sociólogo Louis Quéré (2005) defende que é preciso ir além da narrativa para compreender o poder do acontecimento. “Mas a contribuição da narrativa não é suficiente para pôr em destaque o poder hermenêutico do acontecimento, na medida em que este intervém na experiência segundo modalidades que não implicam, necessariamente, a mediação da narração” (QUÉRÉ, 2005, p. 60).

Em sua visão hermenêutica sobre o acontecimento, Quéré (2005) explica o porquê não se delimita um acontecimento, visto que quando ocorre ainda não é possível enquadrá-lo dentro de uma ordem que possua um significado já determinado em sequência. Um dos

sentidos suscitados nas manifestações acerca da reportagem pode exemplificar essa problemática do “impensável” de Quéré (2005). Por exemplo, quando seria possível imaginar que um gesto de afeto como um abraço seria questionável?

Nesta concepção é necessário pensar a singularidade descrita por Quéré (2005). Isto é, questões presentes somente naquele momento da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b), no qual decorre o abraço e a frase que carregam diversos signos, sentidos e forças simbólicas que o individualizam. Por isso, mesmo contendo demais entrevistadas, elas não desencadeiam as mesmas reações, impactos e sentidos operados como o momento que envolve o abraço e a frase de Drauzio à Suzy.

Em sua concepção, Quéré (2005) pontua a necessidade de pensar o acontecimento englobando aspectos que já foram e aqueles que virão a ser em sua composição. Assim, o acontecimento “[...] esclarece o seu passado e o seu futuro, melhor ainda, é por isso que o passado e o futuro são relativos a um presente evenemencial: verificando-se a emergência de um acontecimento, as suas relações com os processos que o precederam tornam-se condições ou causas” (QUÉRÉ, 2005, p. 62).

Além disso, como explica Quéré (2005), a singularidade do acontecimento permanece mesmo após sua ocorrência. “A individualização do acontecimento assim apreendido excede o momento da sua ocorrência: o acontecimento continua, de fato, a ocorrer e a singularizar-se enquanto produzir efeitos sobre aqueles que afeta” (QUÉRÉ, 2005, p. 67). No caso de nossa pesquisa, podemos compreender essa singularidade na força contida na frase e no abraço, seja durante a repercussão positiva ou quando a apuração foi questionada.

De toda forma, a singularidade desse momento perdura nas etapas que o sucedem. Isso porque, como explica o autor, o acontecimento decorre de uma sucessão de elementos em série responsáveis por compor sua totalidade. “Por fim, um acontecimento representa normalmente uma totalidade significativa, dotada de uma coerência interna: não é uma sucessão caótica de elementos heterogêneos. Não se pode, portanto, dividi-lo sem quebrar a sua individualidade” (QUÉRÉ, 2011, p. 23).

Em nosso estudo, percebemos esse passado e futuro que compõem a singularidade e a potência de um instante: o abandono da família, a partir dos crimes cometidos por Suzy, seu tempo de permanência em uma casa de detenção e sua solidão. Diversas características únicas que constroem o passado e o futuro exemplificando a individualização do acontecimento e sua singularidade carregada de sentidos. Desse modo, como colocam França e Lopes (2017), o acontecimento se impõe colocando em prática seu poder de afetação, visto que desvenda

situações que demandam novas possibilidades, alternativas e questionamentos determinando seu poder de ação.

Com base nas reflexões de autores como Dayan (2006), Kellner (2003) e Couldry, Hepp e Krotz (2010), França e Lopes (2017) apresentam características para pensar acontecimento. “Dessa literatura, três aspectos ou dimensões analíticas se destacam como eixos centrais para o tratamento do acontecimento: dimensão ritualística; dimensão performática; relação entre acontecimentos e valores sociais” (FRANÇA; LOPES, 2017, p. 81).

As autoras explicam que as dimensões ritualísticas se concentram em eventos como rituais com ordenamentos específicos. Citam de exemplo as competições esportivas, em especial o momento do pódio, em que há hasteamento da bandeira, execução do hino nacional de cada competidor, a ordem com diferenças entre o 1º, 2º e 3º colocados. Para compreensão sobre performance, França e Lopes (2017) esclarecem que figuram em eventos nos quais os atores sociais envolvidos desenvolvem papéis específicos capazes de representar performances simbólicas, estéticas. Para elucidar o conceito, mencionam a comemoração dos 500 anos da vinda dos portugueses ao Brasil, em 2000, identificando as performances tanto de autoridades como de movimentos contrários à comemoração (FRANÇA; LOPES, 2017).

Por fim, as autoras delimitam a relação entre acontecimentos e valores morais, ao qual compreendemos tratar-se a reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b) estudada em nossa pesquisa. Visto que, os sentidos processados desestabilizam valores religiosos e morais em relação ao cenário de mulheres trans apenas em presídios masculinos, crimes e questões de gênero envolvidas.

Essa percepção descrita por França e Lopes (2017) abre possibilidade para compreensão de Quéré (2011) sobre a experiência pública do acontecimento. Segundo o autor, ocorre uma “ordem do sentido” que delimita etapas para compreensão em consonância com hábitos, normas que surgem a partir de “quadros” da experiência. Além disso, o sociólogo destaca o poder múltiplo de compreensões e sentidos acerca de um acontecimento: “Assim identificados, podem ser descritos, narrados, explicados, interpretados num processo quase sem fim; porque a interpretabilidade é infinita, permanecendo o sentido indefinidamente vago e podendo sempre ser mais especificado” (QUÉRÉ, 2011, p. 17).

Conforme Quéré (2011), o acontecimento será força desestabilizadora ao desencadear ações em razão de sua afetação: “[...] respostas ativas a ‘empreender’ para desenlaçar a situação criada pelo acontecimento, resolver as tensões, desequilíbrios ou incompatibilidades que ele engendrou ou reativou, tratar os problemas levantados pela sua interpretação e

recepção” (QUÉRÉ, 2011, p. 25). A partir dessa afetação, criam-se condições para composição do acontecimento pela perspectiva jornalística em que pesam aspectos de sua intensidade e impacto no público, conforme abordaremos a seguir em 3.1.1 (O acontecimento jornalístico).

3.1.1 O acontecimento jornalístico

Na medida em que compreendemos o acontecimento, é necessário adentrar na dimensão do acontecimento jornalístico. Visto que, é neste campo em que o acontecimento é “capturado”, fragmentado pelo jornalismo e apresentado para diferentes públicos, instaurando uma noção de fato, realidade e narrativa jornalística. Para o autor Adriano Rodrigues (1993), o acontecimento jornalístico é “[...] um acontecimento de natureza especial, distinguindo-se do número indeterminado dos acontecimentos possíveis em função de uma classificação ou de uma ordem ditada pela lei das probabilidades, sendo inversamente proporcional à probabilidade de ocorrência” (RODRIGUES, 1993, p. 27).

Um dos pontos abordados pelo autor nos interessa em profundidade: “É o próprio discurso do acontecimento que emerge como acontecimento notável a partir do momento em que se torna dispositivo de visibilidade universal, assegurando assim a identificação e a notoriedade do mundo, das pessoas, das coisas, das instituições” (RODRIGUES, 1993, p. 29). Nesse sentido, a partir do momento em que a vida de Suzy e suas fragilidades como dores, ações e consequências passam a integrar uma narrativa em que a apenas não controla os desfechos de sua própria história. Assim, fica à disposição do acontecimento jornalístico em que está inserida, desencadeando interpretações e julgamentos acerca de sua vida.

Vale ressaltar que, a defesa da família da vítima que ajuizou a ação, alegou que a aparição em rede nacional de Suzy de Oliveira dos Santos rememorou os traumas vividos pela família de Fábio dos Santos Lemos (DRAUZIO, 2021). Assim, percebe-se o quanto um acontecimento jornalístico pode exceder o que transmite. Isto é, para além do que conta, os entrecruzamentos e histórias não capturadas entrelaçam novos sentidos e percepções. É o que explica Rodrigues (1993, p. 31, grifo do autor): “Ao relatar um acontecimento, os *media*, além do acontecimento relatado, produzem ao mesmo tempo o relato do acontecimento como um novo acontecimento que vem integrar o mundo”.

Neste sentido, a reflexão de Patrick Charaudeau (2006) é importante para compreendermos o quanto o acontecimento jornalístico amplia um determinado fragmento da história de uma pessoa, um grupo. “O acontecimento só se torna notícia a partir do momento

em que é levado ao conhecimento de alguém” (CHARAUDEAU, 2006, p. 132). Ou seja, a solidão de Suzy poderia ficar restrita ao conhecimento das pessoas que com ela conviviam dentro do presídio, voluntários e profissionais do sistema prisional. Contudo, quando é relatada na reportagem suscita ações em torno das motivações para o seu abandono. De tal forma a descortinar um novo acontecimento, em torno da busca de informações que explicassem os motivos de sua solidão.

Como afirmam Vera França e Roberto Almeida (2008, p. 5): “Ao acionar novos quadros de sentido, o acontecimento ilumina diferentemente uma situação e alarga o horizonte dos possíveis”. Em razão desse conjunto de perspectivas, buscamos compreender como se processam os sentidos com base na dinâmica oportunizada pelas redes sociais digitais. Os sentidos desencadeados pela reportagem, em especial o momento da frase e abraço, são potentes na medida em que abrem espaço para debates sobre a vida de mulheres trans apenadas. Representando dessa forma, o poder hermenêutico do acontecimento defendido por Quéré (2005).

Sendo assim, o acontecimento jornalístico instaura a partir de seus códigos, símbolos e, dentro da tradução de linguagem, uma espécie de registro do instantâneo que será capaz de servir de base para recortes atemporais sobre épocas, culturas, cotidiano e sociedade (HENN, 2010). Além disso, nesse instante em que capta e media o acontecimento estabelece o que seria de interesse público e quais seriam os acontecimentos públicos. Dimensões essas que serão completamente transformadas a partir das redes sociais digitais e dos usos de atores sociais do ambiente digital.

3.1.2 Os públicos e os acontecimentos

Para aprofundar mais nossa compreensão sobre a tríade: acontecimento, jornalismo e ciberacontecimento, é necessário compreender a noção do acontecimento e seus públicos. Visto que, é nesta instância entre o acontecimento, sua afetação e ação que surge a constituição do público, na medida em que analisamos acontecimentos públicos, capitaneados pelos meios de comunicação.

Neste sentido, há momentos retratados pelo recorte midiático, que são os acontecimentos jornalísticos. A partir de códigos específicos, o jornalismo apropria-se em razão dos *media* como o lugar capaz de mediar, reportar a história e capturar a sociedade. Por isso, estamos acostumados a acompanhar os acontecimentos reportados por veículos de comunicação. Como exemplo, a cobertura do *Jornal Nacional*, da *Rede Globo*, em 2010, da

ocupação do Complexo de Favelas do Alemão. Com diferentes ângulos e imagens, a cobertura rendeu o prêmio Emmy Internacional ao telejornal brasileiro. Contudo, independente da cobertura ou não do Jornal Nacional, este acontecimento estava ocorrendo e foi capitaneado e enquadrado a partir de uma perspectiva adotada pela emissora. Neste caso, privilegiava o confronto e a ação policial no Morro do Alemão (JORNAL NACIONAL..., 2011).

Como explica Goffman (1986) a partir de sua obra *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*, os enquadramentos construídos em acontecimentos ocorrem em detrimento de subjetividades envolvidas⁷:

Assumo que as definições de uma situação são construídas de acordo com os princípios de organização que regem os acontecimentos – pelo menos os sociais – e o nosso envolvimento subjetivo neles; *frame* é a palavra que utilizo para me referir a esses elementos básicos que sou capaz de identificar. Esta é a minha definição de enquadramento. A minha frase "análise de enquadramento" é um *slogan* para se referir ao exame nestes termos da organização da experiência (GOFFMAN, 1986, p. 10-11, grifo nosso).

A percepção de Goffman (1986) sobre as subjetividades capazes de elaborar um enquadramento, podem ser percebidas neste exemplo da cobertura do *Jornal Nacional* (JORNAL NACIONAL..., 2011). Na medida em que o enquadramento jornalístico captura esse acontecimento privilegia determinados aspectos em detrimento de outros. Por isso, caso a cobertura fosse realizada a partir das subjetividades e concepções de moradores do Morro do Alemão, os enquadramentos e sentidos promovidos acerca da operação policial certamente seriam distintos.

Conforme João Arriscado Nunes (1993), no artigo *Erving Goffman, a Análise de Quadros e a Sociologia da Vida Quotidiana*, em que relaciona a obra de Goffman e sua importância aos estudos em sociologia, acrescenta sua compreensão ao debate. Assim, para Nunes (1993, p. 40): “Toda a produção da informação é uma forma de processar experiências, suscetíveis de serem reenquadradas”. Ou seja, ainda que Nunes (1993) e Goffman (1986) não sejam do campo de estudos da comunicação, essa compreensão pode ser relacionada com o acontecimento jornalístico. Isso porque, as interpretações acerca de um acontecimento são diversas e serão apresentadas em função de perspectivas, características e subjetividades de

⁷ Tradução nossa: And of course much use will be made of Batson's use of the term "frame". I assume that definitions of a situation are built up in accordance with principles of organization which govern events- at least social ones- and our subjective involvement in them; frame is the word I use to refer to such of these basic elements as I am able to identify. That is my definition of frame. My phrase "frame analysis" is a slogan to refer to the examination in these terms of the organization of experience.

quem produz a informação. Por isso, variam de acordo com o ângulo, a apuração, a linha editorial do veículo, formato e profissionais envolvidos no processo de construção da informação.

Portanto, a concepção de enquadramento proposta por Goffman (1986) pode ser ilustrada em diferentes exemplos, localizados na cobertura da operação policial no Morro do Alemão ou na reportagem do *Fantástico*, analisada nesta pesquisa (JORNAL NACIONAL..., 2011; GLOBOPLAY, 2020b). Dessa forma, é possível ampliar a compreensão sobre as possibilidades de registrar fragmentos da realidade e narrativas, a partir de recortes específicos, que ocorrem ao capturar acontecimentos jornalísticos. Assim, invariavelmente privilegiarão um ponto de vista, uma parte envolvida, um “todo” dentro de um universo de possibilidades que um acontecimento é capaz de promover. Essa conclusão não se limita apenas ao jornalismo, visto que a tradução dos eventos em linguagem permeia esse processo de escolhas, limitações e significados em diferentes interpretações. Na medida em que Goffman (1986) nomeia os enquadramentos vai ao encontro da percepção de Quéré (2011) sobre o poder de interpretação de um acontecimento ser infinito.

Dentre tantas possibilidades de acontecimentos, há aqueles que decorrem de um produto midiático. Por exemplo, a exibição de uma novela que mobiliza reações no público, críticas e torcidas para personagens. Além das novelas, que representam grande poder de afetação na cultura brasileira, finais de *reality shows* são capazes de gerar sentidos e intensa manifestação no público. Podemos recordar as recentes edições de 2020 e 2021 do *Big Brother Brasil*, exibidas na *Rede Globo*, que desencadearam grande impacto no público.

A reportagem, objeto de estudo desta pesquisa, se enquadra neste tipo de acontecimento midiático. Isto é, trata-se de um acontecimento que surge formatado a partir de um produto jornalístico causando poder de ação e afetação no público. Além disso, também é produzida a partir de um modo de pensar e retratar a realidade de mulheres trans apenas em presídios masculinos. Novamente, surge a percepção de enquadramento (GOFFMAN, 1986) capaz de evidenciar determinados aspectos na construção de sua narrativa.

A autora Isabel Babo (2013) compreende que o acontecimento não apenas é destinado ao público ou públicos, mas também pode criar um determinado grupo específico que deseja acompanhar os desfechos a partir de uma narrativa midiática construída. Além disso, reflete sobre a constante atividade que o público exerce. “O espectador não recebe passivamente aquilo que aquele que criou pretende que ele receba, justamente porque toda a recepção é produção de sentido. Na recepção há interpretação e ação” (BABO, 2013, p. 221).

Em seu estudo, Babo (2013) atenta para a importância de compreender que públicos não são sinônimos de consenso. Um mesmo acontecimento pode conter públicos distintos, contrários, a favor, inconstantes e que não possuem necessariamente interesses em comum. O que é possível exemplificarmos se pensarmos o público alcançado pela reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b), à medida que surgiram manifestações favoráveis ao gesto do médico. Em contrapartida, as críticas também foram intensas em razão de compreender que Drauzio confortou alguém condenado por crimes de violência sexual contra crianças. Assim, o público adota dimensões de alcance e perfis de posicionamentos distintos.

Outra perspectiva que podemos traçar diz respeito à forma como se multiplicam e fragmentam atualmente as possibilidades de configuração de um público. Isso porque, em razão das plataformas de redes sociais digitais, as micronarrativas estão presentes. No caso reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b), o vídeo contendo a frase e o abraço disponibilizado no *Twitter* desencadeou expectativa acerca de desfechos possíveis para Suzy. Com isso, mesmo quem não acompanhou a reportagem na íntegra, teceu comentários somente em razão do vídeo contendo o abraço e frase entre Drauzio e Suzy. Essa perspectiva abre caminho para novos entendimentos sobre a interpretação e criação de um público face ao acontecimento midiático. Uma modalidade que é fruto das dinâmicas estabelecidas na ambiência digital, que oportunizam a ocorrência dos ciberacontecimentos, que compreenderemos a seguir.

3.2 Da potência ao ciberacontecimento

A partir da reflexão do poder de afetação e ação de um acontecimento, suas dimensões, público e narrativa jornalística, entenderemos como se constroem os ciberacontecimentos (HENN, 2014). Até aqui, compreendemos as dimensões sobre acontecimento, acontecimento e públicos e por fim sobre acontecimentos jornalísticos. Na medida em que percorremos esses caminhos teóricos será possível entender como o ciberacontecimento (HENN, 2014) se processa. Isso porque, está diretamente ligado à crise sistêmica do jornalismo, em que há desestabilização de sua função como mediador único, a partir da multiplicidade de atores sociais, oriundas das dinâmicas de redes sociais digitais (HENN, OLIVEIRA, 2015).

Assim, vislumbra-se a perspectiva dos “possíveis” como explicam França e Almeida (2008) em resposta a um acontecimento a partir de seu poder de afetação. Após refletir sobre as dimensões acontecimentais da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b),

propomos a compreensão que o ciberacontecimento carrega em sua dimensão na ambiência digital. Ou seja, como sua força enquanto acontecimento é intensificada a partir das dinâmicas de fluxo de informação das redes sociais digitais.

Dessa forma, a convergência da potência desse acontecimento, a força simbólica envolvida no instante capturado pela reportagem com o gesto, a frase e a ambiência digital formam uma condição perfeita para que este ciberacontecimento ecloda. Nesta abordagem, é importante compreendermos o conceito de ciberacontecimento definido por Henn (2013a). O autor define com base em estudos de teóricos como Foucault (1972), Edgar Morin (1986) e Louis Quéré (2005) que conceitualizam o acontecimento a partir de perspectivas de singularidades, rompimentos e novos processos de sentidos que são desencadeados. Por fim, Henn (2013b) conclui a forma como se delimitam: “O ciberacontecimento é uma expressão das tensões semiosféricas da cultura contemporânea no ambiente das redes digitais: o acontecimento em si, em nós e no mundo, o íntimo tornado público e o público privado” (HENN, 2013b, p. 44).

Isso porque, os ciberacontecimentos ocorrem, nas palavras do autor, nessa produção de crise entre fronteiras de sentidos e dinâmicas próprias oportunizadas pelas redes sociais digitais. Por isso, produções jornalísticas podem ser o ponto de partida para seu surgimento, como posteriormente serem incluídos na medida em que são demandados em função dos sentidos acionados por atores sociais (HENN, 2013b).

O movimento da comunicação em rede e seus desdobramentos estabelecem possibilidades de análise de sentido a partir de produtos midiáticos. Nossa pesquisa visa compreender como ocorre esse processo de comunicação. Para isso, mapeamos seus desdobramentos a partir da veiculação da reportagem e sua repercussão na internet, em plataformas de redes sociais digitais. Ao aprofundarmos nosso estudo, é importante explorarmos alguns aspectos que permeiam a ambiência digital e constituem um ciberacontecimento (HENN, 2014).

Portanto, além da singularidade contida na reportagem, em razão da perspectiva acontecimental, os códigos e processos estabelecidos nas dinâmicas de conteúdo em redes sociais digitais favorecem o espalhamento (JENKINS; FORD; GREEN, 2015). Visto que, são capazes de reverberar os elementos contidos na reportagem, promovendo tamanha repercussão e afetação no público.

Dito isso, vale destacar como ocorrem os processos de informação na ambiência digital e os sentidos manifestados por meio de comentários, compartilhamentos e publicações. Isto é, articulam-se de maneira “[...] criativa, dinâmica e difícil de ser capturada e enquadrada

em um único foco e em uma única perspectiva” (RECUERO, 2014, p. 12). Justamente, por apresentarem efemeridade em suas formas que “[...] mudam, com o tempo e com as próprias ferramentas que surgem e são reapropriadas pelos atores” (RECUERO, 2014, p. 18). Conforme a autora, nossas ações individuais e coletivas estão sendo permeadas em constante fluxo, na medida em que influenciam e são influenciadas pelas dinâmicas estabelecidas em redes sociais digitais e seus formatos específicos de informação.

Outro aspecto relevante diz respeito às dimensões entre público e privado que estão ganhando novos sentidos, cada vez mais focados em experiências individuais compartilhadas de maneira coletiva. Por exemplo, tecer opiniões caracterizadas como ofensivas, mas que sempre estiveram presentes no cotidiano das relações entre pessoas, porém atualmente estão sendo mais expostas. Sendo assim, o ambiente digital oportuniza um espaço para trocas que podem desencadear diferentes percepções e sentidos compartilhados.

De acordo com Henn e Machado (2016), por singularidade entende-se a soma de fatores capazes de iniciar processos distintos. A partir desse conceito, abrem-se algumas possibilidades de reflexão a respeito da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b). Além da proximidade de Drauzio Varella com o público e seu reconhecimento entre a audiência, capaz de gerar engajamento e reações em redes digitais, existe o abraço e a frase.

Contudo, na reportagem há mais uma demonstração de afeto. Porém, somente o gesto envolvendo Suzy ganha repercussão. Ao visitar o Presídio de Igarassu, em Pernambuco, a entrevistada Thais Pereira de Lima e demais detentas abraçam em conjunto o médico. Entretanto, o abraço coletivo é pouco notado. Essa percepção ocorre também na forma como o público articula e direciona sua empatia e solidariedade. Durante a repercussão em comentários e campanhas de apoio, são poucas as menções às demais detentas entrevistadas e há uma ação em menor proporção para prestar suporte e apoio à Lolla.

A intensidade com que o gesto e a frase reverberaram podem ser pensados a partir da compreensão de camadas que o acontecimento é capaz de revelar: “Ao se processar, o acontecimento coloca em causa a própria identidade dos sujeitos, que se constroem-se e compreendem-se à luz das revelações que ele traz à baila” (FRANÇA; ALMEIDA, 2008, p. 6). Isto é, o instante capturado pela reportagem denota a fragilidade e vulnerabilidade humana em seu estado bruto. Naquele momento, a solidão de Suzy é ponto de aproximação em sua tristeza perceptível ao público.

Dito isso, é possível complementar a potência do instante a partir do que Paul Ricoeur (1994) explica sobre o simbolismo dentro de uma significação relacionada à ação e em função de outros atores do jogo social. Ou seja, a representação, formas, condições e valores morais

atribuídos aos gestos podem variar em detrimento de quem realiza essa manifestação. Nesse sentido, pensar que além do abraço ocorre uma conjuntura produzida pelos atores envolvidos no processo, possibilita a reflexão do impacto causado no público.

Em contrapartida ao gesto coletivo, o abraço em Suzy possui uma carga emocional extremamente sensível. Visto que, ele decorre do resultado da compreensão de ambos, Drauzio e Suzy, de que há mais de oito anos ela não recebia visitas. A partir de referências distintas que não serão exploradas, pelo menos naquela ocasião, entrevistada e entrevistador, genuinamente se emocionam e se abraçam. Nesse momento, encontramos na percepção sobre sentidos operados nos silêncios (POLLAK, 1989) a potência acontecimental (HENN, 2013a) que decorre desse instante.

Nesta perspectiva, Pollak (1989) em seu estudo sobre a força do não-dito contido nos silêncios, abre espaço para compreensão acerca da explosão de significados e sentidos que Suzy carrega. A existência fragilizada e a percepção de sua solidão ultrapassam a necessidade de explicação. Na medida em que Suzy fica em silêncio, opera a potência do que não declara a Drauzio. O aparente reconhecimento da própria história à atual condição de abandono e solidão escapam a julgamentos. Ao mesmo tempo, externam um vazio capaz de emocionar e aproximar o abismo entre as vivências de todos os atores envolvidos: Suzy, Drauzio e de quem assiste à cena. Dessa forma, o abraço ainda que precedido da frase “Solidão, né minha filha” (GLOBOPLAY, 2020b) se sobrepõe ao texto.

3.2.1 Possibilidades de ciberacontecimentos

Após explorarmos o acontecimento, o público, o acontecimento jornalístico, a potência e como se define nas redes sociais digitais o ciberacontecimento, compreenderemos qual categoria desse formato pertence à reportagem analisada nesta pesquisa. De acordo com Henn e Oliveira (2015), a partir da estrutura imposta pelas redes sociais digitais, os processos jornalísticos que seguiam um modelo estável de construção foram alterados. Sendo assim, os autores compreendem que, antes, a construção incluía uma materialização do acontecimento; posteriormente transformada em signo ou narrativa jornalística. Por fim, apresentava resultados capazes de impactar e pautar a agenda de informação. Atualmente, esses fluxos se misturam, visto que os atores em redes sociais digitais são múltiplos e podem modificar etapas desse processo, alterando a lógica da produção jornalística (HENN, OLIVEIRA, 2015).

Nesta concepção, a reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b) obedece a linearidade de construção da notícia jornalística. Entretanto, suas singularidades disparam

sentidos nas redes sociais digitais. Quéré (2005) entende que a dimensão do poder de afetação é capaz de impor aspectos distintos que individualizam uma situação. Ou seja, no caso da reportagem a singularidade está contida no abraço e na frase, culminando em um ciberacontecimento.

Assim, mesmo que o ciberacontecimento ocorra muitas vezes com início de um acontecimento nascido nas redes sociais digitais, capaz de atravessar camadas de discussão, em função de sua reverberação, pode ocorrer o processo inverso. Isto é, além do surgimento do ciberacontecimento “espontâneo”, há também aquele que inicia a partir da repercussão de produtos jornalísticos.

Essa perspectiva já foi abordada nos estudos de ciberacontecimento realizados pelo LIC, na análise de Maria Clara Aquino B. (2015) sobre o ciberacontecimento envolvendo a *hashtag* #EuNãoMereçoSerEstuprada. A pesquisa divulgada pelo Instituto de Pesquisa Econômico Aplicada (Ipea), de que 65% dos entrevistados concordariam com a afirmação de que “mulheres que usam roupas que mostram o corpo merecem ser atacadas” obteve repercussão negativa nas redes sociais digitais.

A informação causou revolta e comentários em repúdio nas redes sociais digitais. Inconformada com a pesquisa, a jornalista Nana Queiroz, manifestou sua indignação em um protesto organizado pelo *Facebook*, criando a *hashtag* #EuNãoMereçoSerEstuprada. A ação conferiu destaque internacional e visibilidade ao tema, que envolve a culpabilização da vítima e o machismo. Para Aquino B. (2015), o ciberacontecimento, nesses casos, pode surgir da multiplicidade de sentidos que são produzidos a partir de um fato jornalístico. Assim, identificamos esse mesmo processo de composição de ciberacontecimento na repercussão da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b).

Cada ciberacontecimento pode desencadear múltiplas reações e irromper diferentes esferas - sejam elas públicas, privadas, subjetivas, culturais e articular reações fora do meio digital em que surgiram. Por isso, Henn (2015) aponta quais as especificidades compõem cada ciberacontecimento delimitando as seguintes categorias: mobilizações globais; protestos virtuais; exercícios de cidadania; afirmações culturais; entretenimentos e subjetividades:

- mobilizações globais: podem ser compreendidas como circunstâncias que operam aspectos de caráter político, reverberam e extrapolam em suas articulações os ambientes digitais. Por exemplo, o movimento #EleNão, organizado em 2018, por mulheres brasileiras em repúdio a Jair Messias Bolsonaro, à época candidato à presidência da república. A articulação iniciada em redes sociais digitais levou às ruas

milhares de pessoas. Inclusive seu poder de penetração foi tamanho que é considerada, até então, a maior manifestação política liderada por mulheres no Brasil (Amanda ROSSI; Julia Dias CARNEIRO; Juliana GRAGNANI, 2018);

- protestos virtuais: compreendem-se ciberacontecimentos capazes de promover articulações online, ainda que figurem em semelhança com os movimentos globais, e distinguem-se por focar seu poder de atuação no ambiente digital. Exemplo: #MeuPrimeiroAssédio, ocorrido em apoio a uma menina de 12 anos, que recebeu comentários de cunho sexual após participar de um programa televisivo de culinária, em 2015. A campanha (Valentina SCHULZ, 2020), desenvolvida pelo coletivo feminista *Think Olga*, convidava às leitoras a compartilharem relatos de casos de assédio sofridos, via *Twitter*;
- exercícios de cidadania: definem-se a partir da prerrogativa de ações capazes de propor mudanças dentro do ambiente coletivo ao qual pertencem. Como exemplo, citamos a petição online realizada por estudantes de um colégio da rede privada de Porto Alegre, em 2016, que reivindicavam o direito de usar *shorts* no ambiente escolar. O movimento “Vai ter shortinho, sim” obteve reconhecimento em portais jornalísticos e mais de seis mil assinaturas em sua petição, em apoio às estudantes (Rafaela FRAGA, 2016);
- afirmações culturais: essa categoria é definida a partir de articulações que promovam ações capazes de visibilizar grupos historicamente excluídos ocupando espaços antes relegados. Exemplo: ação idealizada, em 2018, pelo grupo Sobre Negritudes, no *Facebook*, para assistir ao filme *Pantera Negra*, com uma sessão exclusiva para pessoas pretas, em shopping da zona sul de São Paulo (Silvia NASCIMENTO, 2018);
- entretenimentos: figura na instantaneidade em que situações, a princípio, irrelevantes, são capazes de mobilizar atenção e resultar em pautas jornalísticas. Nesta categoria, diversas situações, cômicas ou não, ganham visibilidade gerando uma frase de impacto. Como exemplo citamos: “Segura esse Forninho”; “Taca-le pau nesse carrinho, Marco Véio”; “Para Nossa Alegria” (REIS, 2022; MEME..., 2022; GEOVANNA..., 2020);
- subjetividades: situamos nosso estudo nesta categoria, visto que ela se define por englobar situações que versam com o campo de experiências individuais, percebidas a partir da soma de fatores que justificam os processos desencadeados. Neste caso, as singularidades contidas nas subjetividades em torno do abraço e frase de Drauzio à Suzy.

Nossa pesquisa também possui uma questão que costuma abarcar grandes embates nas redes sociais digitais: gênero. Como bem apontam Henn, Pilz e Kolinski Machado, (2018, p. 6-7): “As questões de gênero estão entre as fontes que irrigam a rede nessas tensões semiosféricas.” A compreensão foi obtida a partir dos estudos de cibercontecimento envolvendo o caso da marca de sandálias brasileira Havaianas.

Em 2015, a Suprema Corte norte-americana tornou legal o casamento igualitário nos Estados Unidos. Para expressar apoio à decisão judicial, a marca de sandálias Havaianas incluiu uma nova foto de perfil contendo as cores da bandeira do arco-íris, símbolo atribuído à representação da comunidade LGBTQIAP+. A simples ação foi capaz de gerar grande repercussão e multiplicidade de sentidos em torno do tema nas redes sociais digitais. As disputas de sentido envolveram manifestações favoráveis à foto e publicações contrárias, com teor homofóbico (HENN; PILZ; KOLINSKI MACHADO, 2018). As tensões percebidas em relação às pautas de gênero também são capazes de desencadear diferentes disputas na repercussão da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b).

Como mencionado anteriormente, compreendemos que este cibercontecimento se processa na categoria de subjetividades, pois perpassa um sentimento de solidão, capturado e enquadrado por essa perspectiva jornalística específica. Isso porque, em outra dinâmica jornalística talvez não houvesse ambiente possível para o abraço, a frase e a carga emocional ali manifestada. Assim, este cibercontecimento ocorre na busca por compreender elementos não ditos na reportagem. São eles: motivo por trás do abandono, elevado tempo de permanência em regime fechado, proximidade de Drauzio com o público, disputas políticas e pautas de gênero.

Identifica-se que a fala genuinamente proferida pelo médico é capaz de assumir novas interpretações, incluindo usos publicitários, bem como apresenta aderência no público. A frase curta expressa uma linguagem coloquial utilizada em conversas cotidianas. Por isso, a expressão “minha filha” facilmente é apropriada na conversação em redes sociais (RECUERO, 2014) e dispara sentidos e processos incontrolláveis.

Esse movimento de afetação e disseminação de sentidos entre os interagentes é próprio das estruturas que compõe um cibercontecimento, como pontuam Oliveira, Osório e Henn (2019, p. 15):

Ao pulsar em rede, o cibercontecimento afeta os atores, que o experienciam. De diferentes maneiras, essas experiências são partilhadas.

Partilhas heterogêneas, ligadas às subjetividades e à maneira como cada um experienciou o fenômeno, mas que emergem como pertencimento, que aproximam por conter valores universais. Diferença e pertencimento se espalham, construindo uma rede política em constante mutação e carregada de potência comunitária.

É importante ressaltar que com a circulação do trecho do vídeo da reportagem contendo o abraço em Suzy, nota-se que alguns veículos de notícias buscam tentativas de justificar seu abandono. Além de não explorar as demais apenas entrevistadas, questões sociais e dados de pessoas trans no Brasil, as pautas voltam-se apenas para Suzy e sua expressão de gênero. O que dentro da forma como são apresentadas as informações nesses portais, justificaria sua solidão, exclusão ou abandono. “É na relação de inscrição do corpo travesti nas dinâmicas da vida social que se manifestam as práticas de violência transfóbica e homofóbica” (Viviane BORELLI; MACHADO; DIAS, 2017, p. 120). A maneira de pautar o corpo de Suzy como fora da norma (LOURO, 2000) reflete-se em títulos e formas de descrevê-la que não estão em consonância com sua expressão de gênero. Percepções que serão estendidas ao âmbito de atores sociais, em manifestações que apresentam teor transfóbico valendo-se de matérias oriundas de portais de notícias.

Como afirmam Oliveira, Henn e Osório (2022, p. 47): “[...] o jornalismo dá forma discursiva ou semiótica aos acontecimentos, criando hierarquias, enquadramentos, como que tomando posse deles”. Logo, na medida em que portais de notícias utilizam terminologias transfóbicas, também validam que essa prática perdure em conversas e redes sociais digitais. Dessa forma, potencializam o teor de disputa e sentidos acionados entre atores sociais, ampliando o poder de alcance e circulação deste episódio. Assim, o trecho da reportagem do *Fantástico* é capaz de desencadear reflexões acerca de produções jornalísticas, debates sobre questões de gênero e sistema prisional.

Nesta dinâmica de redes sociais digitais os fragmentos são compartilhados à exaustão e a volumetria é intensa. No caso de nossa análise, as disputas de sentido centram-se nos assuntos complexos abordados na reportagem. Entretanto, as discussões apresentam teor superficial e em muitos comentários resultam em revelar o espectro político dos atores sociais envolvidos. Por fim, nota-se além de aspectos políticos partidários, uma conotação específica sobre a expressão de gênero das reeducandas entrevistadas. Sendo assim, identificamos a necessidade de aprofundamento de questões de gênero para compreender os sentidos desencadeados neste episódio.

4 UMA QUESTÃO DE GÊNERO

Como premissa para debater a temática de gênero, é importante especificarmos algumas nomenclaturas a fim de estabelecer uma compreensão sobre o tema. Por isso, apresentaremos palavras cujos significados são capazes de situar o leitor e garantir sua compreensão para o avanço do debate e reflexão deste tópico. As definições foram localizadas em diferentes documentos, artigos acadêmicos, glossários e manuais sobre o tema e serão explicadas no item 4.1 (Pontos de partida). Posteriormente, abordaremos em 4.2 (Corporalidades: corpos que incomodam) reflexões sobre os corpos tensionados na reportagem. Em seguida, apresentaremos em 4.3 ((R)existência trans no Brasil) um panorama sobre as condições de vida de mulheres trans e travestis no país, a partir de dados recentes. Em 4.3.1 (Pessoas trans e o sistema prisional) serão dimensionados aspectos sobre o ingresso e realidade de mulheres trans e travestis em casas de detenção pelo país. Por fim, buscaremos compreender em 4.4 (Gênero e reportagem do *Fantástico*) as relações entre o tema da reportagem e a intensa manifestação de sentidos, no qual o intuito é refletir as razões pelas quais a repercussão da reportagem extrapola sua proposta inicial.

Dito isso e, justamente, por compreender que esta pesquisa é feita por uma mulher cis, branca e de origem periférica, entende-se a necessidade e importância de ler e escutar quem possui vivências distintas. Sendo assim, buscou-se incluir neste debate além de autoras, autores já reconhecidos nas temáticas de gênero, perspectivas teóricas recentes de acadêmicas mulheres trans e travestis brasileiras, que explicam suas mulheridades⁸ e vivências a partir de sua própria existência. Dessa forma, desmontam a ordem do CISTema (em referência a cisheteronormatividade⁹ (Natália de Sá; Regina SZYLIT, 2021) como elas mesmas explicam, retomando a narrativa de seus corpos, saberes e vivências. Assim, deslocam-se do lugar de observadas e assumem seu papel como potência acadêmica e teórica produzindo reflexões e debates, evitando cruzar “[...] a barreira entre o retratar e o designar” (Yuna SILVA, 2019) em contextos teóricos.

⁸ A autora Letícia Nascimento, em seu livro *Transfeminismo*, sugere o uso do “[...] termo ‘mulheridade’, e não ‘mulher’, no singular, para demarcar os diferentes modos pelos quais podemos produzir estas experiências sociais, pessoais e coletivas” (NASCIMENTO, 2021, p. 26). Compreendendo as múltiplas formas de ser mulher e expressar essa vivência em sociedade.

⁹ A cisheteronormatividade define-se pela presunção de que o padrão da sociedade é centrado no feminino/masculino, homens e mulheres cis e heterossexuais e que todas as dinâmicas surgem a partir dessa ordem. Dessa forma, Natália de Sá e Regina Szylit (2021, p. 52) explicam: “Como um sistema de crenças sociocultural, a cisheteronormatividade coloca o sujeito não-cisgênero e/ou não-heterossexual em uma posição de ininteligibilidade ao tomar por desviantes os processos identificatórios que rompem com o padrão”.

4.1 Pontos de partida

O termo gênero, como explica Adriana Piscitelli (2009), refere-se às estruturas sociais estabelecidas que diferenciam o feminino do masculino dentro de uma ordem de poder e hierarquias. Essas construções ora ditas como “naturais” são na realidade desenvolvidas a partir de uma concepção que privilegia o masculino como norma e padrão. Noções que podem ser constatadas na criação de crianças, nas quais meninos tendem a ser estimulados aos esportes, com atividades que os encorajem a competir.

Em contrapartida, meninas são ensinadas a ter “bons modos”, ser dóceis, com brincadeiras de bonecas ou atividades que remontem afazeres domésticos, como cozinhar, por exemplo. Essas hierarquias de poder permeiam todos os aspectos da vida de cada indivíduo, criando narrativas de como existir enquanto homem e mulher. Construções que interferem na divisão de tarefas domésticas, profissões, formas de afeto, comportamento e até mesmo, nas cores de roupa: sendo rosa para meninas e azul para meninos.

De acordo com a Cartilha de Saúde LGBTI+ de 2021, desenvolvida em parceria entre a TODX¹⁰, e O Programa Conjunto das Nações Unidas sobre HIV/AIDS (UNAIDS, 2021), a melhor forma para se dirigir às questões genéticas estão centradas na expressão *variabilidade biológica*. Visto que, dizem respeito às possibilidades e combinações de cromossomos: “De modo geral, a variabilidade biológica do sexo, ou a diferença do desenvolvimento sexual, ou mesmo a chamada estados intersexo podem ser caracterizadas por uma complexa e plural combinação entre cromossomos” (UNAIDS, 2021, p. 51). O documento traz uma tabela com as possíveis combinações e variações biológicas.

Em relação à orientação sexual, o Manual de Comunicação LGBTI+, desenvolvido em parceria pela Aliança Nacional LGBTI e Grupo Dignidade e a rede GayLatino de 2018, aponta que:

A orientação sexual refere-se à capacidade de cada pessoa de ter uma profunda atração emocional, afetiva ou sexual por indivíduos de gênero diferente, do mesmo gênero ou de mais de um gênero, assim como ter relações íntimas e sexuais com essas pessoas (PRINCÍPIOS, 2006). Basicamente, há três orientações sexuais preponderantes: pelo mesmo sexo/gênero (homossexualidade), pelo sexo/gênero oposto (heterossexualidade) ou pelos dois sexos/gêneros (bissexualidade) variam de pessoa a pessoa (KINSEY et al., 1948). Assim, as três orientações sexuais

¹⁰ Organização sem fins lucrativos voltada à promoção de ações inclusivas para pessoas LGBTI+ no Brasil. Atua por meio de iniciativas de liderança, pesquisa, conscientização e segurança. Para consulta de materiais e todos os projetos desenvolvidos acesse o site da instituição: todxs.org.

preponderantes mencionadas acima não são as únicas (MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBTI+, 2018, p. 21).

Segundo o Manual, a *identidade de gênero* “[...] é uma experiência interna e individual do gênero de cada pessoa, que pode ou não corresponder ao sexo atribuído no nascimento [...]” (MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBTI+, 2018, p. 25). A concepção de *expressão de gênero* diz respeito à forma de ser no mundo: “[...] como a pessoa manifesta publicamente, por meio do seu nome, da vestimenta, do corte de cabelo, dos comportamentos, da voz e/ou características corporais [...]” (MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBTI+, 2018, p. 25).

Ainda de acordo com o Manual, a palavra *transgênero* expressa o conjunto de pessoas que “transitam entre os gêneros”. Neste caso, o termo *transexual* é utilizado para representar a: “Pessoa que possui uma identidade de gênero diferente do sexo designado no nascimento. As pessoas transexuais podem ser homens ou mulheres” (MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBTI+, 2018, p. 30). Sendo a *mulher trans* a pessoa que não se identifica com o gênero masculino, atribuído biologicamente ao nascer, enquanto o *homem trans* é aquele cujo gênero feminino, biologicamente atribuído no nascimento, não o representa. Assim, a pessoa *cisgênero* é aquela cuja identificação ocorre integralmente com o gênero biologicamente designado no nascimento (MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBTI+, 2018).

O termo *agênero* é designado para descrever pessoas que não se percebem em nenhum dos gêneros disponíveis. A palavra *androgínia* refere-se aquelas pessoas que se compreendem socialmente com traços de ambos os gêneros. O termo *binarismo de gênero* representa as estruturas estáticas que delimitavam de maneira muito arcaica o que é feminino e o que é masculino, não atendendo demandas de pessoas não-binárias, que percebem sua expressão de gênero de maneira mais fluída (MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBTI+, 2018).

Segundo o Manual, *travesti* é: “Uma construção de gênero feminino, oposta ao sexo biológico, seguido de uma construção física de caráter permanente, que se identifica na vida social, familiar, cultural e interpessoal, através dessa identidade” (MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBTI+, 2018, p. 30-31). O documento explica que a construção é um processo individual que pode incluir ou não mudanças corporais com cirurgias plásticas, aplicação de silicone entre outros procedimentos. Isto é, não existe somente uma forma de ser e existir como pessoa trans e travesti, pois cada pessoa é única e múltipla em sua vivência.

Dito isso, destacamos que as definições, termos, manuais, cartilhas e apropriações apresentadas não são imutáveis e estão em constante fluxo. Assim, as definições expostas são

apenas algumas das formas encontradas, visto que autoras e autores discutem termos e seus usos constantemente. Nossa intenção, ao trazer essas terminologias, é elucidar a compreensão para a leitura deste trabalho. Além disso, contextualizar quais os termos estavam em uso no período de realização desta pesquisa, que futuramente podem ser alterados, reapropriados ou substituídos por novas expressões.

Por fim, na medida em que novas perspectivas e espaços de trocas são oportunizados diferentes aspectos, dimensões e demandas são requeridas em múltiplas formas de ser e existir em sociedade. “Afinal nós não somos nossos corpos, nós fazemos nossos corpos” (NASCIMENTO, Letícia, 2021, p. 47). A seguir abordaremos questões relativas às corporalidades e mulheridades (NASCIMENTO, 2021) trans e travestis.

4.2 Corporalidades: corpos que incomodam

Neste item, buscaremos abordar perspectivas sobre corpos e vivências para que seja possível compreender como mulheres trans e travestis ocupam espaço e (r)existem na estrutura social. Cientes da importância desse tópico de estudo, ressaltamos que em nossa pesquisa é necessária adotar uma perspectiva sobre corpos que nos ajude a compreender a intensa produção de sentidos manifestados em torno da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b). Assim, dimensionaremos os efeitos que o não reconhecimento de determinadas corporalidades produz, exemplificados pelos dados apresentados sobre os múltiplos processos de exclusão, violência e vulnerabilidade que pessoas trans e travestis são expostas no Brasil.

Ao compreendermos que “[...] o corpo não é uma *coisa*, é uma situação: é a nossa tomada de posse do mundo e o esboço de nossos projetos” (Simone BEAUVOIR, 2016, p. 62, grifo nosso), entendemos que ao longo da vida e das dinâmicas sociais, culturais e dos desejos construímos nossos corpos e maneira de ser e existir enquanto sujeitas. Dessa forma, reiteramos a compreensão de Beauvoir (2016) de que não nascemos enquanto mulheres, nos tornamos e esse torna-se assume diferentes possibilidades de ser mulher.

De acordo com Silvana Goellner (2013), o corpo opera em constante fluxo e a partir de perspectivas dentro de uma produção cultural:

[...] o corpo é provisório, mutável e mutante, suscetível a inúmeras intervenções consoante o desenvolvimento científico e tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações, que cria sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz. Um corpo é também seu entorno (GOELLNER, 2013, p. 30-31).

A autora acrescenta o quanto a linguagem e aspectos culturais denotam a expressão de ser e estar no mundo e sua constante construção e desconstrução. Assim, o corpo é: “[...] os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos... enfim é um sem limite de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas” (GOELLNER, 2013, p. 31). Logo, as linguagens também estão em constante (r)evolução. E como aponta a autora Céu Cavalcanti (2019, p. 40) sobre diálogos e vivências trans: “Inventar palavras que promovam pontes e cuidado. Inventar sobrevivências é, em alguma medida, inventar redes. E, como nos lembra Audre, lutar contra as tiranias do silêncio e ‘juntas’ examinar as palavras que julgamos mais adequadas para nós e para o mundo é um potente ato de produzir vida”.

Contudo, a sociedade regula e define quais corpos são aceitos e quais são inadequados. Sendo assim, linguagens e expressões permanecem em disputa de sentidos, cada vez mais acirradas em razão das redes sociais digitais. Por isso, como explica Judith Butler (2019, p. 16): “Pensar o corpo como construído demanda repensar o significado da construção em si”. Ou seja, compreender que na normativa da sociedade os “[...] corpos apenas surgem, apenas perduram e apenas vivem dentro das restrições produtivas de certos esquemas de gênero altamente regulatórios” (BUTLER, 2019, p. 16-17). Dessa maneira, ao não estarem em conformidade com a regulação vigente, há corpos, nas palavras de Butler, “abjetos”, “inabitáveis” que se situam à margem da “inteligibilidade” de existência.

Neste sentido, é necessário compreender como se constitui o poder e o que representa essa rede em relação aos corpos, a partir de Foucault (1979, p. 183-184):

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas os indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centro de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. Não se trata de conceber o indivíduo como uma espécie de núcleo elementar, átomo primitivo, matéria múltipla e inerte que o poder golpearia e sobre o qual se aplicaria, submetendo os indivíduos ou estraçalhando-os. Efetivamente, aquilo que faz com que um corpo, gestos, discursos e desejos sejam identificados e constituídos enquanto indivíduos é um dos primeiros efeitos do poder. Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos.

Um exemplo sobre o poder que circula nos corpos está na forma como procedimentos estéticos e cirurgias plásticas são encarados em relação às mulheres trans e travestis e mulheres cis. A indústria da beleza estimula e pressiona mulheres cis para que busquem incansavelmente versões distintas de seus corpos e experimentem opções para “realçar a beleza”. Entretanto, os mesmos procedimentos em corpos de pessoas trans e travestis são questionados e julgados como “exagero”, “aberração”. Assim, como explica Larissa Pelúcio (2004, p. 137): “Ao transformarem seus corpos de maneira radical na busca por uma outra sexualidade, as travestis desafiariam os aparatos de controle da sexualidade”. Por isso, seus corpos ora exercem poder por questionar e desestabilizar o CISTema (NASCIMENTO, 2021), ora são relegados à margem por tensionar essa mesma estrutura.

A autora Nísia Martins do Rosário (2022) explica como o que denomina de “transcorpo” causa ruptura nas fronteiras de sentidos, estabelecidas a partir de padrões de cisheteronormatividade, dentro de processos de comunicação:

Isso significa que um corpo dotado de impermeabilidade não ultrapassa os limites das fronteiras socialmente impostas e indica que a semiosfera de gênero tem fronteiras menos permeáveis em culturas que impõem exclusividade aos códigos binários de gênero e à dominação do masculino. Fora desse âmbito está o corpo permeável – o LGBTQIAP+, por exemplo –, que, por não seguir as “coerências” esperadas pelos sistemas das linguagens, representa uma ameaça à ordem dominante, fica na periferia da semiosfera, sempre tensionando códigos, linguagens e semioses (ROSÁRIO, 2022, p. 192).

Assim, conseguimos dimensionar o porquê de a reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b) causar tamanha repercussão e os corpos contidos e vivências serem tão fortes em suas expressões. Destacamos o trecho em que a detenta (que não tem o nome revelado) relata a Drauzio sua descoberta enquanto mulher trans dentro do presídio e como conheceu e se casou com seu companheiro enquanto ambos estão apenados. Além disso, existe uma força simbólica contida nas imagens da reportagem do *Fantástico*. Conforme a Figura 7 a seguir, primeiro vemos um vestido de noiva estendido nas dependências da penitenciária. Na sequência, é compartilhado o registro da cerimônia de casamento que ocorre no Presídio de Tacaimbó, no estado de Pernambuco.

Figura 7 - Amor no cárcere



Fonte: Elaborado pela autora, com base em Rede Globo.

As cenas ilustram o que a autora aponta: “A principal característica do transcorpo é estar em um espaço-tempo do *entre*, uma dobra que tem muitas possibilidades de significação” (ROSÁRIO, 2022, p. 193, grifo da autora). Ou seja, enquanto a cerimônia de casamento é um dos ritos mais tradicionais e simbolicamente reconhecidos da humanidade, sua realização dentro do presídio e o casal que celebra o amor, desestabilizam a estrutura cisheteronormativa do casamento.

Destacamos o trecho do livro *Vidas Trans: a luta de transgêneros brasileiros em busca de seu espaço social*, retirado do capítulo *Destino Amargo*, escrito pela autora Amara Moira *et al.* (2017, p. 50), que revela as negociações em relação aos códigos e experimentações do corpo:

As brechas que a gente cavuca para tentar encontrar um pouco de ar fresco. Isso me faz lembrar do dia em que escutei um menino de 8 anos dizer para a amiguinha: “Vamos brincar de filme de rei? Porque no filme de rei os homens podem usar saia”. Ou mesmo os terços que eu usava no pescoço quando criança ou quando a gente amarra toalha no cabelo para parecer que tem cabelão.

O relato de Moira mostra o quanto ainda que não sejam reconhecidas as desconstruções em relação aos padrões cisheteronormativos ocorrem de diferentes formas em diálogos simples do cotidiano. Essa perspectiva sobre corporalidade e estética aceita na sociedade também é retratada na reportagem do *Fantástico*. Como mencionado anteriormente, Lolla conta que se sentia mais livre dentro do que fora da prisão. Isso porque, mesmo que dentro do presídio não estivesse esteticamente com corpo que desejava, em razão da interrupção da ingestão de hormônios, sentia-se livre para viver sua mulheridade (NASCIMENTO, 2021). Contudo, ao sair da penitenciária assumiu uma identidade masculina na tentativa de evitar agressões transfóbicas.

Assim, Leticia Lans (2014), em sua dissertação *O Corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero*, aponta sobre corpos: “É importante, ainda, atentar-se para a ambiguidade e a efemeridade do elemento corpo, pois mais que um construto onde se extraem fontes de certezas, ele é, sobretudo, capaz de produzir questionamentos” (LANZ, 2014, p. 106). Isto é, mais do que certezas os corpos apresentados na reportagem de Drauzio Varella foram capazes de produzir questionamentos e reflexões sobre vivências distintas.

Dito isso, compreendemos que a potência simbólica dos corpos e depoimentos contidos na reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b) são capazes de tensionar o CISTema (NASCIMENTO, 2021). Na medida em que corpos de mulheres trans e travestis assumem protagonismo e não são retratadas de maneira caricata ou cômica em produtos midiáticos, forçam limites do corpo aceito. Entretanto, esses produtos midiáticos não são maioria e muitas vezes existências trans figuram em telejornais em razão de casos sofridos de violência transfóbica e episódios de justiçamento. A seguir, abordaremos dados que apresentam o recorte atual das condições de mulheres trans e travestis no país.

4.3 (R)existência trans no Brasil

*Às vezes eu sinto como se o
corpo fosse explodir do nada.
De tanto que me queimam
esses olhares incandescidos
de ódio e repulsa
Piê Poeta*

Reunimos alguns dados para apresentar a precariedade e invisibilidade que pessoas trans e travestis estão expostas no Brasil. O Dossiê Assassinatos e Violências contra Travestis e Transexuais Brasileiras em 2022 (ANTRA, 2023) apresenta os números de violência contra a população trans. De acordo com dados da pesquisa, 131 pessoas trans foram assassinadas no país no ano de 2022, desse total: 130 travestis e mulheres trans e 1 homem trans (ANTRA, 2023).

A dificuldade de pertencer à sociedade que pessoas trans enfrentam no país, também é refletida no levantamento de dados para a pesquisa, isso porque não há um órgão específico para mapear demandas de pessoas trans e não-binárias. As edições do Dossiê realizadas pela Antra apontam sistematicamente a dificuldade para rastrear os números da violência. Assim, a pesquisas partem de cruzamentos de informações em órgãos públicos, notícias, registros em

organizações de acolhimento de pessoas LGBTQIAP+, relatos em plataformas de redes sociais digitais e espaços de sociabilidade (ANTRA, 2023).

Em relação à etnia, o dossiê revela que mulheres trans e travestis pretas estão mais vulneráveis. Os casos analisados, que dispunham de tal informação, apresentam que: 76% das vítimas eram de travestis e mulheres trans pretas e pardas, 24% brancas e 1% indígenas (ANTRA, 2023). Além disso, a pesquisa aponta que as vítimas integravam um contexto de extrema vulnerabilidade social.

A baixa escolaridade, o abandono familiar e a falta de oportunidades e acesso contribuem para o cenário de pobreza extrema. Conforme a organizadora do dossiê, Bruna G. Benevides (ANTRA, 2023, p. 45-46), a soma dos fatores compõe o perfil que mais sofre a violência transfóbica: “[...] que é a travesti ou mulher trans, negra, pobre, periférica, que é percebida dentro de uma estética travesti socialmente construída e, principalmente, profissionais do sexo que atuam na prostituição nas ruas”.

No que diz respeito ao mercado de trabalho, a população trans enfrenta barreiras que perpetuam o ciclo de exclusão, sendo a prostituição a principal fonte de renda. É o que apontam Cecília Almeida e Victor Vasconcellos (2018, p. 311) em artigo sobre o acesso de pessoas trans ao mercado de trabalho, em São Paulo. “Isso porque as pessoas trans não são vistas como mulheres e homens ‘verdadeiros’, além de serem estigmatizadas e vinculadas a posturas tidas socialmente como reprováveis, como envolvimento com drogas, violência e prostituição”. Os autores destacam que, a partir de relatos de pessoas trans, a permanência em vagas de emprego é impactada antes, durante e depois do processo de transição de gênero. Assim, “[...] se a pessoa transexual busca um emprego depois de iniciada a transição, encontra a ignorância em relação ao que significa ser transexual, rejeição e preconceito. No entanto, se a pessoa já tinha um emprego e, então, realiza sua transição, pode ser demitida” (ALMEIDA; VASCONCELLOS, 2018, p. 313).

Além disso, outras questões somam-se às múltiplas formas de minar a vivência de pessoas trans no ambiente de trabalho. Dentre elas, a não utilização do nome social, vestiários, banheiros e uniformes inadequados, representam entraves na inserção e continuidade da população trans em empresas. Ressalta-se que a transfobia não se inicia no mercado de trabalho. Geralmente, pessoas trans têm sua permanência em escolas interrompida em função de diversos episódios de preconceito, abusos e agressões. Segundo Almeida e Vasconcelos (2018), além do acesso à educação é necessário ampliar as possibilidades de acolhimento de pessoas trans no ambiente escolar para que seja viável sua continuidade e conclusão dos estudos.

Vale ressaltar que o uso do banheiro em ambientes públicos é alvo de recorrentes episódios de transfobia em diferentes espaços, pois interferem na saúde e acesso de pessoas trans e travestis ao convívio social. Atualmente, diversos episódios estão ganhando destaque na mídia¹¹. Entretanto, os casos de transfobia continuam ocorrendo diariamente. Na capital do Rio Grande do Norte, a vereadora eleita Thabatta Pimenta, de 30 anos, foi barrada por seguranças ao tentar utilizar o banheiro feminino de um shopping. Além disso, Thabatta relatou que foi constrangida ao ser questionada sobre qual nome constaria em sua identidade (MULHER..., 2022). Assim, é possível compreender o quanto são negados os direitos básicos para pessoas trans, até mesmo quando exercem posições de poder reconhecidas dentro da hierarquia social, neste caso, um cargo político.

Dessa forma, é importante compreender o quanto pessoas trans e travestis figuram à margem de ações simples da dinâmica social. Neste sentido, a exclusão também perpassa o acesso às mudanças e evoluções no mundo do trabalho. Como aponta Oliveira (2019, p. 86): “Essas pessoas já não faziam parte do proletariado industrial. A elas eram (e ainda são) reservadas as margens, a informalidade e, frequentemente, a ilegalidade”.

Sendo assim, a prostituição perpassa o cotidiano de diversas mulheres trans e travestis no país, cuja exposição à violência é vivenciada diariamente. Essa realidade também foi relatada a Drauzio Varella, pela primeira entrevistada da reportagem do *Fantástico*. A reeducanda Thais Pereira de Lima, de 30 anos, conta que com 15 anos teve seu primeiro contato com a prostituição: “Tive que sair da casa dos meus pais, pra tentar a vida lá fora. Como a maioria das trans, *tentar a vida lá fora* é fazer prostituição” (GLOBOPLAY, 2020b, grifo nosso).

O cenário exposto é fruto da gama de abusos, exclusões e agressões que pessoas trans e travestis enfrentam a partir do momento em que sua expressão de gênero é vivida em sociedade. Segundo dados da edição publicada pela ANTRA (2021), do Dossiê Assassinatos e Violência contra Travestis e Transexuais de 2020, a pandemia de COVID-19, a crise econômica e a ineficiência do Estado potencializaram a precariedade socioeconômica de mulheres trans e travestis no país:

Com aumento de pessoas em situação de vulnerabilidade social e de miseráveis, a crise econômica, a política e aumento do desemprego,

¹¹ “Ele disse que eu não posso usar o banheiro feminino. Travesti não pode usar o banheiro. Vou fazer xixi onde?” (Mariana GONZALES, 2022). Fala da cabeleireira Lanna Hellen, ao ser barrada e arrastada por seguranças de um shopping em Alagoas, para que não utilizasse o banheiro feminino. O caso motivou uma das primeiras ações com condenação de transfobia relacionada ao uso de banheiros públicos no país (GONZALES, 2022).

acreditamos que se mantém atual a estimativa de que apenas 4% da população trans feminina se encontra em empregos formais, com possibilidade de promoção e progressão de carreira. Da mesma forma, vemos que apenas 6% estão em atividades informais e subempregos, mantendo-se aquele que é o dado mais preocupante: 90% da população de travestis e mulheres transexuais utilizam a prostituição como fonte primária de renda (ANTRA, 2021, p. 44).

Dito isso, os fatores já citados como a vulnerabilidade extrema e a fragilidade de políticas públicas destinadas à população trans e travesti no Brasil, explicam os resultados do relatório da Organização Não Governamental *Transgender Europe* (TGEU, 2022) relativos ao período de outubro de 2021 a setembro de 2022. Conforme o relatório, pelo 14º ano consecutivo, o Brasil ocupa o posto de país que mais mata pessoas travestis e transexuais no mundo (TGEU, 2022).

A TGEU também cita o assassinato pauladas da adolescente trans Keron Ravach, de apenas 13 anos, na cidade de Camocim, no Ceará, como a pessoa trans mais jovem a ser morta, no período de outubro de 2020 a setembro de 2021 (TGEU, 2021). Segundo a polícia, a motivação do crime seria a cobrança por parte de Keron de uma dívida de R\$ 50,00 em função de um encontro com um jovem de 17 anos (JOVEM..., 2021). A realidade de Keron e Thais não são exceção no país. De acordo com a autora Berenice Bento (2017), no Brasil, na faixa dos 13 aos 16 anos, adolescentes trans saem de casa. Assim, encontram refúgio na prostituição, na qual permanecem tanto por questões financeiras como pela possibilidade de criar laços sociais.

Além disso, a autora Larissa Pelúcio (2005) destaca mais itens relacionados às dinâmicas exercidas pela prostituição:

A prostituição é entendida de diversas formas pelas travestis: (1) como uma atividade desprestigiada, com a qual só se envolveriam por necessidade, saindo dela assim que possível; (2) como uma forma de ascender socialmente e ter conquistas materiais e simbólicas; (3) como um trabalho, sendo, portanto, geradora de renda e criadora de um ambiente de sociabilidade (PELÚCIO, 2005, p. 223).

O caso de Keron aponta além da questão da prostituição, como os crimes contra pessoas trans e travestis estão conectados com a forma pela qual a sociedade enxerga seus corpos. Por isso, Bento (2017) propõe que esse tipo de crime seja tipificado como transfeminicídio. Isso porque, assim como o feminicídio, tais crimes ocorrem em função do gênero da vítima. A autora aponta seis características comuns entre os dois tipos de violência de gênero. Dentre elas destacamos:

[...] 2. A morte ritualizada. Não basta um tiro fatal, uma facada precisa ou um atropelamento definitivo. Os corpos das mulheres trans são mutilados por dezenas de facadas, por inúmeros tiros. [...] 4. As famílias das pessoas trans raramente reclamam os corpos. Não existe luto nem melancolia [...] (BENTO, 2017, p. 234).

Um dos fatores pontuados pela pesquisadora diz respeito à forma como as instituições são capazes de violentar novamente o corpo trans ao não reconhecer sua identidade “[...] na preparação do corpo e no registro de sua morte” (BENTO, 2017, p. 235). Como exemplo, citamos o caso envolvendo Alana Azevedo, no município de Japarutuba, Sergipe, em outubro de 2021. A jovem foi enterrada com roupas masculinas e cavanhaque, o que gerou indignação na comunidade LGBTQIAP+ e em amigos (BUSINARI, 2021).

A perspectiva de Bento (2017) sobre a morte ritualizada destinada a pessoas trans ocorreu em comentários analisados nesta pesquisa. Os interagentes suscitaram conteúdos que incentivavam mortes violentas, incluindo processos de tortura e justicamento. A seguir, apresentaremos alguns dados pertinentes ao sistema prisional no que diz respeito à população trans e travesti no Brasil. Por fim, abordaremos como a realidade das pessoas trans e travesti e as narrativas jornalísticas se conectam compondo as disputas de sentidos oportunizados na reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b).

4.3.1 Pessoas trans e o sistema prisional

O sistema prisional brasileiro é um tema denso e que necessita de grande aprofundamento. Em razão de representar diversas questões que refletem mazelas do país, como o racismo estrutural e o encarceramento em massa, por exemplo. Contudo, em nossa pesquisa faz-se necessário uma compreensão sobre a realidade da população trans e travesti dentro de presídios brasileiros. Isso porque, a reportagem de nosso estudo, inicialmente, propunha-se a debater a vulnerabilidade que pessoas trans e travestis estão expostas em casas de detenção pelo Brasil. Por isso, localizamos dados produzidos pela ANTRA sobre o cárcere e a população LGBTQIAP+ e abordaremos, especificamente, informações sobre pessoas trans e travestis no sistema prisional.

De acordo com o Estudo Sobre a População LGBTI+ em Privação de Liberdade, desenvolvido pela ANTRA em 2020 (ANTRA, 2020), a realidade de mulheres trans e travestis em presídios é precária. Como apontado em outros documentos que rastreiam dados sobre população trans e travesti, a falta de informações é recorrente. Assim, o cenário

apresentado pode não abranger a totalidade de situações de vulnerabilidade a que estão expostas no país. “No que se refere às travestis e mulheres transexuais negras, a somatória da transfobia com o racismo ratificam a vulnerabilidade do corpo negro no Brasil, sobretudo da juventude negra, violência tão discutida e denunciada – nacional e internacionalmente [...]” (ANTRA, 2020, p. 6).

O estudo aponta um dado sobre a Casa de Detenção Provisória II- Pinheiros, presídio no qual a reeducanda Suzy de Oliveira dos Santos, uma das entrevistadas da reportagem do *Fantástico*, está alocada. A informação reflete o quanto pessoas trans e travestis sofrem múltiplas formas de exclusão:

[...] algumas informações nos alertam para um quadro de seletividade penal particularizado: só no Centro de Detenção Provisória II - Pinheiros, por exemplo, a população LBGTI+ representava 20% do total (Ferreira et. al., 2019), quando esse percentual é bem menor em todos os países do mundo, de acordo com estimativas científicas diversas: entre 1% e 10%. Ainda que seja um percentual aparentemente reduzido, se considerarmos o total da sociedade, é evidente que essa população - e, sobretudo, as pessoas travestis e transexuais - estão sendo mais encarceradas do que a população geral (ANTRA, 2020, p. 6).

Os marcadores de classe, raça e gênero ficam visíveis nos resultados do estudo, indicando que mulheres trans e travestis pretas são as mais vulneráveis e expostas à violência no país. A pesquisa também aborda a questão pertinente em relação à alocação desejada por pessoas trans e travestis ao ingressarem no sistema prisional:

Além disso, o trabalho questionou a população trans sobre quais espaços desejavam ocupar dentro do sistema prisional, obtendo o seguinte resultado: 84,5% (413) das travestis responderam que preferem ocupar as prisões masculinas, enquanto 15,5% (76) preferem as prisões femininas; 63,2% (122) das mulheres transexuais preferem as prisões masculinas, enquanto 36,8% (71) preferem as prisões femininas; 82,4% (42) dos homens trans preferem as prisões femininas, enquanto 17,6 (9) preferem as prisões masculinas (ANTRA, 2020, p. 7).

De acordo com a reportagem do *Fantástico*, Suzy revela a Drauzio como se prostituiu nos primeiros quatro anos no presídio, exemplificando as dinâmicas de violência e abusos que perduram dentro e fora do cárcere. Assim, as agressões às detentas trans e travestis no ingresso do sistema prisional são frequentes, além de “[...] cortes de cabelo compulsórios; casamentos arranjados, ou sexo forçado em troca de bens alimentícios; utilização de seus corpos para esconder/traficar drogas (quem, na prisão, é conhecido como ‘mula’); exploração da prostituição em troca de alimentos, ou de medicações [...]” (ANTRA, 2020, p. 13).

A ANTRA finaliza o estudo e aponta 30 recomendações para o tratamento penal de pessoas LGBTIAP+ e a revisão dos processos. A seguir, destacamos algumas recomendações citadas que são voltadas especificamente às mulheres trans e travestis: acolhimento e garantia de direitos assegurados, de forma igualitária e sem nenhum tipo de discriminação; direito ao uso do nome social; direito a participar do processo de decisão sobre onde desejam cumprir a privação de liberdade; encaminhamento aos serviços de saúde mental e de atenção básica para acompanhamento pós-cárcere; e coibição de terapias de reversão, ou de conversão sexual, e/ou de gênero, conforme legislação vigentes e diretrizes do Conselho Federal de Psicologia (CFP), (ANTRA, 2020).

No próximo item 4.4 (Gênero e a reportagem do *Fantástico*), apresentaremos as relações entre a reportagem do *Fantástico*, os estigmas e as tensões oportunizadas por discussões sobre gênero no campo midiático.

4.4. Gênero e a reportagem do *Fantástico*

A reportagem de nossa pesquisa está intrinsecamente atravessada pelo debate em torno de pautas sobre corpos e realidades apresentadas. De acordo com Guacira Louro (2003), existem corpos e vivências considerados desviantes por não figurarem no padrão compreendido como natural, atribuído apenas às formas do feminino em oposição ao masculino. Assim, na medida em que o jornalismo passa a ofertar em suas produções enquadramentos pela perspectiva de gênero, impõe um embate a forças contrárias à inclusão desses indivíduos e suas demandas.

Judith Butler (2003) explica que a imposição do binarismo exclui outras formas possíveis de sexualidade e vivências que escapam à norma heteronormativa, que tem no masculino o dominante e o universal. Relegando dessa maneira ao feminino a necessidade de marcação e identificação, bem como de demais corpos distintos do masculino, branco, heterossexual, cristão, jovem e urbano.

Neste sentido, identifica-se que a reportagem do *Fantástico* também é precursora de forte embate em função da percepção de um corpo trans como passível de receber afeto. Visto que, como explica Butler (2019), a concepção do gênero com base em uma norma excludente articula-se na necessidade de manutenção de existências à margem, cunhadas pela autora como corpos abjetos. Isto é, que não ocupam o mesmo espaço, mas são necessários para manter a estrutura dominante em vigor.

Assim, há uma instância latente de articulações que são identificadas durante a repercussão da reportagem, em função da expressão de gênero de Suzy. Esse direcionamento de atenção está ocorrendo de maneira sistemática, como identificaram Marlon Dias e Alisson Machado (2022), ao analisarem os protestos em repúdio à vinda da escritora Judith Butler, sob a *hashtag* #ForaButler¹² em 2017, no Brasil. De acordo com o artigo, a manifestação é mais uma das ações coordenadas em prol de uma cruzada moral contra o que grupos extremistas entendem como a ideologia de gênero (DIAS; MACHADO, 2022). A partir de distintas articulações midiáticas, movimentos contrários aos avanços de direitos civis de grupos excluídos empenham-se em mobilizar a opinião pública e disseminar conteúdos de ódio.

O cenário acima exposto é colocado em prática também em relação à reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b). As articulações em torno dos motivos da prisão de Suzy, incluem ameaças, *hashtags* contendo termos como #Globoapoiapedofilia e #Drauziolixo, entre outras manifestações em redes sociais digitais. Dessa forma, percebe-se uma ação conjunta que envolve políticos e figuras públicas, cujas pautas ultraconservadoras são disseminadas em razão do preconceito sobre questões envoltas nas temáticas de gênero.

Essa perspectiva pode estar relacionada à compreensão de Pollak (1989) sobre como a memória coletiva está sempre em disputa. Assim, forças opostas se articulam em prol da ocupação da esfera pública, figurando em uma memória subterrânea. Isso significa que, mesmo que uma força esteja no poder, sempre ocorre uma articulação contrária subversiva que emerge na tentativa de disputar, ocupar ou recuperar um espaço perdido.

Neste sentido, como anteriormente mencionado a partir de Carvalho (2018), movimentos de pessoas trans, travestis e não-binárias conquistaram avanços significativos no Brasil na última década. Em contrapartida, articulou-se um movimento político contrário cujo intuito é barrar o progresso de grupos excluídos e fomentar pautas ultraconservadoras disseminando ódio. Assim, as redes sociais digitais oferecem um palco perfeito para essa disputa de sentidos distintos em que pesam o volume e o rápido poder de espalhamento (JENKINS; FORD; GREEN, 2015), em detrimento de debates e discussões aprofundadas.

Dessa maneira, é importante pensar a estigmatização a qual pessoas que escapam à norma (LOURO, 2000) estão relegadas. Por isso, a partir do desconhecimento dessas

¹² Em 7 de novembro de 2017, em São Paulo, em ações contrárias à vinda de Judith Butler ao país, manifestantes reproduziram cenas alusivas à antiga prática de inquisição da Idade Média, em que mulheres eram queimadas. Aos gritos de “queimem as bruxas”, uma boneca vestida de bruxa com a foto da escritora foi queimada. A ação seria para impedir o que consideram como ideologia de gênero, que abriria espaço para legalização de zoofilia e pedofilia. Uma análise sobre o episódio pode ser lida em Dias e Machado (2022).

existências e da falta de proximidade com suas realidades, suas histórias são capitaneadas para perpetuar preconceitos e a manutenção de sua exclusão. Assim, Dagmar Meyer (2013) pontua que, ancorada em uma visão de cunho religioso ou na variabilidade biológica, ainda existe a percepção única de dualidade do masculino e feminino. Por isso, dentro dessa crença se justificaria para esses indivíduos, em alguma medida, desigualdades sociais e exclusões às vivências distintas por não seguirem o esperado.

Para pessoas trans e travestis a própria construção e o resgate histórico são relegados. “Em uma perspectiva histórica de gênero e sexualidade, as transgeneridades ocupam um lugar de não existência: como mulheres transexuais e travestis, somos forasteiras da humanidade, estrangeiras do gênero” (NASCIMENTO, 2021, p. 57-58). Os dois aspectos explicitados acima (MEYER, 2013; NASCIMENTO, 2021) são facilmente percebidos nos comentários analisados em nossa pesquisa. Os interagentes, além de acreditarem que os processos de violência seriam uma “punição divina” para mulheres trans e travestis, também questionam suas existências e lugar na sociedade.

Maria Clara Aquino B. (2021) cita a importância de revisar a interpretação calcada em uma dicotomia de gênero, que possui suporte em instâncias simbólicas, linguísticas e sociais capazes de normatizar e permitir a manutenção de processos que validem a desigualdade de gênero. Nessa concepção, atribuem valores diferentes em relação a questões definidas como femininas e masculinas. Podemos citar de exemplo, argumentos do senso comum de que homens são impetuosos, corajosos e mulheres sensíveis, delicadas. Dessa forma, a autora aponta como essas instâncias marcam hierarquias de poder, que privilegiam aspectos pautados em uma visão heteronormativa da sociedade (AQUINO B., 2021). Na medida em que esse poder é tensionado a partir de vivências e corpos que escapam às normas pré-estabelecidas e desestruturam o CISTema (NASCIMENTO, 2021) causam tensionamentos e desconstruções.

Nesse sentido, de acordo com Nascimento (2021), nota-se uma extensão e reposicionamento do lugar do *outro*, conceito proposto por Simone de Beauvoir (2016) sobre o lugar ocupado por mulheres cis, heterossexuais, brancas em relação aos homens cis, heterossexuais, brancos. Para Nascimento (2021), é possível pensar a perspectiva do lugar do *Outro* a partir de corpos trans e travestis:

Como mulheres transexuais e travestis, os deslocamentos das *outriedades* se movem de modo a produzir a vulnerabilização de nossas existências. Nossas *outriedades* estão além; somos, de certa maneira, o *Outro* do *Outro* do *Outro*, uma imagem distante daquilo que é determinado normativamente na sociedade como homem e mulher (NASCIMENTO, 2021, p. 62, grifo da autora).

A compreensão sobre esse não lugar pode dar indícios dos porquês a reportagem suscitou tantas e intensas manifestações. Assistir a corpos trans e travestis pretos, em horário nobre na TV aberta, recebendo afeto e contando suas próprias histórias, foi o estopim para forças ultraconservadoras se articularem. Vale lembrar que a reportagem ocorreu em meio ao início da pandemia de COVID-19 no Brasil e a diversos problemas e escândalos no governo de Jair Bolsonaro. Dessa forma, enquanto buscavam teorizar sobre Suzy, apoiadores de Bolsonaro, seus filhos e até um ministro de seu governo utilizaram o episódio para disseminar conteúdos de ódio contra pessoas trans e travestis. Em contrapartida, alguns interagentes, duvidaram das informações apuradas posteriormente sobre os crimes cometidos por Suzy. Além disso, não compreenderam a manifestação de descontentamento reclamada pela família de Fábio dos Santos Lemos sobre a exposição do caso.

Assim, nota-se que a disputa de sentidos a partir da reportagem inicia em um debate sobre as condições de precariedade que mulheres trans e travestis enfrentam dentro e fora do cárcere. Todavia, o atual momento político do país se impôs. Por fim, a discussão sobre população trans, políticas públicas e acesso à saúde desloca-se a uma equivocada individualização da realidade de pessoas trans e travestis, culminando em manifestações de justiça.

Da mesma forma, o jornalismo, neste caso, foi tensionado por questões base em sua construção ao longo da história: apuração e informação ao público. Visto que, a “Constituição e disputas de territórios de sentidos, incrementados com a performance de algoritmos, passam a compor a cena social contemporânea via rede, afetando dinâmicas jornalísticas” (OLIVEIRA; OSÓRIO; HENN, 2019, p. 2).

No cenário atual, o jornalismo não opera a construção da informação de maneira unilateral, assim está exposto à multiplicidade de atores sociais. Conforme Maria Clara Aquino B. (2020, p. 171), “Na medida em que aumentam as possibilidades de microconexão e disseminação de conteúdos que disputam atenção com o jornalismo, as pessoas, por um lado, têm mais informação à disposição e também podem compartilhar e circular conteúdo”. Entretanto, para a autora, a mesma lógica algorítmica (que privilegia a entrega de conteúdo baseados em interesses do usuário) propicia o consumo de informações falsas e potencializa sua circulação a partir da automatização de conteúdo (AQUINO B., 2020).

Assim, o confronto de múltiplos aspectos e atores sociais são parte integrante das atuais dinâmicas de produção de informação, seja em relação ao jornalismo ou a produtores de conteúdo, figuras públicas, celebridades etc. Por isso, como pontua André (2020), adotar “protocolos”, nas palavras do autor, em reportagens que envolvam questões de segurança,

cárcere, vítimas e apenados, abrem caminhos para pensar as relações entre jornalismo e audiência.

Portanto, em razão da multiplicidade de atores sociais oportunizada em redes digitais ocorre uma demanda pela inclusão de perspectivas e pautas da comunidade LGBTQIAP+ em relação à produção jornalística. Conforme abordado no item 2.1.2 (A reportagem do *Fantástico* e o jornalismo), percebe-se uma resistência que o campo profissional, em certa medida, possui em compreender novos usos e termos de uma linguagem, que como toda produção humana está em permanente construção.

A importância da subjetividade nas construções jornalísticas e o porquê devem atuar de maneira conjunta com a objetividade são abordados por Márcia Veiga da Silva e Fabiana Moraes (2019, p. 15). “O subjetivo é tão necessário quanto o objetivo para a existência do propagado ‘bom jornalismo’, e a recusa do primeiro trouxe não só prejuízos para a prática (e teoria), mas principalmente para aqueles e aquelas que eram por este jornalismo traduzidos”. Ou seja, na medida em que a subjetividade integra as práticas profissionais, pode conferir reposicionamento do jornalismo mediante o cenário de crise em que se encontra. Dessa forma, como agente propulsor de debates de grupos historicamente invisibilizados, oportunizando pontos de partida que possuam diferentes perspectivas.

A informação, suas dinâmicas e o jornalismo estão em processo constante de tensionamento. Assim, terminologias, a própria interação com o público e a relação com as redes sociais digitais são avaliadas e questionadas constantemente. Neste sentido, a subjetividade pode ser compreendida como uma das ferramentas de expansão para retratar a sociedade:

[...] o jornalismo de subjetividade nos é útil como ferramenta, ao empregar uma abordagem não espetacularizada sobre grupos historicamente considerados Outros da racionalidade e normatividade vigentes; ao procurar trazê-los sem enquadrá-los como exóticos, engraçados, vítimas ou violentos; ao não tomar repórteres como heróis e/ou heroínas, salvadores, enquanto o Outro é figurante (VEIGA DA SILVA; MORAES, 2019, p. 17).

Isso porque, mesmo que tensionado por múltiplas e distintas possibilidades de atores sociais, o jornalismo mantém esse local de produtor de conhecimento e debates na sociedade. Assim, na compreensão de Eduardo Meditsch (1997, p. 2) “[...] na prática, esta forma de conhecimento tanto pode servir para reproduzir outros saberes quanto para degradá-los, e é provável que muitas vezes faça essas duas coisas simultaneamente.” A explicação de Meditsch (1997) é facilmente verificável nas análises e conteúdos aqui expostos em relação à

repercussão da reportagem. Dessa maneira, localizamos materiais jornalísticos que propuseram debates para avançar questões sobre condições da população trans carcerária no Brasil. Entretanto, também encontramos conteúdos jornalísticos que reforçaram estigmas, termos transfóbicos e serviram de base para disseminação de conteúdos de ódio.

Nesse sentido, a ação educativa do jornalismo (MEDITSCH, 1997) pode ser capitaneada para perpetuar preconceitos e balizar conteúdos odiosos em que disputa espaço com os novos contornos oportunizados pela alteridade (VEIGA DA SILVA; MORAES, 2019) na produção jornalística. Assim, as subjetividades encontram barreiras seja por resistência de parte do campo profissional em reconhecer e atualizar suas práticas, seja por parte da audiência que não reconhece a diversidade de corpos e vivências. Por fim, em diferentes esferas todos esses elementos são incorporados e confrontados na ambiência digital, em razão da conversação em rede (RECUERO, 2014), criando tensões e disputas de discursos manifestadas de maneira odiosa.

A seguir, no capítulo 5 (O ódio como discurso) abordaremos as formas em que se estruturam os discursos de ódio e como as dinâmicas em redes sociais digitais propiciam o alcance e disseminação desse tipo de conteúdo.

5 O ÓDIO COMO DISCURSO

Neste item, abordaremos como os discursos de ódio estão presentes dentro dos conteúdos com ampla repercussão e compartilhamento nas plataformas de redes sociais digitais. É necessária essa perspectiva, visto que um dos desdobramentos sobre a repercussão da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b) inclui manifestações intensas de ódio. De acordo com Aline Dalmolin (2015, p. 3): “Por resguardar íntima relação com o princípio da liberdade de expressão, o enquadramento dos discursos de ódio suscita um amplo debate”. Ou seja, ao consultar definições sobre o que é discurso de ódio, encontramos compreensões que podem variar de acordo com a cultura e ordenamento jurídico de cada país. Além disso, percebe-se que é um conceito ainda em disputa nas dinâmicas sociais, principalmente, no ambiente digital.

Na sequência, em 5.1 (O que é o discurso de ódio?) apresentaremos algumas perspectivas sobre discurso de ódio e o ordenamento jurídico brasileiro. Em 5.2 (Discurso de ódio e redes sociais digitais no Brasil) compreenderemos como o discurso de ódio e a intensa utilização de plataformas de redes sociais digitais no Brasil estão diretamente conectados. Posteriormente, em 5.3 (Gênero e discurso de ódio como catalisadores de ciberacontecimentos) debateremos como as temáticas de gênero atravessam diferentes ciberacontecimentos.

5.1 O que é o discurso de ódio?

Com intuito de exemplificar quais elementos estão presentes no discurso de ódio, recorreremos aos estudos das ciências jurídicas de Winfried Brugger (2007). O autor inclui como discurso de ódio práticas direcionadas de insulto, intimidação, assédio a pessoas em função de raça, cor, etnicidade, nacionalidade, sexo, religião, ou ainda que promovam ou incitem à violência, ao ódio ou à discriminação contra esses indivíduos.

Na medida em que é proferido, o discurso de ódio tem como objetivo rotular e enfatizar um inimigo, mantendo-o à margem e excluído de outras pessoas. Além disso, articula-se a partir de falas convincentes para que seja possível sua disseminação e apoio em determinados grupos, configurando mecanismos de opressão (SCHÄFER; LEIVAS; SANTOS, 2015).

Destacamos que Brugger (2007) apresenta análise a partir das legislações alemã e estadunidense. Assim, o autor pontua que enquanto a justiça estadunidense age somente em

última instância, quando identifica a possibilidade de atos ilícitos, a Alemanha se articula em sua jurisprudência para coibir práticas de ódio em seu início (BRUGGER, 2007). Compreendemos que a reflexão de Brugger (2007) é pertinente, pois muitas vezes no Brasil, quando indivíduos são responsabilizados por suas publicações, em plataformas de redes sociais digitais, ocorrem comparações com o ordenamento jurídico estadunidense. Entretanto, as leis brasileiras diferem da legislação vigente daquele país. No ordenamento jurídico brasileiro: “Mesmo que a livre manifestação do pensamento seja garantida pela Constituição, sobretudo no que tange ao artigo 220, a liberdade de expressão não possui hierarquia maior dentre os direitos fundamentais” (DALMOLIN, 2015, p. 3).

Assim, de acordo com Dalmolin (2015), a compreensão sobre até onde vai a liberdade de expressão e onde começa o discurso de ódio não está totalmente clara, oportunizando diversos episódios de disputa. É o que também aponta Gabriela Pereira (2018), em sua pesquisa de mestrado, intitulada *Gênero, Ética e Discurso: Produção, circulação e consumo do discurso de ódio motivado por questões de gênero em sites de redes sociais*. A autora traça uma genealogia do discurso de ódio e reflete: “É um conceito que está em processo. Talvez a dificuldade de definição do discurso de ódio resida na dificuldade de definir o que é o ódio” (PEREIRA, 2018, p. 56).

Em termos jurídicos, no Brasil, o Art. 5º da Constituição Federal de 1988, estabelece que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]” (BRASIL, 1988). Contudo, em razão da popularização e acesso de internet e redes sociais digitais, houve a demanda de uma legislação específica sobre direitos e deveres relacionados ao ambiente digital. É o que explica Flávia Leite (2016, p. 159):

[...] o ambiente virtual tornou-se propício para condutas odiosas que reclamam uma atitude enérgica do Poder Público. Dentro desse contexto, foi aprovada a Lei 12.965, de 23 de abril de 2014, conhecida como Marco Civil da Internet, que estabelece princípios, garantias, direitos e deveres para o uso da internet no Brasil. Referida Lei está alicerçada por três pilares: neutralidade de rede, liberdade de expressão e privacidade.

Dito isso, atentamos para a informação que, em setembro de 2021, o então presidente Jair Messias Bolsonaro publicou a Medida Provisória Nº 1068 para alterar o Marco Civil da Internet (BRASIL, 2021). A medida previa novos procedimentos para remoção de conteúdos publicados em plataformas de redes sociais como *Facebook, Twitter, YouTube*. Assim, as

empresas não poderiam retirar publicações a partir de suas definições e diretrizes sem antes cumprirem protocolos com notificações, prazos e justificativas para retirada de conteúdo. Além disso, ficariam vedadas medidas para reduzir o alcance por parte das empresas aos conteúdos publicados em suas plataformas de redes sociais digitais (Fabiana UCHINAKA, 2021).

Vale ressaltar que a medida surgiu após Bolsonaro ter algumas de suas publicações e vídeos retirados das mesmas plataformas de redes sociais digitais. Os conteúdos por vídeo, *posts* e *tweets*, foram excluídos por disseminar informações falsas sobre a COVID-19 e tratamentos precoce sem comprovação científica (Letícia PAIVA, 2021). Em 19 de setembro de 2021, Rosa Weber, ministra do Supremo Tribunal Federal (STF), suspendeu a Medida Provisória Nº 1068, também rejeitada pela Câmara dos Deputados, em 13 de outubro de 2021 (Delis ORTIZ; GARCIA, 2021). Assim, podemos compreender como as redes sociais digitais impactam no cenário político atual e podem ser utilizadas de maneira coordenada para disseminar informações falsas e discursos de ódio.

Com base nas informações expostas entende-se que o discurso de ódio encontra brechas na legislação seja por questões relativas à liberdade de expressão, censura ou pela própria relação entre internet, empresas de plataformas de redes sociais e o ordenamento jurídico de cada país. Além disso, como apontado anteriormente, por não possuir um consenso a respeito de sua definição, a interpretação pública do discurso de ódio também perpassa questões partidárias a depender do governo que esteja no poder.

Por isso, bem como em diversos países, é comum no Brasil conteúdos odiosos circularem em formatos de piadas e *memes* livremente compartilhados nas redes sociais digitais (TRINDADE, 2022). Assim, ao serem enviados e recebidos de maneira corriqueira e sem atenção e/ou responsabilização ocorre uma rede de perpetuação de linguagem odiosa. Essa engrenagem encontra em conteúdos compreendidos por muitos como “piadas” (TRINDADE, 2022) e trocas rápidas das redes sociais digitais, o ambiente perfeito para sua produção e disseminação.

Dessa forma, a disputa de criação de narrativas online em meio à crise sanitária, econômica e política no Brasil, em 2020, está diretamente conectada à dimensão que a repercussão da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b) obteve. Drauzio Varella, reconhecido como defensor de políticas públicas e medidas de inclusão para grupos excluídos, é frequentemente alvo de ataques nas redes sociais digitais. Assim, a oportunidade de questionar *Rede Globo*, Drauzio Varella e direitos LGBTQIAP+ encontrou terreno fértil na rapidez e tensões das redes sociais digitais. No próximo item 5.2 (Discurso de ódio e redes

sociais digitais no Brasil) refletiremos como as dinâmicas de redes sociais digitais são capazes de alavancar conteúdos de ódio.

5.2 Discurso de ódio e redes sociais digitais no Brasil

Atualmente, o Brasil ocupa o 3º lugar no ranking mundial de utilização de plataformas de redes sociais digitais, nas quais os brasileiros passam 3h42min por dia (DATAREPORTAL, 2021). Assim, é possível compreender como as plataformas de redes sociais figuram no cotidiano das pessoas e o compartilhamento de conteúdo, informações, mensagens, áudios, vídeos, fotos, *memes* é instantâneo e volumoso.

Na medida em que ocorre a popularização do acesso à internet e à multiplicidade de conteúdo em plataformas de redes sociais digitais, surgem novas formas de discurso de ódio. A Organização Não Governamental (ONG) *SaferNet* atua em parceria com os Ministérios Públicos do país e a Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH) desde 2005 na promoção dos direitos humanos na internet (SAFERNET, 2021). Em parceria com o *Google*, a *SaferNet* lançou o projeto *SaferLab* para receber denúncias de discursos de ódio na internet. De acordo com a organização, desde 2006 mais 2.532.146 denúncias foram realizadas somente no canal da instituição. Além disso, o *SaferLab* aponta que ocorre um aumento do número de ocorrências, principalmente, durante o período eleitoral (O QUE É DISCURSO..., 2021).

Os autores Silva, Francisco e Sampaio (2021) realizaram estudo intitulado *Discursos de ódio nas redes sociais digitais: tipos e formas de intolerância na página oficial de Jair Bolsonaro*. Para a pesquisa, foram coletados 3.819.909 comentários, entre 2013 e 2016, no perfil oficial de Jair Bolsonaro (à época deputado federal, pelo estado do Rio de Janeiro), no *Facebook*. No estudo foram elencados os diferentes tipos de conteúdo de ódio e as especificidades do discurso de ódio político-partidário. Essa categoria se manifesta a partir de conteúdos que exploram opiniões extremistas, violentas, mas que se valem de oposições políticas, que seriam usadas para justificar tais discursos (SILVA; FRANCISCO; SAMPAIO, 2021).

Segundo os autores, a partir da análise que envolveu mineração de dados, estatística e análise de conteúdo, identificou-se ódio político-partidário como o discurso predominante nas publicações. O intuito era fomentar pautas extremistas apoiadas pelo parlamentar. Além disso, ocorreram intersecções de modalidades de discurso de ódio nos comentários incluindo sexismo, homofobia e xenofobia (SILVA; FRANCISCO; SAMPAIO, 2021).

Destacamos esse panorama sobre discurso de ódio online e a pesquisa acima, porque a repercussão da reportagem também oportunizou ampla articulação partidária, especialmente, por apoiadores do governo Bolsonaro. Assim, um dos mecanismos utilizados no discurso de ódio visa incentivar e persuadir pessoas que, além de compactuar dessas ideias, atuem em sua propagação (MACHADO; DIAS; Walkiria FERRER, 2018). Ou seja, é esperado que manifestações como o *tweet* de Abraham Weintraub (Figura 6), à época ministro da Educação, outorguem novas publicações que operem no mesmo discurso.

A movimentação em torno do episódio da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b) incluiu ainda uma publicação, em 9 de março de 2020, do então presidente da república, Jair Messias Bolsonaro, em seu perfil oficial no *Twitter*. A postagem obteve 11,5 mil *retweets*, 3.022 *tweets* com comentários e 61,4 mil curtidas (Figura 8).

Figura 8 - *Post* de Jair Bolsonaro



Fonte: Elaborado pela autora, com base em *Twitter*.

Neste movimento de repercussão desencadeado pela matéria do portal *O Antagonista* (TRANS..., 2020a), diversos temas foram adicionados ao debate: partidos políticos, direitos da população LGBTQIAP+, transfobia, valores da família, religião, segurança e jornalismo. A seguir (Figura 9), apresentamos uma imagem que obteve repercussão nas redes sociais digitais, após a publicação da matéria do portal *O Antagonista*.

Figura 9 – Repercussão da reportagem



Fonte: Elaborado pela autora, com base em Twitter.

Essa representação gráfica, a qual não conseguimos localizar o autor, obteve grande circulação em diferentes plataformas de redes sociais digitais, em diversos *posts*. A partir dessa imagem, muitos sentidos vão sendo adicionados à reportagem e seus desdobramentos. A inclusão, nessa representação, do corpo de uma criança amarrada, encapuzada e envolta em uma poça de sangue demonstra o quanto o ambiente simbólico foi alterado.

As manifestações positivas deram lugar a opiniões contrárias que repudiaram a reportagem. Identifica-se em publicações contendo a Figura 9, temas relativos à família, religião e justiça. Além disso, diversos comentários apontaram questões sobre a dor da família da vítima e o teor do crime cometido pela detenta. A imagem (Figura 9) também foi utilizada para expressar posições contrárias em relação à expressão de gênero de Suzy.

Dito isso, é possível compreender alguns aspectos pertinentes ao estudo de nossa pesquisa em relação à repercussão da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b). O conteúdo em redes sociais digitais não está dissociado das percepções e preconceitos das dinâmicas sociais fora da internet. Na verdade, o ambiente digital acelera com suas ferramentas e processos a disseminação de conteúdo de ódio já presente na sociedade (TRINDADE, 2022).

Destaca-se também, o quanto momento político de confronto e diferentes disputas oportuniza cenários para embate em redes sociais digitais. É o que explica Luiz Augusto

Mugnai Vieira Júnior (2018) em sua tese, intitulada: “*Quantas curtidas merece essa trans?*”: *a recepção da transexualidade nas mídias digitais* (2018, p. 228):

[...] tem de considerar que as pessoas vem cada vez mais perdendo o pudor de mostrar seus incômodos com os avanços de direitos no campo do gênero e sexualidade, porque se sentem protegidas pela tela, seja do computador ou do celular (o confronto que frequentemente não se dá face a face); ademais, porque surgiram figuras públicas como Bolsonaro, que respaldadas pela mídia de massa, por suas posições de poder, autorizaram, em alguma medida, a manifestação despudorada de ódios.

Além disso, como explica Raquel Recuero (2013), o distanciamento dos atores sociais em relação aos assuntos e situações discutidas no ambiente digital oportuniza a criação de uma atmosfera propícia à violência:

Quanto mais distante o ator se sente dos demais participantes da conversação, menor é seu compromisso, logo, maior a chance de ele cometer um ato de atentado à face contra outro. Por isso, a conversação em rede é um espaço frutuoso para a emergência de discussões inflamadas, discursos agressivos e ofensivos e, mesmo, pela propagação da violência (RECUERO, 2013, p. 62).

A afirmação de Recuero (2013) é facilmente percebida nos comentários analisados nesta pesquisa. Na medida em que os interagentes não se sentem próximos de Suzy e das questões envolvidas na reportagem tecem opiniões, ódio e expressam sua violência de maneira intensa. Além disso, entre os próprios interagentes a falta de proximidade dos debatedores entre si abre espaço para ofensas relativas aos espectros políticos de cada um. Isto é, o distanciamento serve de motivo aos ataques às personagens da reportagem, bem como às agressões mútuas entre os interagentes.

De acordo com Žižek (2014, p.17): “Em primeiro lugar, há uma violência ‘simbólica’ na linguagem e em suas formas”. Assim, percebe-se o quanto a linguagem e recursos estéticos visuais e imagéticos são potentes em exprimir diferentes formas de violência. Porém, não são percebidas da mesma forma que expressões físicas de violência. Por isso, no ambiente digital, conteúdos odiosos possuem ampla aceitação e são compartilhamentos entre os interagentes. Isso porque, muitas vezes “[...] a forma de humor tende a mascarar o discurso de forma crucial, tornando-o mais facilmente legitimado e propagado pelos atores” (RECUERO, 2013, p. 66).

Sendo assim, é possível compreender que a soma da multiplicidade, facilidade e instantaneidade das redes sociais digitais, bem como seu poder de replicação explicam a

potencialização do conteúdo de ódio. A autora Rebeca Recuero Rebs (2017) explica que o excesso na linguagem, também verificado nos termos analisados em nossa pesquisa, é um elemento do discurso de ódio. Isso porque, a violência “[...] pode ter a intenção (por parte do sujeito) de ficar cada vez mais clara ao outro (já que não é possível torná-la física por motivos como as regras sociais, punições etc.). Assim, ela utiliza-se justamente do excesso para agravar seus sintomas e agir de forma aniquilante no odiado” (REBS, 2017, p. 2514).

Além disso, a falta de conhecimento sobre limites jurídicos no ambiente digital e um consenso sobre a diferença entre opinião, preconceito e discursos odiosos compõem um cenário favorável para eclosão e compartilhamento de conteúdo de ódio. Destaca-se também o quanto a violência simbólica (ŽIŽEK, 2014) está presente em conversas cotidianas. De acordo com Trindade (2022), é comum na cultura brasileira diálogos odiosos circularem livremente, em razão de serem compreendidos como "humor". Assim, assegura-se que esses conteúdos mesmo carregados de teor machista, LGBTfóbico, xenofóbico e racista sejam aceitos.

Dito isso, a partir da reflexão aqui exposta, é possível compreender que o discurso de ódio possui diferentes camadas e que não é exclusivo de redes sociais digitais, mas que encontra no ambiente digital elementos para sua propagação em escala. Ressaltamos, com base em Silva, Francisco e Sampaio (2021), que as publicações de membros do governo e do então presidente da república à reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b), compunham o formato de comunicação adotado pela gestão Bolsonaro. A estratégia servia para dialogar com a base de apoiadores bolsonaristas e debater pautas conservadoras. Sendo assim, entendemos necessária uma compreensão sobre a relação entre o discurso de ódio, a temática de gênero e sua relação com ciberacontecimentos (HENN, 2014), pois ocorrem nas dinâmicas da produção de sentido das redes sociais digitais, como veremos a seguir.

5.3 Gênero e discurso de ódio como catalisadores de ciberacontecimentos

Neste item, relacionaremos o porquê de as temáticas de gênero serem tão poderosas em desencadear tensões e disputas intensas em redes sociais digitais. Além disso, nos interessa pensar como são costuradas violências e discursos odiosos em relação às pautas de gênero que potencializam a eclosão de ciberacontecimentos (HENN, 2014).

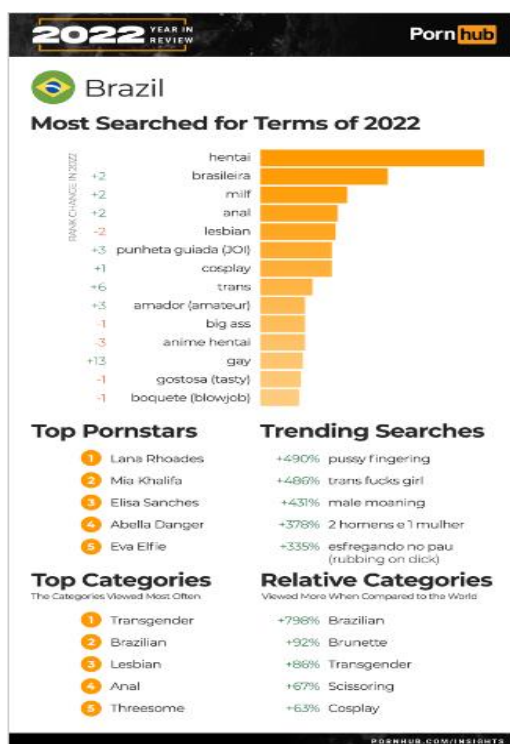
É importante dimensionar as oposições nos sentidos acionados em relação às pautas de gênero, principalmente, sobre corpos trans e travestis. De acordo com Judith Butler (2021), em seu livro *Discurso de ódio*, o ódio e o desejo podem estar diretamente conectados e nos

ajudarem a compreender manifestações de sentidos completamente opostas. Conforme a autora:

Os desrespeitos e as injúrias não são apenas os efeitos de um desejo que se voltou sobre si mesmo, e da projeção subsequente desses desejos que se voltaram sobre si mesmos sobre os julgamentos dos outros (na verdade, uma mistura de funções do superego com funções sociais); ao contrário, é a coincidência do julgamento dos Outros e o voltar-se sobre si mesmo que produz o cenário imaginário em que o desejo condenado e não vivido é registrado psiquicamente como os desrespeitos imaginados e as injúrias performatizadas pelos Outros (BUTLER, 2021, p.142).

O argumento da autora vai ao encontro do relatório divulgado pela plataforma de conteúdo adulto *Pornhub* de 2022, no qual “transgênero” se tornou a categoria de vídeos mais assistida no Brasil. A busca pelo termo também aumentou, colocando *trans* entre os 10 assuntos mais buscados dentro da plataforma no país (PORNHUB, 2022).

Figura 10 - Dados de acesso do *Pornhub* Brasil



Fonte: Pornhub (2022).

Além disso, em comparação com outros países em que a empresa mantém operação, o Brasil é o único em que a categoria transgênero lidera o consumo de vídeos (PORNHUB, 2022). Na próxima página, destacamos o demonstrativo com as categorias mais assistidas na plataforma em cada país.

Figura 11 - Consumo mundial do *Pornhub*

Fonte: Pornhub (2022).

Os números apresentados pelo *Pornhub* (2022) estão em consonância com outros relatórios de plataformas e sites de conteúdo adulto, em que o Brasil figura desde 2016 como um dos maiores consumidores de pornografia trans no mundo (Bruna BENEVIDES, 2019). Em contrapartida, como já mencionado nesta pesquisa, o país está no topo dos países pesquisados que mais mata pessoas travestis e transexuais no mundo (TGEU, 2022). De acordo com o Relatório Mortes Violentas de LGBTQ+ no Brasil, realizado pelo Grupo Gay da Bahia (GGB), em relação ao ano de 2021, “a cada 29 horas uma pessoa LGBTQ é assassinada no país” (GRUPO GAY DA BAHIA, 2022, p. 1). Assim, é possível compreender a difícil e controversa relação entre ódio e desejo que corpos que escapam à norma (LOURO, 2000) são capazes de produzir na sociedade.

Mariana Franco (2021) reflete essa perspectiva entre desejo e violência sobre corpos trans e travestis, presente no consumo de pornografia trans. Segundo ela, desejo e preconceito estão associados aos “[...] estereótipos do nosso corpóreo, para além dos fetiches, a grande maioria acredita que somos pessoas sem pudor, depravadas, passíveis de qualquer relação ou situação relacionada a práticas sexuais” (FRANCO, 2021). Além disso, a autora aponta que as dinâmicas de poder, dimensionadas aos homens cis no falo e tabus envoltos em relação à sexualidade na sociedade, perpassam o alto consumo de pornografia trans. “O desejo de talvez algo proibido, onde o seu consumo acontece muitas vezes na pornografia trans. Mas este desejo fica no oculto, no sigilo, na discrição” (FRANCO, 2021).

Dessa forma, como aponta Adriana Amaral (2011), as redes sociais digitais oportunizam o ambiente para que ocorram confrontos para demarcar territórios entre distintos grupos dentro da sociedade. Por isso, quando pensamos em discursos de ódio e gênero é preciso ter em mente que o poder simbólico dos interagentes está também relacionado com seu lugar na dinâmica social e a manutenção de uma ordem social cisheteronormativa.

Sendo assim, “[...] o discurso de ódio de gênero pode ser considerado uma forma de não reconhecimento, ao não tratar e não reconhecer mulheres transexuais como mulheres ou casais do mesmo sexo como uma família, por exemplo” (PEREIRA, 2018). Ou seja, na medida em que é proferido nas redes sociais digitais o discurso de ódio de gênero alcança duas esferas distintas. A primeira, como agente de manutenção do poder simbólico e da ordem cisheteronormativa como padrão de sociedade. A segunda, na perpetuação do ciclo de exclusão e distanciamento de corpos, vivências e expressões de gênero que tensionam as dinâmicas sociais vigentes. Assim, os conteúdos de ódio de gênero nas redes sociais digitais “[...] são de fato discursos naturalizados, que são percebidos como simples ‘opiniões’ e não como formas de preconceito e discriminação” (PEREIRA, 2018, p. 147).

Segundo Gonzatti (2022), pautas de gênero são uma constante nos estudos de ciberacontecimento localizados em diferentes pesquisas desenvolvidas pelo LIC desde 2014. “Ciberacontecimentos envolvendo gênero e sexualidade tendem a envolver o movimento de regiões de silenciamento ou com visibilidade regulada na semiosfera em direção a espaços mais espalháveis e com maior visibilidade” (GONZATTI, 2022, p. 128). Isto é, manifestações que por vezes fora do ambiente digital não são tensionadas ou ficam à margem, eclodem em redes sociais digitais que favorecem essas articulações e trocas entre atores sociais, onde ocorrem os ciberacontecimentos (HENN, 2014).

Por isso, Gonzatti (2022) aponta características em comum entre ciberacontecimentos que envolvem pautas de gênero. Assim, o autor destaca o episódio ocorrido em 2013 no qual políticos liderados, à época, pelo deputado federal do Partido Socialista Cristão de São Paulo (PSC-SP) e presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara, Marco Feliciano, pautaram projeto conhecido como “cura gay”¹³. A Comissão de Direitos Humanos da Câmara aprovou projeto de lei que previa a possibilidade que terapias de reversão fossem aplicadas por psicólogos e psiquiatras para “tratar” homossexualidade. A proposta revogaria a

¹³ Para aprofundamento recomendamos a leitura de *Cura Gay? Debates parlamentares sobre a (des)patologização da homossexualidade*, em que Maria Clara Brito da Gama (2019) investiga o debate a partir dos discursos dos deputados de diferentes espectros políticos, do projeto de lei que previa revogação da resolução de nº 1/1999 do Conselho Federal de Psicologia.

Resolução nº 1/99¹⁴ de 1999, do Conselho Federal de Psicologia (CFP), que proíbe quaisquer tratamentos compreendidos como reversão ou cura para homossexualidade, visto que a “[...] a homossexualidade não constitui doença, nem distúrbio, nem perversão” (CFP, 1999). A normativa segue a mesma orientação da Organização Mundial da Saúde (OMS), que em 1990 proibiu e retirou a homossexualidade da lista de patologias da Classificação Estatística Internacional de Doenças, popularmente conhecida pela sigla em inglês CID. No Brasil, antes mesmo da orientação da OMS, o Conselho Federal de Medicina (LUZ, 2015) já havia retirado em 1985 a homossexualidade da lista de patologias. Por fim, após ampla repercussão, protestos e articulação de diferentes movimentos, o projeto de lei foi arquivado ainda em 2013 (PROJETO..., 2013).

Destaca-se que a movimentação em torno do episódio foi propulsora de fortes disputas e produção de sentidos nas redes sociais digitais, que apresenta elementos muito semelhantes aos conteúdos analisados em nossa pesquisa. De acordo com Gonzatti (2022, p. 129):

As plataformas digitais foram naquele contexto um espaço para semioses de resistência, mas também serviu para confrontações que se valiam de muitas características e 'conceitos' que atravessam muitos dos cibercontecimentos envolvendo gênero e sexualidade: ataques fundamentalistas religiosos e grupos que utilizam a noção de liberdade de expressão para caçarem pautas sobre diversidade sexual e de gênero, os perfis em plataformas digitais de políticos com vetorização desses ataques, o uso da expressão 'ideologia de gênero' e configuração das plataformas digitais [...].

Entre os diversos casos que tensionam gênero presentes em estudos de cibercontecimentos, Henn e Machado (2015) investigaram a repercussão das cenas de beijos gays e lésbicos em telenovelas brasileiras e a produção de sentidos em redes sociais digitais. Segundo os autores, os cenários de multiplicidade comunicacional oportunizam diferentes cadeias de produção de sentidos. “Mídias convencionais, sites de redes sociais e públicos entrelaçam-se agora em processos convergentes e igualmente divergentes em que disputas de sentidos são efetivadas: um potencial de diversidade aflora circunscrito a uma discursividade marcada por preconceitos e dubiedades” (HENN; MACHADO, 2015, p. 367). Assim, concluem que os sentidos produzidos em redes sociais digitais às cenas de beijos gays e lésbicos em telenovelas, ainda que iniciem em assuntos complexos e distintas perspectivas, esvaziam-se ao longo do tempo e ficam aquém de debates importantes de gênero (HENN; MACHADO, 2015). Essa perspectiva pode estar associada às construções de articulação em

¹⁴ Resolução nº 1/99 do Conselho Federal de Psicologia. Disponível para consulta em: site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf.

redes sociais digitais, nas quais volume, efemeridade e compartilhamentos são prevalentes em relação à profundidade das discussões emergidas.

Neste sentido, entende-se uma simetria com a compreensão de Rosário (2022) de que os corpos que não estão submetidos a dualidade feminino/masculino são “[...] potenciais provocadores de explosões” (ROSÁRIO, 2022, p. 192), porque desestruturam o padrão cisheteronormativo. Por isso, causam rupturas e propulsão de sentidos, mas rapidamente são novamente colocados à margem após forte eclosão e tensionamento.

Dito isso, conteúdos de ódio, ameaças e manifestações violentas encontraram ressonância na medida em que figuras públicas e políticos evidenciaram seu descontentamento em relação à reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b). O uso político de episódios em debate nas redes sociais digitais somado às disputas em relação às pautas de gênero explicam as intensas manifestações em torno da repercussão da reportagem.

Assim, compreendemos que o discurso de ódio opera de diferentes formas na medida em que seu objetivo é disputar espaço na dinâmica social, especialmente, em redes sociais digitais. Vieira Júnior (2018) debate justamente o quanto o acirramento de sentidos ocorre no ambiente online, principalmente, em relação às questões sobre vivências trans.

Nessa malha on-line, verifica-se que são canalizados um leque de sensações que vão de sentimentos de amor e ódio, inveja e admiração, direito e destruição. A mídia digital trouxe uma polarização maior do ódio, mas ela não inventou o ódio. Entretanto percebe-se que na mídia digital como em quase toda rede web que existe uma lógica biopolítica em que determinadas pessoas ou grupos sociais devem ser abjetados, excluídos e liquidados tanto da vida off-line como também da on-line (VIEIRA JUNIOR, 2018, p. 228).

Por isso, é comum que os elementos sejam responsáveis por desencadear novas manifestações de sentidos, diferentes disputas e desloquem-se do ponto de partida inicial. Destaca-se ainda que as narrativas online são facilmente reordenadas, na medida em que novos e reconhecidos atores sociais são incluídos e “[...] como a desinformação é vetor de ciberacontecimentos envolvendo gênero e sexualidade e como ela é utilizada pela extrema-direita no Brasil” (GONZATTI, 2022, p. 282-283). Além disso, identifica-se uma busca por soluções simples para questões complexas da sociedade, baseadas em achismos ou opiniões pessoais.

De acordo com todos os elementos expostos neste capítulo, inferimos que a questão do discurso de ódio é uma constante em nossa sociedade e que as redes sociais digitais possuem dinâmicas capazes de potencializá-lo. Os elementos jurídicos, sociais e culturais possuem

lacunas que facilitam a manutenção e compartilhamento desse tipo de conteúdo entre os interagentes (PEREIRA, 2018).

Dito isso, é possível compreender as características capazes de desencadear sentidos e promover disputas em relação à repercussão da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b). “A geração de novos sentidos tem correlação direta com o tensionamento, uma vez que desestabiliza os sistemas, os códigos e as linguagens em espaços de não intersecção” (Nísia ROSÁRIO; Lisiane AGUIAR, 2014, p. 175).

Assim, questões sobre a definição, a compreensão e o que na prática configuram o discurso de ódio permanecem em discussão nas sociedades em diferentes países, incluindo o Brasil. Nesse sentido, elementos catalisadores de tensões estão em constante disputa, como as questões de gênero (GONZATTI, 2022), vide as recorrentes tentativas via projetos de lei de retirar avanços obtidos por mulheres, negros, LGBTQIAP+ e demais grupos historicamente silenciados.

Os fatores citados somados às articulações políticas incluem estratégias de comunicação adotadas pelo governo Bolsonaro para fomentar a base de apoiadores. Assim, valendo-se das dinâmicas de espalhamento (JENKINS; FORD; GREEN, 2015) em redes sociais digitais, capazes de explicar tamanha potência acontecimental (HENN, 2013a) na reportagem do *Fantástico*. Além disso, a eclosão da pandemia de COVID-19, bem como as medidas de distanciamento social expandiram os significados centrados no abraço e da frase protagonizados por Drauzio Varella e Suzy de Oliveira dos Santos.

Em nosso próximo capítulo 6 (Caminhos metodológicos e análise de pesquisa), apresentaremos nossa abordagem metodológica. Para a presente pesquisa, construímos o estudo utilizando a Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (HENN, 2014). Na sequência, apresentaremos nossa análise com base na amostra de 600 comentários contidos no *corpus* de 2.035 tweets coletados no trecho do vídeo da reportagem do *Fantástico*, no perfil oficial do *Fantástico* no *Twitter*, publicado originalmente em 2 de março de 2020.

6 CAMINHOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE DE PESQUISA

Convidamos o leitor a explorar junto conosco a busca de sentidos e conexões neste episódio que envolve uma gama de possibilidades de estudo. A partir de Braga (2005), na pesquisa acadêmica é importante entender que desconhecemos aspectos em relação ao que buscamos estudar. Assim, será possível explorar o objeto, sem proposições ou respostas prontas em relação à pesquisa. Dentro de uma perspectiva exploratória, nossa percepção ganha força na medida em que vamos nos aprofundando em nosso objeto e delimitando qual o *corpus* de análise. Neste capítulo, abordaremos nossas perspectivas metodológicas e os caminhos percorridos para execução da Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (HENN, 2014) e os resultados obtidos.

6.1 Criando caminhos de estudo

Durante as aulas com as Professoras do Programa de Pós-Graduação de História da Unisinos, Dra. Ana Paula Korndorfer e Deise Cristina Schell, compreendemos como as relações de gênero estão presentes em todos os aspectos da história. Nesse sentido, a construção da narrativa histórica identifica a mulher como coadjuvante na sociedade. Por isso, equivocadamente, posiciona a participação feminina no prisma de “história das mulheres” (Joan SCOTT, 1995) e não como parte constitutiva da história da humanidade. Dimensão essa, capaz de compor apagamentos de personagens femininas (e grupos invisibilizados como pretos e pretas, indígenas, pessoas com deficiência, LGBTQIAP+) em diferentes perspectivas, incluindo no meio acadêmico. Assim, nota-se a importância de destacar mulheres pesquisadoras no ambiente teórico. Por isso, nesta pesquisa, adotamos como premissa escrever os nomes por extenso das autoras na primeira vez que citamos suas obras.

Por fim, destacamos a importância dos autores abordados na disciplina de Produção do Acontecimento e Linguagem. Nessa disciplina, foi possível compreender de maneira mais aprofundada estudos sobre sentidos, acontecimento e ciberacontecimento. Afinal, antes de entender como se processa um ciberacontecimento (HENN, 2014), pudemos explorar onde se dá um acontecimento. E ampliar nossa percepção sobre: o que é um acontecimento? Como ele se fundamenta? E a partir de que singularidades suas composições únicas desencadeiam processos de sentidos distintos.

6.1.2 Delimitando o corpus de análise

Para Jiani Bonin (2009), a metodologia se constitui a partir de como se apresentam os objetos a serem estudados. Por isso, nos dedicamos a entender quais aspectos desse múltiplo episódio conseguiríamos abordar. Na medida em que foram sendo compreendidos e definidos os objetivos de nossa pesquisa, decidimos não utilizar as publicações e comentários da *hashtag* #Solidãoeminhafilha. Isso porque, não seria possível o resgate completo deste episódio, como nos intenta compreender ao realizar a pesquisa.

Dessa forma, em decisão conjunta com a orientadora, encontramos na publicação da reportagem a possibilidade de acompanhar os diversos desdobramentos da repercussão e os sentidos que emergem do episódio. Após essa delimitação, procuramos escolher qual das publicações relativas à reportagem seria mais adequada para compor nosso *corpus* de análise.

Assim, por ser mais fidedigna no que concerne à imediata repercussão e por ser onde ocorreu, espontaneamente, a campanha online em apoio à Suzy, optamos pela publicação no perfil oficial do programa *Fantástico*, no *Twitter*. O vídeo compartilhado em 2 de março de 2020 contém 35 segundos, com o trecho exato em que Drauzio Varella abraça Suzy de Oliveira Santos e diz a frase: “Solidão, né, minha filha?” (GLOBOPLAY, 2020b). Na data da coleta, em dezembro de 2021, a publicação no *Twitter* contava com 964,7 mil visualizações; 29,5 mil curtidas, 3.889 *retweets* e 2.300 *tweets* com comentários.

Dito isso, vamos exemplificar como se deu o processo de coleta de informações. Em função da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD)¹⁵, novas diretrizes estão em vigor no que diz respeito ao processo de coleta de dados nas plataformas. Por isso, foi preciso realizar um cadastro como desenvolvedora, para fins de pesquisa acadêmica. Assim, obtivemos acesso à Interface de Programação de Aplicativos (conhecida em inglês, pela sigla API) do *Twitter* e realizamos a coleta. Nesta etapa, contamos com o auxílio técnico de profissional da área, especialista em ciência de dados. O código fonte utilizado para a coleta do corpus usado nesse trabalho encontra-se disponível em repositório público na plataforma *GitHub*¹⁶.

Para obtenção dos dados via API do *Twitter* é necessário manter o anonimato dos perfis de usuários coletados. Por isso, apresentaremos sempre os comentários de maneira

¹⁵ Lei número 13.709, de 14 de agosto de 2018. Art. 1º Esta Lei dispõe sobre o tratamento de dados pessoais, inclusive nos meios digitais, por pessoa natural ou por pessoa jurídica de direito público ou privado, com o objetivo de proteger os direitos fundamentais de liberdade e de privacidade e o livre desenvolvimento da personalidade da pessoa natural (BRASIL, 2018).

¹⁶ Repositório público com código fonte, disponível para consulta em: <https://github.com/borbavanessa/twitter-data-collector>.

parafraseada em nossas análises. Visto que, mesmo ao “borrar” a imagem do perfil do usuário, caso o comentário seja transcrito na íntegra, facilmente é possível localizá-lo na plataforma de rede social digital em que foi publicado. Além disso, nos interessa compreender os sentidos, tensionamentos e a estrutura social encontrada e não identificar os interagentes e suas falas em dimensões individuais. Dos 2.300 *tweets* disponíveis, foram coletados via API do *Twitter* 2.035 *tweets*. A diferença entre o número total de dados e a quantidade coletada ocorre em função dos seguintes erros informados pela plataforma: usuário não encontrado (quando o usuário exclui ou inativa a conta) ou conta suspensa (usuário banido pela plataforma).

6.2 Construindo a análise de sentidos

Nossa análise é uma proposição de 600 comentários, a partir dos 2.035 *tweets* coletados na publicação do trecho da reportagem *Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência*, publicada no perfil oficial do programa *Fantástico*, no *Twitter*, em 2 de março de 2020. A partir da Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (HENN, 2014) em desenvolvimento nas pesquisas realizadas no LIC, apresentaremos nosso estudo. A delimitação do *corpus* explica o porquê da abordagem metodológica, pois optamos pelos comentários em um microuniverso de 2.035 *tweets*. Em razão disso, buscamos compreender como esses sentidos interagem e se conectam.

Em uma visão cartográfica, como aponta Suely Rolnik (2011), nossa compreensão de concretude pode ser desestabilizada a qualquer momento. Assim, a autora explica como a cartografia, presente na geografia, pode adquirir contornos a serem pensados para descrever cenários sociais em constante movimento.

Para os geógrafos, a cartografia — diferentemente do mapa: representação de um todo estático — é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. Paisagens psicossociais também são cartografáveis. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos — sua perda de sentido — e a formação de outros: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos (ROLNIK, 2011, p. 23).

Dessa forma, a autora explica como as expressões e sentidos de atração e repulsa constroem um ambiente em uma cena entre corpos. Vale que ressaltar que, no livro de Rolnik (2011), é explicada a construção desse território de sentidos em razão da afetação criada entre

um casal, a partir do desejo mútuo. Em nossa pesquisa, podemos relacionar o conceito da autora às dinâmicas estabelecidas entre entrevistada e entrevistador, capazes de compor um território de sentidos. Esse espaço é composto por gestos, formas, expressões, palavras e silêncios carregados de sentidos. “Conquistaram direções para sua apresentação: uma *cartografia* de território, uma inteligibilidade” (ROLNIK, 2011, p. 33, grifo da autora). Ou seja, na medida em que experienciamos como espectadores a composição de sentidos, acompanhamos o desenrolar do surgimento dessa cartografia de território. Assim, são tensionados corpos, vivências, punitivismo, perdão, solidariedade e relações de gênero presentes nesse ambiente.

Em seguida, esse poder de afetação sentimental, que consiste no sentir de ser afetado e não no significado ligado ao sentimentalismo (ROLNIK, 2011), transcende a tela da TV ou *smartphone* e nos acessa de múltiplas formas. Todavia, os sentidos acionados inicialmente serão colocados em confronto com novas informações, debates, questionamentos e reinterpretções em relação ao momento do abraço e frase dita por Drauzio à Suzy.

Nesse sentido, temos uma “inteligibilidade”, nas palavras da autora, que será desmanchada e questionada para o surgimento e disputa de novos sentidos envolvendo a reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b). Portanto, a realidade momentânea é interrompida, desencadeando uma ruptura (ROLNIK, 2011) e colocando em perspectiva certezas acerca das narrativas apresentadas na reportagem e de seus personagens. Além disso, ao mesmo tempo em que presenciamos a organização desse cenário e suas afetações, somos afetados por esses elementos que engendram um território vivo da cartografia sentimental (ROLNIK, 2011). Por isso, ocorre uma “interrupção” na construção de sentidos e afetação positiva da reportagem para sentidos múltiplos que incluem: descrédito, revolta, decepção, raiva, nojo, repulsa e incredulidade em relação aos personagens envolvidos na produção jornalística.

E é justamente pela busca de uma paisagem social desse episódio, contemplando a cartografia sentimental (ROLNIK, 2011) desse ciberacontecimento (HENN, 2014) que estruturamos nossa pesquisa na Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (HENN, 2014). Vale ressaltar que, a metodologia de Análise de Redes Sociais é voltada a pesquisas que buscam uma perspectiva macro. Em síntese, os estudos resultam dessa análise operam a partir de modelos matemáticos capazes de produzir mapas que representam esses cenários (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015). Como abordado por Rolnick (2011), os mapas são registros estáticos, enquanto as cartografias constituem leituras em movimento. Por isso, em nosso estudo, a Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (HENN, 2014)

mostrou-se efetiva para investigar a partir da reportagem, esse território que configura um cenário em constante fluxo de sentidos.

A Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais opera “[...] no plano micro, constituída pelas, e constituintes de conexões, através das quais, os atores sociais desencadeiam semioses específicas” (HENN; GONZATTI; Francielle ESMITIZ, 2017, p. 406). Como apontamos anteriormente, em nosso Apêndice A, há um arco extenso de acontecimentos que envolvem esse episódio, com reações que flutuam nos sentidos acionados.

Maria Clara Aquino B. e Gonzatti (2018) analisam e citam três etapas que norteiam a metodologia de Análise de Sentidos em Redes Digitais. A primeira etapa contempla um mapeamento e sua identificação. Na segunda fase, ocorre o agrupamento de constelações de sentidos e inferências. Por fim, organiza-se um esquema de visualização das semioses disparadas por determinado objeto/signo. Durante o estágio de mapeamento para a construção de nosso *corpus*, identificamos a necessidade de conectar desdobramentos ocorridos fora do ambiente do microuniverso dos comentários coletados.

Contudo, essas ações, sentidos e manifestações, ainda que não tenham surgido no ambiente de coleta do *corpus* de análise, em alguma medida reverberaram nas conversas acionadas no microuniverso de 2.035 *tweets*. A Figura 7, por exemplo, mesmo não sendo originada nos comentários, é utilizada como argumento por diversos interagentes para questionar a reportagem. Dito isso, associamos durante a etapa de mapeamento da Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais a compreensão de perambulações, acompanhamentos e imersões no ambiente digital (LEITÃO; GOMES, 2017).

Para apresentar o conceito de perambulações, acompanhamentos e imersões, as autoras fazem uma comparação sobre ambientes naturais e ambientes criados. Assim, citam como exemplo a configuração das cidades, áreas urbanas que foram desenvolvidas e acabaram sendo incorporadas pela sociedade. Ou seja, não se baseiam que o digital irá suprimir a vida fora de seu espaço, mas afirmam que ambientes construídos podem se conectar na medida em que vão sendo incorporados pela sociedade. Por isso, possibilita percorrer metodologicamente espaços distintos dentro desse ambiente digital. Desse modo, é possível investigar as discussões e articulações em torno de diversos temas, servindo de espaço profícuo de coleta e análise de informações (LEITÃO; GOMES, 2017).

As autoras partem de uma perspectiva de Walter Benjamin (1994), na qual a perambulação pelos espaços da cidade era sua base de construção metodológica. Além disso, pontuam o quanto a fluidez e a efemeridade encontrada em grandes centros urbanos,

estudados por Benjamin (1994), podem ser associadas ao “[...] burburinho causado pelos 140 caracteres do Twitter” (LEITÃO; GOMES, 2017, p. 46). Assim, transitoriedade, efemeridade e fluxos contínuos se entrelaçam nas redes sociais digitais, criando espaços capazes de gerar o ambiente propício para sentidos emergirem (LEITÃO; GOMES, 2017; HENN, 2014).

Durante nosso mapeamento, também identificamos desdobramentos que ocorreram fora do espaço digital, mas repercutiram intensamente no ambiente online e mobilizaram as trocas entre atores sociais. Citamos como exemplo a atividade pedagógica (Figura 5) e a fala da deputada estadual do PRTB, pelo estado de São Paulo, Janaína Paschoal, durante sessão pública da ALESP. Dessa forma, a incorporação das perambulações (LEITÃO; GOMES, 2017) no ambiente digital mostrou-se efetiva na fase de estruturação dos elementos de análise.

Em seguida, nos concentramos em explorar a partir deste mapeamento as possibilidades de análise e estudo da pesquisa e as interconexões entre os desdobramentos ocorridos. Posteriormente, direcionamos a identificação do nosso recorte e o agrupamento dessas constelações de sentidos na coleta dos 2.035 *tweets* em torno da reportagem.

Após a banca de qualificação, compreendemos a necessidade de esboçar um panorama de como o campo profissional e o jornalismo processaram a reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b) e seus desdobramentos. Nesse sentido, optamos pela coleta de 30 produções jornalísticas em diferentes formatos sobre a reportagem de nosso estudo. Assim, incluímos programas de TV, programas multiplataformas, colunas de opinião, matérias em portais jornalísticos, coletados via busca na plataforma *Google*, em 7 de setembro de 2022.

Ao realizarmos as buscas com as palavras-chave “Drauzio Varella” e “Suzy de Oliveira”, foi necessário desconsiderar os resultados de pesquisa das páginas um a quatro. Isso porque, os conteúdos eram relativos apenas aos desdobramentos jurídicos em relação à repercussão da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b), posteriores ao período de análise desta pesquisa. Além disso, buscávamos compreender as repercussões geradas no momento de maior eclosão de sentidos e discussões sobre possíveis erros e acertos contidos na reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b). Por isso, localizamos produções jornalísticas no período de 3 de março de 2020 a 20 de abril de 2020, resultantes da página cinco de pesquisa.

Por fim, incluímos uma entrevista de Drauzio Varella à *Revista Veja São Paulo*, em 21 de julho de 2022, intitulada *Drauzio Varella busca sucessor para continuar seu trabalho em presídios* (QUINTELA, 2022). Isso porque, foi a primeira vez que encontramos uma fala de Drauzio sobre o episódio que não estava relacionada a comunicados ou notas de esclarecimento. Compreendemos ser importante essa fase de mapeamento para fechar nosso

panorama sobre a repercussão da reportagem do *Fantástico* em diferentes aspectos e as formas percebidas por atores sociais, campo profissional do jornalismo e as articulações em redes sociais digitais.

6.3 Como vamos do céu ao inferno






Em um sentido metafórico, podemos dizer que a repercussão da reportagem vai *Do céu ao inferno* em poucos dias. Justamente, por compreendermos que essa perspectiva dualista entre o bem e o mal, atrelada à religião católica, também está inserida nos sentidos que emergem em nossa análise. Como apontado anteriormente por Vieira Júnior (2018), sentidos de amor e ódio estão presentes nas manifestações em redes sociais digitais. Entretanto, em nossa pesquisa sistematicamente esses elementos são utilizados para replicar mensagens de apoio ou rejeição em relação aos temas abordados na produção jornalística.

De acordo com Huxley (2015, p. 84): “Para todo o céu há seu inferno” e para chegar de um extremo ao outro é preciso passar pelo purgatório. Neste sentido, o purgatório funciona como uma espécie filtro que separa quem sobe ao reino dos céus e quem desce às profundezas do inferno. O purgatório também adquire *status* de tribunal, no qual as almas são julgadas para que sejam expurgadas todas as suas impurezas. Essa percepção em especial relaciona-se com nossa pesquisa: na arena oportunizada pelas redes sociais digitais todos os elementos são escancarados. Os argumentos e contrapontos são apresentados, compartilhados e replicados de maneira intensa. Defensores e acusadores disputam sentidos, apontam controvérsias, resgatam elementos e vasculham a vida de todos os envolvidos. Por fim, sentenciam a quem salvar e fazer concessões; a quem condenar, cancelar e relegar à margem o quê ou quem entendem não ser passível de remissão.

Na obra *A Divina Comédia*, de Dante Alighieri (2017), o autor percorre uma trajetória que inicia nas profundezas do inferno, passando pelo purgatório e purificado, subir ao reino dos céus. No Purgatório, Dante avança as penitências de cada um dos sete pecados capitais (soberba, avareza, luxúria, inveja, gula, ira, preguiça). Na análise apresentada nesta pesquisa, percorremos o caminho inverso. Nesse sentido, a repercussão da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b) vai *Do Céu ao Inferno* em poucos dias. Iniciamos em um ambiente de afeto e solidariedade (*Céu*). O ambiente simbólico é transformado em hostilidade, inquisição, dúvida e punições manifestadas em diferentes formas, culminando em expurgo (*Purgatório*). Aos envolvidos na reportagem é relegada uma condenação moral, em um lugar de ódio, raiva, desamor (*Inferno*).

Assim, compreendemos que o episódio envolvendo a repercussão da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b) engloba essa perspectiva entre céu, purgatório e inferno. Por isso, propomos o cruzamento de alguns comentários e seus sentidos, especificamente, com a data em que cada arco de desdobramento ocorreu.

Ressalta-se como as origens dos termos (céu, purgatório e inferno) conectam-se com as manifestações de sentidos e os usos realizados por interagentes. Apesar do contexto atual e das novas formas de comunicar, viabilizadas nas redes sociais digitais, destacamos que os termos citados mantêm seus significados originais.

Assim, em muitos comentários localizamos sentidos manifestados via *emojis*¹⁷ semelhantes às etimologias das palavras que nomeiam nossa análise. Segundo Raquel Recuero (2001), os *emojis* são elementos que exemplificam, na conversa online, expressões faciais típicas de uma conversa oral e servem para exprimir emoções e sentidos. Como exemplo, alguns dos *emojis* localizados nos três períodos analisados: *Céu*, *Purgatório* e *Inferno*, respectivamente: , ; ,  e .

Dessa forma, destacamos as etimologias de céu, purgatório e inferno, de acordo com o linguista Aldo Bizzocchi (2021).

A palavra “céu” proveio do latim *caelum* ou *coelum*, por sua vez descendente de um hipotético indo-europeu **kailom*, gênero neutro do adjetivo **kailos*, “íntegro, intacto, puro” e, por extensão, “sagrado”. Essa mesma raiz indo-europeia deu o germânico **hailaz*, e daí o inglês *whole* (inteiro) e o alemão *heil* (são, sadio). Um derivado germânico **hailigaz* gerou dentre outras línguas o inglês *holy* e o alemão *heilig*, ambos significando “santo, sagrado”. E o verbo germânico **hailjan*, “tornar íntegro, tornar inteiro” produziu o inglês *heal* e o alemão *heilen*, ambos com o sentido de “curar”. Ou seja, curar uma pessoa é torná-la íntegra novamente (pois a doença é uma forma de desintegração do organismo).

No período identificado como *Céu* é possível perceber manifestações de cura, sagrado, paraíso e demais sentidos que operam em benevolência, caridade e compaixão. Inclusive, com *emojis* que representam mãos em oração, apaixonados e amor. Além disso, a integridade apontada na origem da palavra (céu) é percebida também em nossa análise. Essa relação aparece na forma como são construídos os comentários em associação direta à atuação de Drauzio Varella. Isso porque, os interagentes identificam o médico como um “servo de

¹⁷ O termo *emoji* surge da união de “e” + “moji”, que em japonês significam *letra + imagem*, respectivamente. Assim, esses elementos oriundos da cultura japonesa se popularizaram na comunicação em redes sociais digitais e comumente são utilizados para exprimir sentidos diversos. Por isso, assumem diferentes formatos que podem ser animais, comidas, lugares e estão sempre sendo atualizados em razão da inclusão de termos na linguagem (RECUERO, 2018).

Deus”, por sua atuação voluntária com a população carcerária e defesa de grupos socialmente invisibilizados.

O Purgatório cristão é o lugar onde se purgam as almas. E o que é purgar? É tornar puro (o latim *purgare* provém de **purigare*, formado de *purus* + *agere*, isto é, “fazer puro, conduzir à pureza”). Não por outra razão, os laxantes também são chamados de purgantes, já que fazem o corpo expelir as impurezas que causam mal-estar (BIZZOCCHI, 2021).

Interessante compreender a origem da palavra e ver o quanto sua relação com expurgar, no sentido de “expelir” está próxima da configuração em que os sentidos são manifestados. A intensidade de sentidos e a volumetria correspondem a um movimento semelhante ao de ejetar do corpo humano. Assim, os interagentes expressam de diferentes maneiras o que acreditam ser da ordem de “impurezas”. Neste caso, representadas em manifestações de ódio, violência, revolta, xingamentos, justicamento.

Ao reforçar o expurgo nos comentários, verifica-se um excesso de linguagem. Essa prática, como explicado por Rebs (2017), integra a sistemática do discurso de ódio. Visto que, atua para reforçar elementos de um discurso que visa acessar uma violência simbólica (ŽIŽEK, 2014). O intuito seria substituir e demonstrar, em alguma medida, a mesma potência contida em uma ação física de violência (REBS, 2017). Ressalta-se ainda que, alguns interagentes utilizam *emojis* de vômito e excremento repetidas vezes em um mesmo comentário. Com isso, poderia indicar uma intensidade de sentidos manifestados ao expurgo que representariam: asco, repulsa, dejetos, sujeira, lixo em relação à reportagem.

“Inferno”, do latim *infernus*, “lugar baixo”, provém de *infer* (de “inferior”, “ínfimo”, etc.), do indo-europeu **ndher*, que também resultou no inglês *under* e no alemão *unter* (embaixo, sob). O inglês *hell* e o alemão *Hölle* remontam ao indo-europeu **kʷel*, “encobrir”, donde o latim *celare* “esconder” e seu derivado *occultus*, “oculto” (BIZZOCCHI, 2021).

O significado da palavra inferno atrelado a “encobrir”, “esconder” e do que é “oculto” é expresso em manifestações que questionam, munidas de linguagem violenta, o que estaria por trás da reportagem. Identifica-se também uma suspeita, por parte dos interagentes, sobre quais seriam os interesses da emissora em debater questões de gênero, em horário nobre da TV aberta. Além disso, essa percepção de “inferior” e “abaixo”, poderia ser associada à leitura da sociedade em relação aos corpos que escapam à norma (LOURO, 2000). Expressões como “ardessem no inferno”, “fogo infernal” são observadas em alguns comentários direcionados aos envolvidos na reportagem, cujo intuito é relegá-los à margem da sociedade.

Após essa explanação e relação de significados desses termos, apresentamos a análise correspondente a cada arco de acontecimentos que entendemos compor a tríade: *Céu*, *Purgatório* e *Inferno*, respectivamente. Assim, contemplam o período de 2 a 30 de março de 2020, com base em nosso *corpus* de análise composto por 2.035 *tweets*, cujos 200 primeiros *tweets* de cada período foram selecionados e analisados, totalizando 600 *tweets* analisados.

Dessa forma, o primeiro estágio contemplaria o que nomeamos como *Céu*, no período de 2 a 7 de março de 2020, quando a reportagem é publicada e as pessoas criam uma rede de apoio e envio de presentes à Suzy. Além disso, clamam por Drauzio na presidência ou no ministério da saúde. Nesse ambiente celestial, em menor proporção do que a campanha em apoio à Suzy, que reuniu 234 cartas, presentes e valores em dinheiro, surge uma campanha para ajudar Lolla.

A partir de uma publicação feita no *Twitter*, pelo técnico de enfermagem Leonardo Vicente, houve mobilização para localizar e prestar suporte à Lolla. Em matéria do portal *Universa* de 7 de março de 2020 (anterior às contestações sobre a reportagem do *Fantástico*), é compartilhada a informação de que Lolla receberia ajuda (APÓS..., 2020b). Destaca-se que a articulação para campanha de Lolla ocorreu fora do microuniverso de *tweets* coletados e analisados neste estudo.

Nesse sentido, denota-se o tom de caridade, piedade, misericórdia e demais manifestações de afeto. As campanhas de apoio reforçam a integridade e amor ao próximo, característicos dos significados abarcados em *Céu*, também adotados em nossa análise. Ou seja, tanto pela origem do termo quanto pelo uso em religiões cristãs, figura a compreensão desse território habitado por pessoas que seriam “curadas”.

O *Purgatório*, concentra-se no período de acontecimentos entre os dias 8 e 9 de março de 2020. No curto intervalo de tempo contemplado, processam-se de forma intensa as manifestações em torno da repercussão da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b). Nessa perspectiva, ocorre a “purificação dos envolvidos”. Sendo assim, são expurgados manifestações em tons inquisitórios relativos: ao conteúdo da reportagem; ao programa *Fantástico*; à *Rede Globo*; aos jornalistas envolvidos; às apenas trans entrevistadas; à Suzy de Oliveira dos Santos; ao Drauzio Varella; às pessoas trans e travestis e às demais expressões de gênero que compõem a comunidade LGBTQIAP+. Ressalta-se que as manifestações operam em linguagem agressiva que incitam processos de justificação e demais formas de violência.

Além disso, como é parte do *Purgatório* ser o lugar onde os pecados são avaliados e as pessoas “pagam” por eles antes de irem ao paraíso, realiza-se um julgamento em relação à

reportagem. Neste caso específico, diante dos sentidos manifestados, culminou em condenação moral pelo público à *Rede Globo*, ao Drauzio Varella e à Suzy de Oliveira dos Santos. Os argumentos para tal condenação começam a circular a partir de imagens e publicações sobre o crime cometido por Suzy, potencializado pela matéria de *O Antagonista* (TRANS..., 2020a) contendo a decisão judicial de seu processo penal. Vale ressaltar que, mesmo após a matéria, há dúvidas sobre a precisão e a veracidade na divulgação do acórdão com a sentença da entrevistada. Porém, inicia-se além do processo de dúvida uma sequência de comentários com julgamentos morais, ódio, repulsa, transfobia e intensos questionamentos sobre a *Rede Globo* e Drauzio Varella.

A partir do dia 10 de março de 2020, quando Drauzio Varella e *Rede Globo* pedem desculpas ao público e à família da vítima, entendemos ser o *Inferno*. Período compreendido de 10 a 30 de março de 2020. Os comentários se concentram na grande maioria em revolta, violência, xingamentos e ódio à *Rede Globo*, ao Drauzio Varella e à Suzy de Oliveira dos Santos. Designam a compreensão de inferno da religião cristã, com menções ao fogo do inferno (que seria mais potente em queimar pecadores), às profundezas que estariam ligadas à escória humana, ao que é impuro, sujo, abjeto e descartável, que não merece redenção. Neste caso, por se tratar de pessoas apenas no sistema prisional, no descrédito em processos de ressocialização. Além disso, pelas questões de suas expressões de gênero como mulheres trans e travestis.

Para fins de visualização, propomos em nossa análise *Do Céu ao Inferno*, uma representação gráfica de todo o período, que contempla o tom predominante de sentidos em: *Céu*- 2 a 7 de março de 2020; *Purgatório*- 8 a 9 de março de 2020; *Inferno*-10 a 30 de março de 2020. Os períodos citados foram organizados de acordo com o arco de acontecimentos que envolveram a repercussão da reportagem.

No Quadro 2 - Do Céu ao Inferno, compreende-se o quanto as potências e sentidos operados ganham novos contornos no decorrer dos dias, em detrimento das informações e desdobramentos que envolvem esse episódio. Nesta representação, evidenciamos as três principais constelações de sentidos contempladas em *Amor*; *Dúvida* e *Ódio*.

Quadro 2 - Do Céu ao Inferno

QUADRO DE SENTIDOS- DO CÉU AO INFERNO



Fantástico
@showdavida



.@drauziovarella mostrou e o Brasil se emocionou: como é a vida das mulheres trans presas, que enfrentam preconceito, abandono e violência dentro das penitenciárias do Brasil. Veja na íntegra: glo.bo/2uNm62g



4:36 PM · 2 de mar de 2020 · Twitter Media Studio

3.888 Retweets 2.300 Tweets com comentário 29,5 mil Curtidas

<p>Afeto Integridade Empatia Benevolência Solidariedade</p>	<p>CÉU 02.03.2020 a 07.03.2020</p> <p>"delicado e muito inteligente drauzio"; "reportagem sensacional"; "amei a reportagem, é possível enviar uma carta à Suzy?"; "não ao preconceito"; "abençoado dr Drauzio"; "foi demais toda a reportagem"; "o drauzinho é tudo"; "não consigo parar de ver"; "todos tem que ver a reportagem".</p>	<p>AMOR</p>
	<p>PURGATÓRIO 08.03.2020 a 09.03.2020</p> <p>"alguém sabe o crime, falaram com a família?"; "falam que foi condenada por estupro e assassinato?"; "grande decepção"; "porque ela tá há tempos na cadeia"; "qual crime?"; "só dizem o crime é mesmo a Suzy?"; "estuprou, escondeu o corpo de uma criança de 9 anos"; "adoram bandidos, podres".</p>	<p>DÚVIDA</p>
	<p>INFERNO 10.03.2020 a 30.03.2020</p> <p>"vocês são diabólicos"; "pra mim quem mata criança tem que morrer"; "lixo, nojentos"; "o melhor era mandar mensagem pra mãe da criança que o demônio assassinou"; "não é sobre ideologias tem que arder no INFERNOOOO"; "vai pro inferno globo".</p>	<p>ÓDIO</p>

Fonte: Elaborado pela autora.

Durante todo o período, a volumetria de *tweets* apresenta dados relevantes. A produção e compartilhamento desses comentários ocorreu da seguinte forma: 719 *tweets* foram realizados de 2 a 7; 1.077 *tweets* entre os dias 8 e 9; e 239 *tweets* de 10 a 30 março de 2020. Ressaltamos que, no dia 7 de março algumas publicações nas redes sociais digitais começaram a circular sobre o crime cometido por Suzy. Entretanto, dentro do microuniverso de comentários analisados, a informação será discutida somente a partir do dia 8 de março, com as postagens das Figuras 2 e 3 como argumento para iniciar o debate. É importante compreendermos a potência de sentidos no período de maior movimento entre os usuários, que aconteceu em meio aos dias 8 e 9 de março. Ou seja, no período que definimos por *Purgatório*, em que ocorre esse expurgo, concentra-se o maior número de comentários: 1.077.

Assim, vamos identificar os sentidos operados dentro do período total (2 a 30 de março de 2020). Em nossa análise *Do Céu ao Inferno*, apresentaremos nossa categorização que embasa a compreensão de cada constelação de sentidos. São elas: *Amor*; *Dúvida*; *Ódio*; *Espectro Político Conservador*; *Espectro Político Progressista*; *Esperança*; *Inconclusivos*.

AMOR: Nessa constelação, o cenário de compaixão é predominante. Os sentidos operados figuram em: benevolência, amor, afeto, acolhimento, carinho, solidariedade, empatia, integridade, honestidade. Os comentários versam em sua maioria em mensagens de carinho ao médico Drauzio Varella com termos como: “É muito amorzinho”; “Sempre paro pra assistir ao Dr. Drauzio”; “Esse já garantiu um espaço ao lado do altíssimo”; “Não tenho heróis, mas Drauzio merece”. Além de apontar para as qualidades do médico Drauzio Varella, destacando sua generosidade, humanidade, sensibilidade, dedicação, devoção, credibilidade e competência.

Outros sentidos operam em confundir Drauzio com o Padre Júlio Lancelotti, que também possui ampla atuação com pessoas em situação de vulnerabilidade social em São Paulo. Uma possibilidade para essa associação pode estar em aspectos físicos: ambos são magros, altos, brancos, calvos e estão na faixa dos 70 anos. Além disso, alguns interagentes associaram que a solidariedade, nessa circunstância, seria viável apenas para líderes religiosos. Assim, surgem manifestações que explicitam essa compreensão da seguinte forma: “Dedica à vida a ajudar”; “Obrigada padre”; “Que bacana esse padre sempre ajudando sem julgar”.

Identificam-se também alguns sentidos que se aproximam de articulações políticas, incentivando ou questionando o porquê de Drauzio não ser ministro da saúde ou presidente. Percepção que desencadeará inclusive a matéria já citada do jornal *Folha*

de São Paulo (BERGAMO, 2020), questionando se Drauzio cogitava concorrer à presidência. Alguns sentidos operados também apontam para a questão que envolve o contexto social e abandono que muitas pessoas trans enfrentam no Brasil.

DÚVIDA: Algumas pessoas buscam saber o que teria motivado o abandono de Suzy e questionam os outros crimes cometidos por demais detentas. Os sentidos em torno dessas manifestações buscam sempre questionar a reportagem. Frases que aparecem versam sobre: “Porque não sabemos mais dos crimes?”; “Boa reportagem, mas alguém sabe a razão de irem parar na cadeia?”; “Regime fechado em pleno Brasil? Aí tem”. Em sua maioria querem saber mais sobre a vida de Suzy. Alguns interagentes sugerem novas matérias incluindo uma segunda visita de Drauzio à Suzy. O intuito do reencontro com a detenta seria levar cartas de apoio e buscar reconciliação com algum ente próximo. Além disso, ao circularem as informações sobre os crimes de Suzy, diversos interagentes apontam a necessidade de uma visita de Drauzio Varella à família de Fábio dos Santos Lemos.

Os sentidos manifestados na constelação *Dúvida*, denotam uma compreensão sobre como a televisão brasileira “resolveria” mazelas da sociedade a partir de seus programas de entretenimento. Dessa forma, esses interagentes validariam o uso midiático para reportar existências precarizadas em circunstâncias sociais adversas. Em certa medida, oportunizaria uma redenção e apaziguamento capturado pela televisão, personificada em apresentadores e repórteres.

Essa perspectiva, poderia explicar os constantes movimentos, de alguns interagentes, em torno de novas reportagens. Em um primeiro momento, com intuito de reconciliação entre Suzy e seus familiares. Após a repercussão negativa, como pedido de desculpas às famílias das vítimas impactadas pela reportagem. Sendo assim, independente da motivação, é um mecanismo compreendido por parte dos atores sociais na construção da informação veiculada na televisão.

O ponto de vista acima exposto, talvez se justifique em razão das emissoras brasileiras apresentarem esse formato de conteúdo em sua grade de programação. Como exemplo, citamos o Programa Domingo Legal, inicialmente apresentado pelo apresentador Gugu Liberato e atualmente por Celso Portioli, produzido pelo Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), no ar desde 1993. De acordo com o site da emissora, o quadro De Volta para Minha Terra marcou a história e representou altos índices de audiência do programa (SOBRE O

PROGRAMA, 2022). Nas histórias contadas na atração, os apresentadores localizavam parentes perdidos, reconstruíam laços afetivos e finalizavam o quadro com mudanças na vida dos participantes.

O caminho de sofrimento e perdão, se assemelha à narrativa inicialmente construída em relação à Suzy, o que justificaria os pedidos de reconciliação em parte dos comentários analisados. Além disso, poderiam indicar que para o corpo trans ser aceito é preciso que se acompanhe uma narrativa de dor, penitência e redenção que justificariam, em alguma medida, sua aceitação e pertencimento ao núcleo social.

ÓDIO: Nessa categoria, elencamos frases que com base em termos violentos expressam indignação, transfobia, xingamentos, ofensas, ódio, repulsa à reportagem, ao Drauzio, à Suzy e à *Rede Globo*. Ainda que iniciem em tom de oposição à reportagem, por não concordarem com o conteúdo, extrapolam o sentido à crítica e exprimem violência e ódio. As mensagens possuem diferentes formas de violência e em muitas não há reconhecimento das entrevistadas como pessoas. Termos como “Traveco”; “Nem são gente”; “Demônios”; “Capetas”, entre outros são recorrentes.

Para além das categorias citadas, percebemos discussões paralelas que estão centradas em correntes partidárias e pautas apoiadas ou não por determinado espectro político. Assim, definimos que os sentidos predominantes nesses casos merecem categorias específicas. São elas: *Espectro Político Conservador* e *Espectro Político Progressista*.

ESPECTRO POLÍTICO CONSERVADOR: São apoiadores de uma visão de que, quem está na cadeia é um criminoso e não há possibilidade de ressocialização. Os sentidos acionados nesses comentários partem de uma perspectiva de que ao infringir a lei, deve-se pagar pelo crime cometido contra o cidadão de bem. Além disso, para esses interagentes, não existem possibilidades reais de ressocialização. Nesses *tweets*, encontram-se termos como: “Bandidolatra”; “Esquerdas”; “Lá vem a minoria”; “Sempre os direitos humanos”.

ESPECTRO POLÍTICO PROGRESSISTA: Apoiam uma visão política alinhada a políticas públicas de direitos humanos e à ressocialização de egressos do sistema prisional. Articulam perspectivas como racismo, transfobia para abordar o tema da reportagem. Nessa categoria, os comentários também se articulam a partir de uma

conversa que busca identificar ou não na outra pessoa ser eleitor de Bolsonaro. Termos como: “Apoiador de milícias”; “Gado”; “Só podia votar no *bozo*”; “Se eu procurar aposto que apoia o mito” são recorrentes.

Desenvolvemos essas categorias por compreender que elas configuram uma espécie distinta de sentidos operados que vão estabelecer uma relação própria de retroalimentação. Isto é, enquanto os demais interagentes debatem questões pertinentes à reportagem e seus envolvidos, esses dois grupos opositores travam uma disputa para compreender quem é eleitor ou apoiador de determinado partido e/ou candidato. Nesse sentido, articulam termos para definir e confrontar o que entendem como o “outro lado”. Essa perspectiva se confirma durante o período identificado como *Céu* em que, do total de 200 comentários analisados, 20 representam categoria *Espectro Político Progressista* e 21 a categoria *Espectro Político Conservador*.

ESPERANÇA: Essa categoria foi criada para abarcar questões que envolvem a reportagem, mas de maneira progressista. Ou seja, os atores articulam com polidez e sem tecer juízo de valor, possibilidades que expliquem o porquê de realidades em presídios serem tão distintas. Além disso, aparece em diversos comentários a figura de Deus como único capaz de julgar alguém. Nesses comentários, são recorrentes termos como: “Elas já estão pagando, a sociedade tem que aceitar”; “Elas erraram e estão pagando”; “Não cabe a nós julgar somente Deus pode”; “Melhores oportunidades e menos preconceito são o caminho”; “Todos têm direito à segunda chance”. Além disso, o volume de 21 comentários poderia representar o quanto o sentimento de esperança e fé em uma sociedade mais amorosa está presente nos sentidos emergidos. Consideramos a possibilidade de, em pesquisas futuras, especificar nesta categoria os sentidos acionados exclusivamente com alguma ligação de cunho religioso. Em contrapartida, identificar os sentidos com perspectivas de direitos humanos, políticas públicas, mas sem associação com questões religiosas.

INCONCLUSIVOS: Situamos nessa categoria *tweets* que levam para links indisponíveis e/ou conteúdos excluídos, que podem ser tanto porque o usuário foi banido, excluído da plataforma ou inativou o perfil. Nessa categoria, também incluímos interagentes que apenas marcam um perfil sem explicitar nenhuma

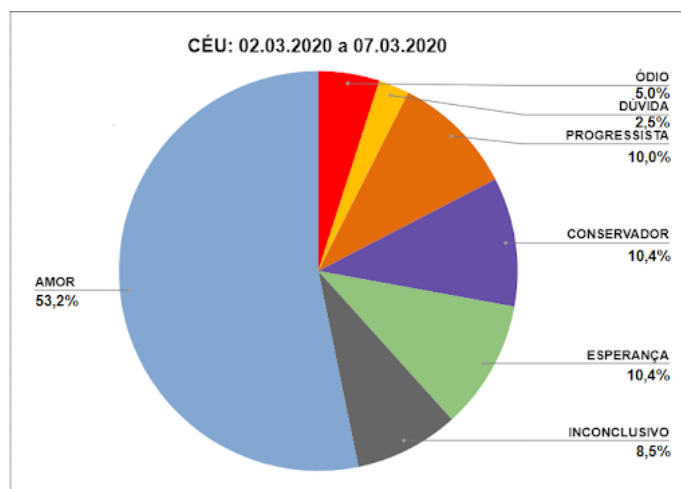
inferência capaz de relacionar à sequência da conversa estabelecida no microuniverso de *tweets* analisados.

Por fim, as constelações de sentidos delimitadas em *Amor; Dúvida; Ódio; Espectro Político Conservador; Espectro Político Progressista; Esperança; Inconclusivos*, demarcam os diferentes sentidos acionados em cada estágio da análise. Destacamos que durante o *Purgatório*, dentro dos 200 comentários analisados, não há inferência sobre a constelação de sentidos *Amor*.

No momento de maior dúvida e julgamento, contido no *Purgatório*, os sentimentos de benevolência não são manifestados, o que reforça o teor de expurgo nesse período. Além disso, é interessante analisar como o comportamento dos sentidos das constelações *Espectro Político Conservador* e *Espectro Político Progressista* será reduzido no *Purgatório* e *Inferno*. A constelação de sentidos *Esperança*, ainda que de forma reduzida no *Purgatório*, aparece nos três períodos analisados.

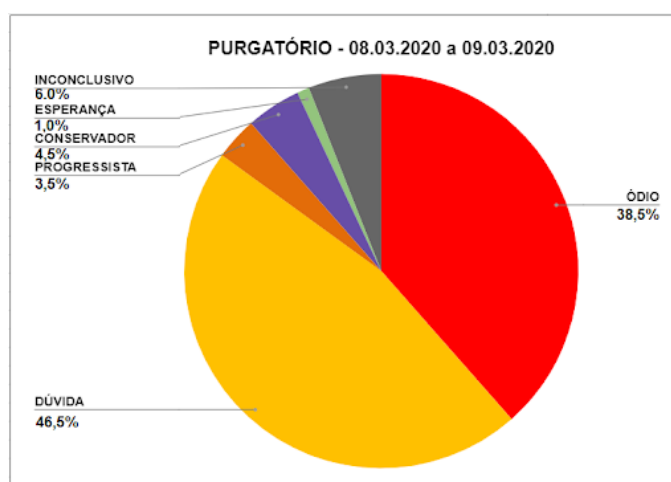
Com intuito de visualizar a predominância de constelações de sentidos em cada um dos períodos analisados, apresentaremos gráficos na Figura 12, Figura 13 e Figura 14. Visto que, as categorias identificadas estarão presentes em todo o período analisado. Dessa forma, reportamos os sentidos preponderantes dos comentários contidos no espaço tempo de 2 a 30 de março de 2020. Em razão das Figuras 12, 13 e 14 estarem relacionadas, apresentaremos os gráficos na mesma página, para que seja possível a visualização completa do resultado comparativo.

Figura 12 - Análise de Sentidos *Do Céu ao Inferno: Céu*



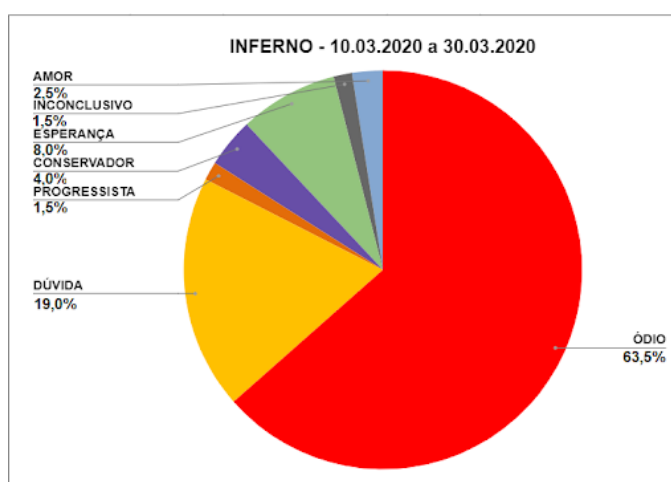
Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 13 - Análise de Sentidos *Do Céu ao Inferno: Purgatório*



Fonte: Elaborado pela autora.

Figura 14 - Análise de Sentidos *Do Céu ao Inferno: Inferno*



Fonte: Elaborado pela autora.

6.4 Inferências do Céu ao Inferno

6.4.1 Céu –2.3.2020 a 7.3. 2020

*À GLÓRIA de quem tudo, aos seus acenos,
 Move, o mundo penetra e resplandece,
 Em umas partes mais em outras menos.
 No céu onde sua luz mais aparece,
 Portentos vi que referir, tornando,
 Não sabe ou pode quem à terra desce;
 Pois, ao excelso desejo se acercando,
 A mente humana se aprofunda tanto
 Que a memória se esvai, lembrar tentando.*
 (ALIGHIERI, 1955, p. 525)

O período inicial de nossa análise, compreendido de 2 a 7 de março, figura em uma abordagem que valoriza a reportagem, o perdão, o amor e a sensibilidade de Drauzio em não conferir julgamentos a Suzy e abraçá-la. Nesta etapa, surgem as campanhas em apoio à detenta, capitaneadas pela *hashtag* #cartasparasuzy. Além disso, ocorre um movimento de exaltação de Drauzio seja em uma percepção mais humanitária ou como possibilidade de representar uma opção política capaz de unificar o país. Neste sentido, identifica-se o quanto a busca por um personagem político de caráter ilibado é requerida pelos interagentes. Vale ressaltar que, associações religiosas atrelando a atuação do médico a uma benevolência divina também são amplamente repercutidas nas manifestações de sentidos.

Conforme descrito na Figura 5, neste período ocorreu a atividade escolar em que crianças fizeram cartinhas para enviar à Suzy. Destacamos que, nos sentidos operados e mobilizações articuladas, poucos interagentes mencionam ou interessam-se pelas histórias de outras detentas. Nos primeiros 200 comentários analisados, somente três *tweets* citaram que Lolla e demais entrevistadas deveriam ser incluídas nas campanhas de apoio. Não houve articulação no microuniverso dos *tweets*, por exemplo, para encontrar uma vaga de emprego para Lolla que revelou vender água nas ruas da cidade. Ainda que tenha ocorrido uma campanha específica em apoio à Lolla, via *Twitter*, pelo técnico de enfermagem Leonardo Victor (APÓS..., 2020b), confere menor visibilidade na mídia e entre os atores sociais. Salienta-se que, a campanha em apoio à Lolla consta da data de 7 de março de 2020, anterior às manifestações e repercussão do crime cometido por Suzy.

6.4.2 *Purgatório* - 8.3.2020 a 9.3.2020

*Mostrei-lhe a gente, que por má padece;
Mostrar-lhe intento os que ora estão purgando
Pecados no lugar, que te obedece.
(ALIGHIERI, 1955, p. 271)*

*Pois estais na indolência assim ficando?
Ide ao monte, a despir essa impureza,
Que a vista vos está de Deus vedando!
(ALIGHIERI, 1955, p. 280)*

Esse período é intrigante e instigante em sua análise. Isso porque, nos dias 8 e 9 de março concentram-se 1.077 comentários. Ou seja, mais de 52,92% dos sentidos operados decorrem do momento de dúvida, questionamento, julgamento e apontamentos de quem estaria certo, errado, falando a verdade e em busca de culpados e condenações morais. O tom inquisidor está presente de maneira intensa e assume teor de expurgo e julgamento.

Dentre as diversas manifestações de sentidos percebidas, no período que entendemos ser o *Purgatório*, surgiram processos de desinformação. Segundo Pereira Júnior (2010, p. 71): “A notícia é construída no cuidado com a verificação, sobre o alicerce do levantamento de informações”. Assim, a partir da incerteza da precisão das informações diversos conteúdos começaram a circular. Além das dúvidas e informações desconexas, muitas pessoas utilizaram a imagem abaixo (Figura 15) como argumento para expressar sua revolta com a reportagem.

Figura 15 – Imagem falsa



Fonte: Moraes (2020b).

Segundo Claire Wardle e Derakhshan (2017), o termo *fake news* não seria a melhor opção para designar de maneira abrangente todos os processos de desordem

desinformacionais. Além disso, os autores apontam que a expressão também foi apropriada por políticos para desacreditar denúncias e informações políticas divergentes.

Na compreensão de desordem desinformacional de Wardle e Derakhshan (2017) são elencadas três categorias que integram a desinformação. Os termos cunhados pelos autores não possuem uma tradução para o português. Por isso, vamos colocar os títulos na língua inglesa e traduzir suas definições para o português, respectivamente.

Assim, introduzimos uma nova estrutura conceitual para examinar a desordem da informação, identificando os três tipos diferentes: *Miss-information*, *Dis-information* e *mal-information*. Utilizando as dimensões do dano e da falsidade, descrevemos as diferenças entre estes três tipos de informação: ▪ *Miss-information* é quando informações falsas são compartilhadas, mas nenhum dano é intencionado. ▪ *Dis-information* é quando informações falsas são deliberadamente compartilhadas para causar danos. ▪ *Mal-information* é quando informações genuínas são compartilhadas para causar danos, muitas vezes movendo informações destinadas a permanecer privadas na esfera pública (WARDLE; DERAKHSHAN, 2017, p. 5).

Após o pedido de desculpas da *Rede Globo* e Drauzio Varella, em vídeo, à família da vítima, em 10 de março de 2020, houve uma intensa movimentação nas redes sociais digitais. A circulação da imagem (Figura 15) motivou a verificação de sua autoria pela agência Lupa de *fact-checking*, publicada no site da *Revista Piauí* (MORAES, 2020b).

De acordo com a agência Lupa, Carlos Latuff não é o autor da charge. O cartunista, em seu perfil oficial no *Twitter*, reiterou que a charge não era de sua autoria e que se tratava de mais um caso de falsidade ideológica (MORAES, 2020b). Neste sentido, o tipo de desinformação gerada pela imagem destacada na Figura 15 estaria no campo de *Dis-information*, visto que articula tanto questões de falsidade ideológica como questões políticas. Isso porque, o cartunista Carlos Latuff identifica-se dentro do espectro político de esquerda e publica diversas charges críticas ao governo Bolsonaro e movimentos de extrema direita.

A equipe de verificação da agência Lupa não conseguiu localizar o verdadeiro autor da imagem. A falta de origem na disseminação de informações falsas é comum. Conforme Marília Gehrke e Marcia Benetti (2021), o rastreamento da fonte original de uma desinformação ou a pessoa responsável pela disseminação massiva desse conteúdo é difícil.

Apresentamos esse desdobramento por três motivos: o primeiro por compreender que os processos desinformacionais estão presentes e são acentuados em função do momento político do país. Essas disputas de sentido de espectros políticos distintos estão presentes nos

comentários analisados. O segundo, por entendermos que o item imagético diabólico aparece constantemente e dialoga com o ambiente demonológico criado em torno da reportagem. O terceiro, por identificar a força desses processos desinformativos e sua circulação. Visto que, diversos comentários analisados utilizam as Figuras 2, 9 e 15 ou conteúdos similares, para argumentar e validar sua oposição à reportagem.

Assim, como apontam Vieira Júnior e Larissa Pelúcio (2020), essa propulsão dos sentidos emergidos pode estar associada, em certa medida, às compreensões difusas sobre limites entre segurança pública e individual. Essa perspectiva era propagada durante o governo Bolsonaro, por meio de iniciativas que estimularam o armamento da população. “O ódio foi associado à coragem de dizer a verdade, o que de forma maniqueísta alocava a mentira e a corrupção no campo da esquerda política e se transformava em uma espécie de política espontânea do ódio” (VIEIRA JUNIOR; PELÚCIO, 2020, p. 105).

6.4.3 *Inferno*- 10.3.2020 a 30.03.2020

*Do inferno fora o Letes ver espera:
Na linfa sua as almas vão lavar-se
Depois que a penitência o perdão gera.
[...]
Do fogo ali se extingue toda sanha.
(ALIGHIERI, 1955, p. 116)*

*Não estivesse o fogo dardejando,
Como o lugar requer, te caberia
Mais pressa do que estão manifestando.
(ALIGHIERI, 1955, p. 125)*

*O céu nunca vereis, desesperados:
Por mim à treva eterna, na outra riva,
Sereis ao fogo, ao gelo transportados.
(ALIGHIERI, 1955, p. 35)*

Este período corresponde ao final da repercussão da reportagem. Os pedidos de desculpas de Drauzio e *Rede Globo* já estavam circulando. Nessa etapa, os atores sociais não buscam articular muitas perspectivas em relação à reportagem. Sua predominância figura em conteúdo de ódio e repúdio, que expressam violência e intencionalidade de justificação. Assim, a violência se torna predominante, mesmo após as manifestações públicas de desculpas realizadas pela emissora, Drauzio e Suzy. Contudo, alguns comentários lamentam o

caminho que a reportagem tomou e separaram a atuação e carisma de Drauzio, ainda que não concordem com a questão de não apresentar ao público os crimes cometidos por Suzy.

Destaca-se que, no período denominado de *Inferno*, a partir do dia 11 de março de 2020, conforme Apêndice A, já havia sido decretada pandemia de COVID-19 pela OMS (OMS, 2020). Posteriormente, no dia 21 de março de 2020 a transmissão comunitária do vírus foi declarada no Brasil (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). Nesse período, ocorre uma redução das manifestações de sentidos posterior aos pedidos oficiais de desculpas de Drauzio, Suzy e *Rede Globo*. Além disso, fora do microuniverso do *corpus* de análise, dos 2.035 comentários coletados verifica-se a recirculação do conteúdo e novas apropriações da frase em contextos publicitários. Dessa maneira, percebe-se que a crise e os tensionamentos causados são efêmeros. Rapidamente, outros assuntos eclodem e oportunizam novos ciberacontecimentos, por exemplo, relacionados às medidas de distanciamento social adotadas para conter o coronavírus.

Dito isso, destacamos algumas inferências pertinentes localizadas nos sentidos emergidos neste episódio, mas que não se enquadram nas categorias delimitadas e flutuam entre os sentidos acionados. Assim, algumas articulações de interagentes pontuam que não consideraram a reportagem equivocada do ponto de vista de sua produção, mas sim, do meio escolhido para sua reprodução: a TV aberta. Em certa medida, essa perspectiva pode ser interessante se pensarmos que o público entende que plataformas de *streaming* seriam mais abertas ao novo e às subjetividades.

Um tópico levantado em um dos comentários propõe uma responsabilização por parte da própria audiência. O interagente pontua que ao assistir uma produção televisiva, feita com pessoas apenadas, haveria uma necessidade prévia de avaliação mais aprofundada. O envio de cartas feitas por crianças, por exemplo, poderia não ser a medida de apoio mais adequada. Neste caso, segundo o interagente, a responsabilidade deveria partir do público, especialmente, dos pais e responsáveis.

Destacamos também uma articulação que questiona o conteúdo da nota de Drauzio em que ele afirma “[...] sou médico, não juiz” (VARELLA, 2020). Para o interagente, que manifestou a opinião, essa afirmação não se justificaria. Isso porque, durante a reportagem, Drauzio Varella cumpriria o papel de repórter. Sendo assim, de acordo com o interagente, deveria estar em consonância com os preceitos da profissão, que incluiriam checagem e apuração de informações.

Assim, os resultados obtidos em nosso *corpus* a partir da Análise de Construção de Sentidos em Redes Digitais (HENN, 2014) suscitam os sentidos manifestados em torno desse

episódio. Além disso, demonstram os tópicos abordados em relação às resistências a que corpos e vivências trans e travestis enfrentam na sociedade. Acrescenta-se que os processos desinformativos, os discursos de ódio e múltiplos tensionamentos se conectam na repercussão da reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b). Por fim, os questionamentos sobre apuração e práticas jornalísticas são atravessados por disputas políticas evidenciadas no país nos últimos anos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar nesse item, compreendemos que não se encerra aqui a pesquisa e as possibilidades desse episódio. Seja pelas perspectivas e atravessamentos que nele estão presentes ou pelas conexões com outras áreas de estudos. Destaca-se ainda a importância de articulações político partidárias, pautas de gênero e movimentos em relação às diferentes faces do discurso de ódio, especialmente em redes sociais digitais.

Dito isso, nosso estudo buscou identificar os sentidos desencadeados pelo trecho da reportagem *Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência* do *Fantástico*, em que Dráuzio Varella abraça Suzy de Oliveira dos Santos e diz: “Solidão, né, minha filha?” e como a constituição do caso deste ciberacontecimento afeta o jornalismo.

No período de realização da dissertação, denota-se como a pesquisa oferece em si uma cartografia do sentir, na compreensão de Rolnik (2011), um território vivo e em constante fluxo de aprendizado. A cada leitura compreendida e novas possibilidades de estudo, verificou-se como os sentidos em torno desse episódio são propulsores de diferentes explosões em suas manifestações.

Rosário (2022) explica que o transcorpo causa rupturas, incomoda, tensiona e força fronteiras de sentidos. Contudo, o mesmo CISTema (NASCIMENTO, 2021) encontra novos arranjos à manutenção de sua ordem. Isso porque, objetiva que corpos que escapam à norma (LOURO, 2000) sejam novamente colocados à margem. Entretanto, os recorrentes processos de tensionamento forçam rupturas a partir de corpos que questionam e reclamam seu lugar na dinâmica social (GONZATTI, 2022). Processos que estão cada vez mais presentes, principalmente, em redes sociais digitais.

Assim, as conexões entre as corporalidades envolvidas na reportagem, suas pautas, demandas e falta de acessos evidenciam o lugar de margem ainda relegados às pessoas trans e travestis no país. Os números apresentados nesta pesquisa em relatórios e dossiês confirmam a gama de opressões e exclusões experienciadas por corpos que não cumprem o padrão cisheteronormativo da sociedade. Além disso, evidencia-se a dificuldade que corpos trans e travestis possuem de pertencer à sociedade, até mesmo quando são sepultadas e o não reconhecimento de suas existências. Vidas que, muitas vezes, nem sequer são computadas em estatísticas, em razão da precariedade de dados relativos às demandas de pessoas trans e travestis no Brasil.

Esses corpos e sua intensa produção de sentidos encontraram na reportagem do *Fantástico* uma cartografia sentimental, na percepção de Rolnik (2011). Na medida em que

afetaram e foram afetadas diferentes esferas e camadas da população, principalmente, em redes sociais digitais, onde ocorreu o cibercontecimento (HENN, 2014). Além disso, o movimento em rede torna essa cartografia dinâmica e carrega elementos que vão se desdobrando e sendo tensionados. As existências apresentadas revelam diferentes aspectos da sociedade, seja na figura da solidão de Suzy, no casamento celebrado dentro do presídio, na desconstrução e possibilidades de um corpo trans e travesti, no relato de Lolla e suas formas de manifestar e resistir em sua mulheridade (NASCIMENTO, 2021).

Nesse sentido, o jornalismo tensionou e foi tensionado, na medida em que apresentou narrativas de corpos que escapam à norma da norma, em uma releitura de Louro (2000). Isso porque, além de serem mulheres trans e travestis, estão apenas em regime fechado, o que as torna mais vulneráveis e passíveis de sentimentos opostos. Ou seja, ao mesmo tempo em que sentidos de benevolência e empatia são acionadas, estão mais expostas ao crivo da sociedade e manifestações de justificação pelo lugar que ocupam na dinâmica social. Dessa maneira, somam-se aos julgamentos em relação às suas vivências e mulheridades as razões pelas quais estão no cárcere.

Apesar de ser reconhecido pelos programas voltados à saúde coletiva e preventiva no país, Drauzio é questionado por sua conduta na reportagem do *Fantástico* (GLOBOPLAY, 2020b). Simultaneamente, a reportagem é questionada pelo público, imprensa, campo profissional e coloca em xeque a credibilidade e limites da figura de um médico que também atua como repórter.

Os sentidos oportunizados e analisados nesta pesquisa encontram nas redes sociais digitais o espaço para expurgar e compor uma diversa constelação de sentidos. As manifestações incluem comentários bondosos, angelicais, progressistas e esperançosos. Na medida em que novas informações surgem, os sentidos assumem um tom inquisidor. Posteriormente, revelam manifestações de ódio, violência, transfobia, justificação e diversas ofensas organizadas em *hashtags* como #Drauziolixo, entre outras. Além disso, em dado momento quando os interagentes visam revelar qual candidato político o debatedor apoia, perde-se qualquer interesse nas pautas abordadas pela reportagem. Para saber quem vota em quem, o ambiente de disputa nos comentários se intensifica. Dessa forma, as agressões e os termos pejorativos usados para desqualificar os oponentes são mútuos.

Por conseguinte, nota-se o quanto a falta de conhecimento capitaneada por questões de interesse político são facilmente convertidas em estratégias de conteúdo. A tática é eficiente em disseminar desinformação sobre pautas de gênero, sistema prisional e outros tópicos nas redes sociais digitais. Essas manifestações costuradas pelas incertezas causadas pela pandemia

de COVID-19 alçaram o cenário da reportagem para outros lugares distantes de seu conteúdo original.

Justamente, em uma conjuntura complexa como a da reportagem analisada em nossa pesquisa, apontam-se diferentes perspectivas para manter um jornalismo que privilegie a subjetividade e entregue informação precisa ao debate público. Nas palavras de André (2020) a adição de “protocolos” para pautas sobre sistema prisional e seus envolvidos abriria debate para atualizações no campo profissional.

De acordo com Charron (2019), perdura o interesse do público em relação ao conteúdo jornalístico, bem como sua demanda por precisão sobre as informações veiculadas. Outra percepção importante diz respeito às dinâmicas que os interagentes estabelecem para realizar interpretações. Na medida em que sugerem que a reportagem deveria ser exibida em plataformas de *streaming*, receptivas ao novo e às subjetividades. Destaca-se também a incessante busca por desfechos, manifestadas em diferentes grupos de interagentes. Em tom de crítica ou amorosidade, muitos sentidos foram acionados cobrando novas reportagens, seja por pedidos de perdão ou por resgate de laços familiares.

As disputas políticas, o preconceito, a desinformação e a eclosão da pandemia de COVID-19 formaram uma cartografia do Brasil de 2020. Desse modo, compreendemos que a reportagem oferece em si um vasto caminho de estudo sobre a sociedade, redes sociais digitais, discurso de ódio, jornalismo, gênero e cibercontecimento. Diante da multiplicidade de sentidos que esse episódio suscita, identifica-se como possibilidade futura de pesquisa analisar a totalidade de sentidos manifestadas nos 2035 *tweets* coletados. Além disso, estudar os memes originados na reportagem e sua interseção com a pandemia de COVID-19.

Após toda a gama de desdobramentos em relação à reportagem e suas intersecções, observa-se questões de subjetividade e de complexidade humana. Drauzio não nega sua atuação na reportagem e, ao mesmo tempo, seu desconforto em saber a dor causada na família da vítima. Em contrapartida, mantém atividade quase solitária, já que não conseguiu localizar um substituto para assumir seu cargo de médico voluntário no sistema prisional. Salienta ainda que, fora a primeira vez nesses 30 anos que se deixou levar por genuína emoção ao abraçar uma detenta e pontua o uso político do caso.

Suzy por sua vez, não nega sua solidão e os motivos pelos quais cumpre pena em regime fechado. Lolla compreende as maneiras que seu transcorpo (ROSÁRIO, 2022) tensiona a sociedade e como sua existência é ameaçada em razão da transfobia encontrada fora do cárcere. O casal mostrado na reportagem vive a descoberta e expressão de seu amor. Nesse sentido, encontramos no verso da canção *Dom de Iludir*, de Caetano Veloso, uma

forma de sintetizar as nuances e dimensões encontradas durante a pesquisa: *cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é.*

REFERÊNCIAS

- ALCÂNTARA, Manoela. Tia de Suzy detalha casos de abusos cometidos pela transexual. **Metrópoles**, [s. l.], 9 mar. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/tia-de-suzy-detalha-casos-de-abusos-cometidos-pela-transexual>. Acesso em: 10 dez. 2022.
- ALIGHIERI, Dante. **A Divina Comédia**. São Paulo: Editora 34, 2017.
- ALMEIDA, Cecília Barreto de; VASCONCELLOS, Victor Augusto. Transexuais: transpondo barreiras no mercado de trabalho em São Paulo?. **Revista Direito GV**, v. 14, n. 2, 2018. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/revdireitogv/article/view/77103>. Acesso em: 28 set. 2021.
- AMARAL, Adriana. Redes sociais, linguagem e disputas simbólicas. **ComCiência**, n. 131, Campinas, 2011. Disponível em: <http://comciencia.scielo.br/pdf/cci/n131/a09n131.pdf>. Acesso em: 10 jun. 2021.
- ANDRÉ, Hendryo Anderson. “**Violência fascinante em vidas tão normais**”: relações de estigmatização e invisibilidade social na recepção de noticiários criminais. 2018. Tese (Doutorado em Jornalismo) - Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/205632/PJOR0124-T.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 15 mar. 2022.
- ANDRÉ, Hendryo. O abraço que quase linchou virtualmente Drauzio Varella. **Observatório da Imprensa**, [s. l.], 17 mar. 2020. Disponível em: <https://www.observatoriodaimprensa.com.br/tv-em-questao/o-abraco-que-quase-linchou-virtualmente-drauzio-varella/>. Acesso em: 15 dez. 2021.
- ANTRA. **Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. Brasília: Distrito Drag, 2021. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2021/01/dossie-trans-2021-29jan2021.pdf.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2021.
- ANTRA. **Dossiê assassinatos e violências contra travestis e transexuais brasileiras em 2022**. Brasília: Distrito Drag, 2023. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2023/01/dossieantra2023.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2021.
- ANTRA. **Não existe cadeia humanizada!** Estudo sobre a população LGBTI+ em privação de liberdade. Brasília: Distrito Drag, 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.files.wordpress.com/2020/12/nao-existe-cadeia-humanizada-nf.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2021.
- APÓS campanha, trans retratada por Drauzio é encontrada e vai receber ajuda. **Universa Uol**, [s. l.], 7 mar. 2020b. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/03/07/acharam-a-lolla-trans-retratada-por-drauzio-vai-receber-ajuda-de-campanha.htm>. Acesso em: 10 abr. 2022.

APÓS revelação de crime, detenta trans, Drauzio Varella e Globo se manifestam. **Estadão**, [s. l.], 9 mar. 2020a. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/emails/comportamento/detenta-trans-drauzio-verella-globo-se-manifestam/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

AQUINO B., Maria Clara. A construção da figura política de Bolsonaro no El País: um exercício metodológico para análise sobre produção de sentido no jornalismo. **Galáxia**, n. 43, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/43054>. Acesso em: 15 jan. 2023.

AQUINO B., Maria Clara. Ciberacontecimento e jornalismo digital: o impacto do compartilhamento e da produção de sentidos nas práticas jornalísticas. **Revista Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 12, n. 2, p. 342-358, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2015v12n2p342>. Acesso em: 15 nov. 2021.

AQUINO B., Maria Clara; GONZATTI, Christian. Análise de construção de sentido em redes digitais: a política das diferenças no caso da Rede Ninja de Opinião. **Comunicação & Inovação**, São Caetano do Sul, v. 19, n. 39, p. 1-17, 2018. Disponível em: https://seer.uscs.edu.br/index.php/revista_comunicacao_inovacao/article/view/4926/2391. Acesso em: 21 nov. 2021.

AQUINO B., Maria Clara; GONZATTI, Christian. O ciclo de vida de um meme: delineamentos para o espalhamento a partir do ciberacontecimento em torno do caso da capivara-cachorro. **Lumina**, v. 11, n. 1, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21366>. Acesso em: 21 nov. 2020.

AQUINO B., Maria Clara. Interseccionalidade como perspectiva de abordagem sobre violência de gênero durante a pandemia da covid-19. In: MENDES, Francielle Maria Modesto *et al.* (org.). **Pesquisa em Comunicação: Jornalismo, Raça e Gênero**. Rio Branco: Nepan, 2021.

BABO, Isabel. O acontecimento e os seus públicos. **Comunicação e Sociedade**, v. 23, 2013. Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/index.php/revistacomsoc/article/view/985>. Acesso em: 15 jun. 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BENEVIDES, Bruna. Brasil lidera consumo de pornografia trans no mundo (e de assassinatos). **Híbrida**, 2019. Disponível em: <https://revistahibrida.com.br/brasil/o-paradoxo-do-brasil-no-consumo-de-pornografia-e-assassinatos-trans/>. Acesso em: 15 ago. 2021

BENÍCIO, Jeff. Professor de TV aponta erros da Globo na matéria da trans. **Terra**, [s. l.], 22 mar. 2020. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/blog-sala-de-tv/professor-de-tv-aponta-erros-da-globo-na-materia-da-trans,370ad5bd8793d810ab9a02dbel1d251f4pupxut1h.html>. Acesso em: 10 dez. 2022.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. In: Obras escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BENTO, Berenice. **Transviad@s: gênero, sexualidade e direitos humanos**. Salvador: EDUFBA, 2017.

BERGAMO, Mônica. Cartas de crianças não foram entregues à Suzy, diz administrador de presídios. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 10 mar. 2020b. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/03/cartas-de-criancas-nao-foram-entregues-a-suzy-diz-administrador-de-presidios.shtml>. Acesso em: 6 jun. 2021.

BERGAMO, Mônica. “Esse mundo tá louco”, diz Drauzio sobre concorrer à presidência. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 5 mar. 2020c. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/03/esse-mundo-ta-louco-diz-drauzio-varella-sobre-concorrer-a-presidencia.shtml>. Acesso em: 10 dez. 2022.

BERGAMO, Mônica. Repercussão deixou autoridades em alerta sobre segurança de Suzy de Oliveira. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 12 mar. 2020a. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/03/repercussao-deixou-autoridades-em-alerta-sobre-seguranca-de-suzy-oliveira.shtml>. Acesso em: 10 dez. 2022.

BERGER, Christa; HAUSER, Vanessa. A crise do jornalismo: ecos e silêncios nas práticas e nas narrativas. **Revista Observatório**, Palmas, v. 1, n. 2, p. 117-135, set./dez. 2015. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/observatorio/article/view/1561/8501>. Acesso em: 20 out. 2020.

BIANCO, Nélia. A internet como fator de mudança no jornalismo. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, São Paulo, v. 27, p.1-10, 2004. Disponível em: <http://bocc.ufp.pt/pag/bianco-nelia-internet-mudanca-jornalismo.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2021.

BIZZOCCHI, Aldo. Entre o Céu e o Inferno. *In*: BIZZOCCHI, Aldo. **Diário de um linguista**. [S. l.], 2 fev. 2021. Disponível em: <https://diariodeumlinguista.com/2021/02/02/entre-o-ceu-e-o-inferno/comment-page-1/?unapproved=6772&moderation-hash=585804d0bb18b228f8175f60d55017ae#comment-6772>. Acesso em: 20 mar. 2022.

BLACKMORE, Susan. **The meme machine**. Oxford e Nova York: OUP, 1999.

BONIN, J. A. Explorações sobre práticas metodológicas na pesquisa em comunicação. **Revista Famecos**, v. 15, n. 37, 2009. Acesso em: <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2008.37.4809>. Acesso em: 6 jun. 2021.

BORELLI, V.; MACHADO, A.; DIAS, M. S. M. Narrativas jornalísticas e possibilidades de resistência acerca do acontecimento #SomosTodasVerônica: mídia, transfobia e violência. **Conexão**, v. 16, p. 113-134, 2017. Disponível em: <https://aquenda.wordpress.com/nossas-pesquisas-2/>. Acesso em: 18 ago. 2021.

BRAGA, José Luiz. Para começar um projeto de pesquisa. **Comunicação & Educação**, n. 3, p. 288-296, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2593657/mod_resource/content/2/Texto%204.pdf. Acesso em: 21 jun. 2021.

BRANDÃO, Felipe. Sônia Abrão critica Dráuzio Varela por reportagem com assassina trans: “Faltou transparência”. **Uol**, [s. l.], 8 mar. 2020. Disponível em: <https://observatoriodatv.uol.com.br/noticias/sonia-abrao-critica-drauzio-varela-por-reportagem-com-assassina-trans-faltou-transparencia>. Acesso em: 10 dez. 2022.

BRASIL. **LEI Nº 13.709, de 14 de agosto de 2018**. Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Brasília, DF: Presidência da República, 2018. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13709compilado.htm. Acesso em: 15 dez. 2020.

BRASIL. Medida Provisória Nº 1068, de 6 de setembro de 2021. Altera a Lei nº 12.965, de 23 de abril de 2014, e a Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1995, para dispor sobre o uso de redes sociais. **Diário Oficial da União**: Brasília, 2021. Disponível em: <https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=MPV&numero=1068&ano=2021&ato=b86Mzaq5UMZpWT8da>. Acesso em 15 maio 2022.

BRUGGER, W. Proibição ou proteção do discurso do ódio? Algumas observações sobre o direito alemão e o Americano. **Direito Público**, n. 4, v. 15, 2007. Disponível em: <https://www.portaldeperiodicos.idp.edu.br/direitopublico/article/view/1418>. Acesso em: 5 jun. 2022.

BURKE, Peter. **A escrita da história**. [S. l.]: Unesp, 1992.

BUSINARI, Maurício. Velório de mulher trans com gravata e cavanhaque gera revolta em Sergipe. **Universa Uol**, Santos, 14 out. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2021/10/14/mulher-trans-e-enterrada-de-terno-e-cavanhaque-pela-familia-em-aracaju.htm>. Acesso em: 10 dez. 2022.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**: os limites discursivos do "sexo". São Paulo: N-1 edições, 2019.

BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. São Paulo: UnespDigital, 2021.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARVALHO, Mario. “Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas. **Cadernos pagu**, Campinas, n. 52, 2018. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8652636>. Acesso em: 12 abr. 2022.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999. *E-book*. Disponível em: <https://globalizacaoeintegracaoregionalufabc.files.wordpress.com/2014/10/castells-m-a-sociedade-em-rede.pdf>. Acesso em: 15 nov. 2020.

CAVALCANTI, Céu. Patologizações, autodeterminações e fúrias – uma breve carta de amor. *In*: SOUSA, Ematuir Teles de; AMARAL, Marília dos Santos; SANTOS, Daniel Kerry dos. **Psicologia, travestilidades e transexualidades**. Florianópolis: Tribo Ilha, 2019.

CENTRO REGIONAL DE ESTUDOS PARA O DESENVOLVIMENTO DA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO (CETIC). **TIC domicílios 2021**: lançamento dos resultados. Brasil: CETIC, 2021. Disponível em: https://cetic.br/media/analises/tic_domicilios_2021_coletiva_imprensa.pdf. Acesso em: 15 jun. 2022.

CFP. **RESOLUÇÃO CFP N° 001/99 DE 22 DE MARÇO DE 1999**. [S. l.], 1999. Disponível em: http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf. Acesso em: 15 mar. 2020.

CHAGAS, Viktor. Da memética aos memes de internet: uma revisão da literatura. **Revista Brasileira De Informação Bibliográfica Em Ciências Sociais**, São Paulo, n. 95, 2021. Disponível em: <https://bibanpocs.emnuvens.com.br/revista/article/view/119/113>. Acesso em: 15 nov. 2021.

CHARAUDEAU, Patrick. Discurso das mídias. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARRON, Jean. A crise não é do jornalismo, mas do seu financiamento: entrevista com Jean Charron. [Entrevista concedida a] Livia Guilherme. **Intexto**, Porto Alegre, n. 45, p. 5-15, 2019. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/82397/51010>. Acesso em: 20 fev. 2022.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no jornalismo**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

COELHO SOBRINHO, José. A essência do jornalismo está na apuração. *In*: JÚNIOR, Enio Moraes *et al.* (org.). **Antes da Pauta**: linhas para pensar o ensino do jornalismo no século XXI. São Paulo: ECA/USP, 2013. p. 138-153.

COULDRY, N.; HEPP, A.; KROTZ, F. **Media events in a global age**. Londres: Routledge, 2010.

CRIMINAIS. [Caros seguidores]. [S. l.], 7 mar. 2020. Instagram: @criminais. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/B9c8mmIh-yu/?igshid=oruip90vauif&fbclid=IwAR3L7i4x583O9K7e3NYTZMh7qZJpK1e9hA06KeTt0GouPexu6LjKllkd5KU/>. Acesso em: 17 dez. 2021.

CUNDARI, Paula; WEBER, Cristiane. A Influência da Mídia em Gerenciamentos de Crise: Uma Análise da Cobertura da RedeTV no Caso Eloá Pimentel. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 33., 2010. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-2849-1.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2022.

DALMOLIN, Aline Roes. A legislação do ódio e os limites à liberdade de expressão: Enfoques contemporâneos na mídia e no direito. *In*: MÍDIAS E DIREITOS DA SOCIEDADE EM REDE - REDE CIDDI, 3., 2015, Santa Maria. **Anais eletrônicos [...]**.

Rede CIIDDI, 2015. Disponível em:
http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/?page_id=148. Acesso em: 20 fev. 2022.

DALMONTE, Edson Fernando. Novos cenários comunicacionais no contexto das mídias interativas: o espalhamento midiático. **Cibercultura**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 99-114, 2015. Disponível em:
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/19729/13212>. Acesso em: 20 fev. 2022.

DATAREPORTAL, 2021. **Digital 2021 Brasil**. [S. l.]: 2021. Disponível em:
<https://datareportal.com/reports/digital-2021-brazil>. Acesso em: 6 de jun. 2021.

DAWKINS, R. **The selfish gene**. Oxford e Nova York: OUP, 1976.

DAYAN, D. **La terreur spectacle: terrorisme et télévision**. Bruxelas: De Boeck, 2006.

DECLERCQ, Marie. 'Abraçei Suzy e vou continuar abraçando': projeto beneficia pessoas trans. **Tab Uol**, [s. l.], 13 mar. 2020. Disponível em:
<https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2020/03/13/vou-continuar-abracando-projeto-para-presas-trans-vai-alem-de-suzy.htm>. Acesso em: 10 dez. 2022.

DELEUZE, Gilles. **A lógica do sentido**. São Paulo. Perspectiva, 1998.

DETENTA trans Suzy já recebeu 234 cartas após reportagem do Fantástico, diz secretaria de SP. **G1**, São Paulo, 7 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2020/03/07/detenta-trans-suzy-ja-recebeu-234-cartas-apos-reportagem-do-fantastico-diz-secretaria-de-sp.ghtml>. Acesso em: 15 mar. 2022.

DIAS, Léo. Kevin O Chris e Dilsinho, juntos pela primeira vez, misturam funk e pagode. **Metrópoles**, [s. l.], 10 fev. 2021. Disponível em: <https://www.metrosoles.com/colunas/leo-dias/kevin-o-chris-e-dilsinho-juntos-pela-primeira-vez-misturam-funk-e-pagode>. Acesso em: 15 mar. 2021.

DIAS, Marlon Santa Maria; HENN, Ronaldo Cesar. “O barraco mais esperado do ano”: performances da intimidade e apropriações do divórcio nas redes digitais. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 2, 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/60506>. Acesso em: 15 fev. 2023.

DIAS, Marlon Santa Maria; MACHADO, Alisson. “Queimem a bruxa”: operações midiáticas na cruzada moral contra a “ideologia de gênero” no Brasil. **E-Compós**, Belo Horizonte, v. 25, p. 1-20, 2022. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2551>. Acesso em: 20 dez. 2022.

DRAUZIO Varella comenta críticas por ter abraçado presiária: “Sou médico, não juiz”. **Uol**, [s. l.], 8 mar. 2020a. Disponível em:
<https://natelinha.uol.com.br/televisao/2020/03/08/drauzio-varella-comenta-criticas-por-ter-abracado-presidiaria-sou-medico-nao-juiz-141952.php>. Acesso em: 10 dez. 2022.

DRAUZIO Varella e TV Globo são condenados a pagar R\$ 150 mil a pai de vítima de entrevista. **Folha de S. Paulo**, [s. l.], 23 jun. 2021. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/06/drauzio-varella-e-tv-globo-sao-condenados-a-pagar-r-150-mil-a-pai-de-vitima-de-entrevistada.shtml>. Acesso em: 10 dez. 2022.

DRAUZIO Varella responde a ataques por reportagem com detenta trans. **Uol**, [s. l.], 9 mar. 2020b. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/temas/midia/drauzio-varella-responde-a-ataques-por-reportagens-com-detenta-trans/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

DRAUZIO Varella se desculpa por vídeo de trans condenada: 'Crime que choca a todos nós'. **Uol**, [s. l.], 10 mar. 2020c. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/celebridades/drauzio-varella-se-desculpa-por-video-de-trans-condenada-crime-que-choca-todos-nos-34361>. Acesso em: 10 dez. 2022.

FANTÁSTICO. [Dráuzio Varella]. [S. l.], 2 mar. 2020. Twitter: @showdavid. Disponível em: <https://twitter.com/showdavid/status/1234563236848119810>. Acesso em: 12 jun. 2021.

FERREIRA, Yuri. Drauzio Varella sob ataque aumenta invisibilidade trans na cadeia. **Hypeness**, [s. l.], 9 mar. 2020. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/03/drauzio-varella-sob-ataque-aumenta-invisibilidade-trans-na-cadeia/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

“FIQUEI comovido e espontaneamente dei um abraço” diz Dr. Drauzio sobre gravações da reportagem em presídio. **Fantástico**, [s. l.], 4 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2020/03/04/fiquei-comovido-e-espontaneamente-dei-um-abraco-diz-dr-drauzio-sobre-gravacoes-da-reportagem-em-presidio.ghtml>. Acesso em: 12 jun. 2021.

FOUCAULT, Michel. **História da Loucura**: na idade clássica. São Paulo: Perspectiva, 1972.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRAGA, Rafaela. Alunas fazem mobilização pelo uso de shorts em escola de Porto Alegre. **G1**, Porto Alegre, 24 fev. 2016. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/02/alunas-fazem-mobilizacao-pelo-uso-do-shorts-em-escola-de-porto-alegre.html#:~:text=Peti%C3%A7%C3%A3o%20online%20%22Vai%20ter%20shortinho,so bre%20a%20manifesta%C3%A7%C3%A3o%20das%20estudantes.&text=Um%20grupo%20de%20alunas%20com,mais%20antigos%20de%20Porto%20Alegre>. Acesso em: 12 abr. 2021.

FRANÇA, Vera; ALMEIDA, Roberto. O acontecimento e seus públicos: um estudo de caso. **Contemporânea**, Salvador, v. 6, n. 2, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3535>. Acesso em: 12 nov. 2021.

FRANÇA, Vera; LOPES, Suzana. Análise do acontecimento: possibilidades metodológicas. **MATRIZES**, v. 11, n. 3, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/138820>. Acesso em: 12 nov. 2021.

FRANCO, Mariana. Carta aberta sobre a pornografia trans às mulheres cis heterossexuais. **Catarinas**, [s. l.], 9 jun. 2021. Disponível em: <https://catarinas.info/carta-aberta-pornografia-trans-para-todas-as-mulheres/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

GAMA, Maria Clara Brito da. Cura Gay? Debates parlamentares sobre a (des)patologização da homossexualidade. **Sexualidade, saúde e sociedade**, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sess/a/xFWY7D4CHtKszMkz36q8txw/?lang=pt#>. Acesso em: 15 maio 2020.

GEHRKE, Marília; BENETTI, Marcia. A desinformação no Brasil durante a pandemia de Covid-19: temas, plataformas e atores. **Revista Fronteiras**, v. 23, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/22527>. Acesso em: 20 maio 2020.

GEOVANNA do 'forninho' e prima lembram como vídeo virou meme; veja como elas estão atualmente. **GShow**, Rio de Janeiro, 9 set. 2020. Disponível em: <https://gshow.globo.com/programas/encontro-com-fatima-bernardes/noticia/meme-do-forninho-geovanna-e-wanessa-lembram-como-video-virou-sucesso.ghtml>. Acesso em: 15 set. 2021.

GLOBOPLAY. **Fantástico [Mulheres trans presas enfrentam preconceito, abandono e violência]**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 1 mar. 2020b. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8364420/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

GLOBOPLAY. **Fantástico [Nota sobre a reportagem que mostrava mulheres trans em presídios brasileiros]**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 8 mar. 2020c. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8383168/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

GLOBOPLAY. **Jornal Nacional [Drauzio Varella grava vídeo sobre quadro do Fantástico]**. Rio de Janeiro: Rede Globo, 10 mar. 2020a. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8389279/>. Acesso em: 15 nov. 2020.

GOELLNER, Simone. A produção cultural do corpo. *In*: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Simone (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2013.

GOES, Tony. Tentativa de destruição da reputação de Drauzio Varella é asquerosa. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 9 mar. 2020. Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/colunistas/tonygoes/2020/03/tentativa-de-destruicao-da-reputacao-de-drauzio-varella-e-asquerosa.shtml>. Acesso em: 10 dez. 2022.

GOFFMAN, Erving. **Frame Analysis**: An Essay on the Organization of Experience. [S. l.]: Northeastern University Press, 1986.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses**: ensaios de teoria do jornalismo. 1. ed. Insular: Florianópolis, 2009.

GONÇALVES, Gean. A fantástica reportagem sobre Suzy: jornalismo, subjetividade, sujeição e afeto seletivo. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 18., 2020. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2020. Disponível em: <https://sbpjor.org.br/congresso/index.php/sbpjor/sbpjor2020/paper/viewFile/2735/1466>. Acesso em: 10 mar. 2022.

GONZALEZ, Mariana. 'Libera meu xixi': campanha quer que STF julgue uso de banheiros por trans. **Universa Uol**, São Paulo, 9 jul. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/07/09/libera-meu-xixi-stf-trava-ha-7-anos-acao-sobre-trans-em-banheiros.htm>. Acesso em: 10 dez. 2022.

GONZATTI, Christian. **Pode um LGBTQIA+ ser super-herói no Brasil?**

Ciberacontecimentos pop e a guerra semiótica sobre gênero e sexualidade na cultura nerd. 2022. Tese (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2022. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/11055?locale-attribute=es>. Acesso em: 15 nov. 2022.

GRUPO GAY DA BAHIA. **Mortes violentas de LGBT+ no Brasil**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://grupogaydabahia.files.wordpress.com/2022/03/mortes-violentas-de-lgbt-2021-versao-final.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2022.

HENN, Ronaldo Cesar. Apontamentos sobre o ciberacontecimento: o caso Amanda Tood. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, 32., 2013a, Salvador. **Anais eletrônicos [...]**. Belo Horizonte: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2013. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_2068.pdf. Acesso em: 15 nov. 2020.

HENN, Ronaldo Cesar. **El ciberacontecimiento: producción y semiosis**. Barcelona: Editorial UOC, 2014.

HENN, Ronaldo Cesar; GONZATTI, Christian; ESMITIZ, Francielle. *Pussy made of steel: os sentidos inaugurados por um cartaz da Women's March na página Supergirl Brasil*. **Revista Fronteiras**, v. 19, n. 3, 2007, p. 401-414. Disponível em: https://pdfs.semanticscholar.org/80ea/b1b83aec30e5c5600e7dfdc3dd06b4b1155.pdf?_ga=2.234812375.871242615.1622933441-2085144718.1622933441. Acesso em: 6 jun. 2021.

HENN, Ronaldo Cesar; MACHADO, Felipe Viero. Mas... E o beijo das travestis? De Feliko e Clarina, dos sentidos produzidos em rede e de quem pode (e como pode) beijar no horário nobre. **Contemporanea**, v. 13, n. 2, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/13846>. Acesso em: 15 nov. 2020.

HENN, Ronaldo Cesar; MACHADO, Felipe Viero. O corpo como acontecimento semiótico: construções do self, performances e outras semiosis. **Intexto**, n. 37, 2016. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/67397>. Acesso em: 15 nov. 2022.

HENN, Ronaldo Cesar. O acontecimento em sua dimensão semiótica. In: BENETTI, Márcia; FONSECA, Virgínia Pradelina da Silveira (org.). **Jornalismo e acontecimento: mapeamentos críticos**. Florianópolis: Insular, 2010. p. 77-93.

HENN, Ronaldo Cesar. O ciberacontecimento. In: VOGEL, Daisei; MEDITSCH, Eduardo; SILVA, Gislene (org.). **Jornalismo e acontecimento: tramas conceituais**. Florianópolis: Insular, 2013b. p. 31-48.

HENN, Ronaldo Cesar; OLIVEIRA, Felipe Moura. Jornalismo e movimentos em rede: a emergência de uma crise sistêmica. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 22, n. 3, 2015. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/20560/13269>. Acesso em: 15 nov. 2020.

HENN, Ronaldo Cesar; PILZ, Jonas; KOLINSKI MACHADO, Felipe Viero. Celebração do casamento igualitário e homofobia nas redes digitais: #LoveWins na disputa de sentidos oriundos da apropriação da Havaianas. **E-Compós**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, 2018. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/1400>. Acesso em: 15 nov. 2020.

HENN, Ronaldo Cesar. Seis categorias para o cibercontecimento. *In*: NAKAGAWA, Regiane Miranda de Oliveira; SILVA, Alexandre Rocha da (org.). **Semiótica da Comunicação II**. São Paulo: Intercom, 2015. p. 208-227.

HIROSE, Rodrigo. Drauzio e a trans Suzy: é possível ter compaixão diante da barbárie?. **Jornal Opção**, [s. l.], 10 mar. 2020. Disponível em: <https://www.jornalopcao.com.br/colunas-e-blogs/ponto-de-partida/drauzio-e-a-trans-suzy-e-possivel-ter-compassao-diante-da-barbarie-240425>. Acesso em: 10 dez. 2022.

HISTÓRIA. **Fantástico**, [S. l.], 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/fantastico/noticia/historia.ghtml>. Acesso em: 20 abril 2022.

HORTA, Natália Botelho. **O meme como linguagem da internet**: uma perspectiva semiótica. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18420/1/2015_NataliaBotelhoHorta.pdf. Acesso em: 15 nov. 2021.

HOSKEN, Pedro. TV Globo pede desculpas sobre caso Suzy e alfineta autoridades públicas e protocolos de segurança. **Uol**, [s. l.], 11 mar. 2020. Disponível em: <https://hugogloss.uol.com.br/tv/tv-globo-pede-desculpas-sobre-caso-suzi-e-alfineta-autoridades-publicas-protocolos-de-seguranca-assista/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

HUXLEY, Aldous. **As portas da percepção e céu e inferno**. São Paulo: Biblioteca Azul, 2015.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão**: criando valor e significado por meio da mídia propagável. São Paulo: Aleph, 2015.

JORNAL NACIONAL ganha Emmy em Jornalismo. **Meio e Mensagem**, [s. l.], 27 set. 2011. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/jornal-nacional-ganha-emmy-em-jornalismo>. Acesso em: 10 dez. 2022.

JOVEM trans de 13 anos foi morta a pauladas no Ceará por cobrar dívida de R\$ 50 do suspeito. **G1**, [S. l.], 8 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ce/ceara/noticia/2021/01/08/jovem-trans-de-13-anos-foi-morto-a-pauladas-no-ceara-por-cobrar-divida-de-r-50-do-suspeito.ghtml>. Acesso em: 6 jun. 2022.

KARAM, F. J.; CHRISTOFOLETTI, Rogério. Fundamentos jornalísticos para novos cenários éticos da informação. *In: SILVA, Gislene et al. (org.). **Jornalismo contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas.** Brasília: Compós, 2011. p. 79-100.*

KELLNER, D. **Media Spectacle.** Londres: Routledge, 2003.

KRISS, Elba. Reportagem de Drauzio que comoveu o Brasil levou cinco meses para ficar pronta. **Uol**, [s. l.], 4 mar. 2020. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/reportagem-de-drauzio-varella-que-comoveu-o-brasil-demorou-cinco-meses-34145>. Acesso em: 10 dez. 2022.

LANS, Letícia. **O corpo da roupa: a pessoa transgênera entre a transgressão e a conformidade com as normas de gênero.** 2014. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Curso de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2014. Disponível em: <https://www.acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/36800/R%20-%20D%20-%20LETICIA%20LANZ.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 20 out. 2021.

LEITÃO, Débora; GOMES, Laura. Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões. **Antropolítica**, v. 42, 2017, p. 41-65. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/antropolitica/article/view/41884>. Acesso em: 15 dez. 2021.

LEITE, Flávia. O exercício da liberdade de expressão nas redes sociais: e o marco civil da internet. **Revista de Direito Brasileira**, v. 13, n. 6, 2016. Disponível em: <https://www.indexlaw.org/index.php/rdb/article/view/2899/2698>. Acesso em: 15 ago. 2021.

LEMOS, Nina. Drauzio sendo atacado por abraçar condenada a crime é prova de país doente. **Uol**, [s. l.], 9 mar. 2020. Disponível em: <https://ninalemos.blogosfera.uol.com.br/2020/03/09/drauzio-sendo-atacado-por-abracar-condenada-a-crime-e-prova-de-pais-doente/>. Acesso em: 12 dez. 2022.

LIMA, Valdir. Caso Suzy e Drauzio Varella: o médico e o jornalista. **Amazonas Atual**, [s. l.], 15 mar. 2020. Disponível em: <https://amazonasatual.com.br/caso-suzy-e-drauzio-varella-o-medico-e-o-jornalista/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. *In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado.** Belo Horizonte: Autêntica, 2000.*

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer.** Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

LUMA Nogueira de Andrade primeira professora travesti do Brasil toma posse em Universidade do Ceará. **Portal Geledés**, [S. l.], 11 dez. 2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/luma-nogueira-de-andrade-primeira-professora-travesti-do-brasil-toma-posse-em-universidade-do-ceara/>. Acesso em 7 jun. 2022.

LUZ, Leonardo Sérgio. **Dia Internacional de Combate à Homofobia**. [S. l.], 2015. Disponível em: <https://portal.cfm.org.br/artigos/dia-internacional-de-combate-a-homofobia/#:~:text=Em%201985%2C%20portanto%20h%C3%A1%2030,todos%20os%20m%C3%A9dicos%20do%20pa%C3%ADs>. Acesso em: 29 maio 2015.

MACHADO, Vinicius R. P.; DIAS, Jefferson A.; FERRER, Walkiria Martinez Heinrich. Biopolítica e novas tecnologias: o discurso do ódio na Internet como mecanismo de controle social. **Revista de Informação Legislativa**, v. 55, n. 220, p. 29-51, out./dez. 2018. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/55/220/ril_v55_n220_p29. Acesso em: 6 jun. 2021.

MACIEL, Igor. A detenta trans Suzy e a carência eleitoral. **Uol**, [s. l.], 9 mar. 2020. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/colunas/cena-politica/2020/03/5601598-a-detenta-trans-suzy-e-a-carencia-eleitoral.html>. Acesso em: 10 dez. 2022.

MÃE de criança morta por trans abraçada no Fantástico para Sikêra Jr: "Eu recebi o quê?". **Uol**, [s. l.], 9 mar. 2020a. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2020/03/09/mae-de-crianca-morta-por-trans-abracada-no-fantastico-para-sikera-jr-eu-recebi-o-que-142004.php>. Acesso em: 10 dez. 2022.

MÃE de menino de 9 anos morto e estuprado por Suzi Oliveira relembra crime. **R7**, São Paulo, 13 mar. 2020b. Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/videos/mae-de-menino-de-9-anos-morto-e-estuprado-por-suzi-oliveira-relembra-crime-13032020>. Acesso em: 20 jun. 2021.

MANUAL DE COMUNICAÇÃO LGBTI+. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI: GayLatino, 2018. Disponível em: <https://www.grupodignidade.org.br/wp-content/uploads/2018/05/manual-comunicacao-LGBTI.pdf>. Acesso em: 12 set. 2021.

MARASCO, Carolina. Drauzio Varella publica nota após críticas a abraço em detenta trans. **Nsc**, [s. l.], 9 mar. 2020. Disponível em: <https://www.nscotal.com.br/noticias/drauzio-varella-publica-nota-apos-criticas-a-abraco-em-detenta-trans>. Acesso em: 10 dez. 2022.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação**. Vozes: Petrópolis, 2018.

MATIAS, Juliana. TJSP afasta condenação de TV Globo e Drauzio Varella por matéria sobre presas trans. **Jota**, [s. l.], 9 maio 2020. Disponível em: <https://www.jota.info/coberturas-especiais/liberdade-expressao/globo-e-drauzio-varella-sao-absolvidos-pela-exibicao-de-materia-sobre-presidarias-trans-09052022>. Acesso em: 13 set. 2020.

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo é uma forma de conhecimento? **Media & Jornalismo**, n. 1, 1997, p. 9-22. Acesso em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2021.

MEME 'Para Nossa Alegria' completa 10 anos; veja como os irmãos estão hoje. **Splash**, São Paulo, 13 mar. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2022/03/13/para-nossa-alegria-10-anos.htm>. Acesso em: 20 mar. 2022.

MEYER, Dagmar Estermann. Gênero e educação: teoria e política. *In*: LOURO, Guacira Lopes; FELIPE, Jane; GOELLNER, Simone (org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2013.

“MINHA conquista serve de exemplo”, diz 1ª travesti doutora do Brasil. **G1**, [s. l.], 20 ago. 2012. Disponível em: [https://g1.globo.com/ceara/noticia/2012/08/minha-conquista-serve-de-exemplo-diz-1-travesti-doutora-do-brasil.html#:~:text=A%20professora%20Luma%20Andrade%2C%2035,forma%20de%20ven](https://g1.globo.com/ceara/noticia/2012/08/minha-conquista-serve-de-exemplo-diz-1-travesti-doutora-do-brasil.html#:~:text=A%20professora%20Luma%20Andrade%2C%2035,forma%20de%20vencer%20o%20preconceito)cer%20o%20preconceito. Acesso em 7 jun. 2022.

MINISTÉRIO da Saúde declara transmissão comunitária de COVID-19 e adota medidas de distanciamento social para conter o avanço da doença no Brasil. **Ministério da Saúde**, [s. l.], 21 mar. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/assuntos/noticias/2020/marco/ministerio-da-saude-declara-transmissao-comunitaria-nacional>. Acesso em: 15 maio 2021.

MOIRA, Amara *et al.* **Vidas trans**. São Paulo: Astral Cultural, 2017.

MORAES, Katarina. O julgamento do caso da detenta Suzy e do doutor Drauzio Varella no tribunal da internet. **Uol**, [s. l.], 9 mar. 2020a. Disponível em: <https://jc.ne10.uol.com.br/mundo/2020/03/5601605-o-julgamento-do-caso-da-detenta-suzy-e-do-doutor-drauzio-varella-no-tribunal-da-internet.html>. Acesso em: 10 dez. 2022.

MORAES, Maurício. Charge com crítica à Globo e a Drauzio Varella não é de Carlos Latuff. **Revista Piauí**, Rio de Janeiro, 11 mar. 2020b. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/03/11/verificamos-charge-globo-drauzio-varella-carlos-latuff/>. Acesso em 21 abril. 2022.

MORIN, Edgar. **O método**: 1. A natureza da natureza. 2. ed. Europa-América, 1986.

MORNING SHOW. **Drauzio e Globo são detonados por “abraço” em trans. Suzy foi condenada por estuprar e matar criança**. [S. l.: s. n.], 9 mar. 2020. 1 vídeo (24 min 59 s). Publicado pelo canal Morning Show. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4iPSIYOxHdI>. Acesso em: 12 dez. 2022.

MULHER trans é impedida de usar banheiro feminino em shopping de Natal. **G1**, [s. l.], 20 set. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2022/09/20/mulher-trans-e-impedida-de-usar-banheiro-feminino-em-shopping-de-natal.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2022.

NALIN, Carolina. Sete momentos em que Drauzio Varella deu aula de sensibilidade. **Extra**, [s. l.], 3 mar. 2020. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/sete-momentos-em-que-drauzio-varella-deu-aula-de-sensibilidade-24283501.html>. Acesso em: 10 dez. 2022.

NASCIMENTO, Letícia. **Transfeminismo**. São Paulo: Jandaira, 2021.

NASCIMENTO, Silvia. Pantera Negra: Comunidade se organiza para enegrecer sala de cinema em São Paulo. **Mundo Negro**, [S. l.], 23 jan. 2018. Disponível em: <https://mundonegro.inf.br/pantera-negra-comunidade-se-organiza-para-enegrecer-salas-de-cinema-em-sao-paulo/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

NETFLIX BRASIL. [Saudades, né, minha filha?]. [S. l.], 18 abr. 2020. Twitter: @NetflixBrasil. Disponível em: <https://twitter.com/NetflixBrasil/status/1251616491721510913>. Acesso em: 20 set. 2020.

NUNES, João Arriscado. Erving Goffman, a Análise de Quadros e a Sociologia da Vida Quotidiana. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, n. 37, 1993. Disponível em: <https://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/37/Joao%20Arriscado%20Nunes%20-%20Erving%20Goffman,%20a%20Análise%20de%20Quadros%20e%20a%20Sociologia%20da%20Vida%20Quotidiana.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2022.

NUNES, Mônica Ferrari. **A memória na mídia**: a evolução dos memes de afeto. São Paulo: Annablume, 2001.

OLIVEIRA, João Felipe Zini Cavalcante de. “**E travesti trabalha?**”: divisão transexual do trabalho e messianismo patronal. 2019. Dissertação (Mestrado em Direito) - Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/DIRS-BCA2MH/1/disserta_o_mestrado_jo_o_felipe_zini.pdf. Acesso em: 20 out. 2021.

OLIVEIRA, Felipe Moura de; OSÓRIO, Moreno Cruz; HENN, Ronaldo Cesar. Agir cartográfico: proposta teórico-metodológica para compreensão e exercício do jornalismo em rede. *In*: ENCONTRO ANUAL DA COMPOS, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais eletrônicos [...]**. Belo Horizonte: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/agir-cartografico-proposta-teorico-metodologica-para-compreensao-e-exercicio-do?lang=pt-br>. Acesso em: 15 fev. 2023.

OLIVEIRA, Felipe Moura; HENN, Ronaldo Cesar; OSÓRIO, Moreno Cruz. Agir cartográfico: proposta teórico-metodológica para compreensão e exercício do jornalismo em rede. **Revista Alceu**, v. 22, n. 45, p. 44-65, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.46391/ALCEU.v22.ed47.2022>. Acesso em: 15 fev. 2023.

OMS declara pandemia mundial devido ao vírus (SARS-CoV-2) causador da COVID-19. **Organização Pan-Americana da Saúde**. [S. l.], 11 mar. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/news/11-3-2020-who-characterizes-covid-19-pandemic>. Acesso em: 20 abr. 2021.

O QUE É DISCURSO DE ÓDIO. **SaferLab** [S. l.]: [2022?]. Disponível em: <https://saferlab.org.br/o-que-e-discurso-de-odio/>. Acesso em: 06 nov. 2021.

ORTIZ, Delis; GARCIA, Gustavo. Pacheco devolve MP de Bolsonaro que limita remoção de conteúdo nas redes sociais. **G1**, Brasília, 14 set. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/09/14/pacheco-devolve-mp-de-bolsonaro-que-limita-remocao-de-conteudo-nas-redes-sociais.ghtml>. Acesso em: 10 dez. 2022.

OSÓRIO, Moreno. **O cibercontecimento breaking news**: uma proposta teórico-metodológica para a compreensão de notícias urgentes. 2018. (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do

Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2008. Disponível em: www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/7173. Acesso em: 6 jun. 2021.

OS PINGOS NOS IS. **Caso Suzy / Mercados em pânico / Gleisi explora crise**. [S. l.: s. n.], 9 mar. 2020a. 1 vídeo (2 h 3 min 15 s). Publicado pelo canal Os Pingos nos Is. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Zbj8n_kLdsA. Acesso em: 12 dez. 2022.

OS PINGOS NOS IS. **Drauzio pede desculpas / Seis anos de Lava Jato / Cassação do PT**. [S. l.: s. n.], 10 mar. 2020b. 1 vídeo (2 h 4 min 48 s). Publicado pelo canal Os Pingos nos Is. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=grZoJd6VOZA>. Acesso em: 12 dez. 2022.

PAIVA, Letícia. Bolsonaro publica MP que dificulta remoção de conteúdo por redes sociais. **Jota**, [S. l.], 6 set. 2021. Disponível em: <https://www.jota.info/coberturas-especiais/liberdade-expressao/bolsonaro-publica-mp-que-dificulta-remocao-de-conteudo-por-redes-sociais-06092021>. Acesso em: 10 dez. 2021.

PASCHOAL, Janaina. **Deputa Janaina Paschoal mostra a verdade sobre o caso Suzi**. [S. l.: s. n.], 9 mar. 2020, 1 vídeo (8 min 38 s). Publicado pelo canal Janaina Paschoal. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QSMxC2Ve2V4>. Acesso em: 6 jun. 2021.

PEIRCE, Charles S. **Semiótica**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

PELÚCIO, Larissa. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos pagu**, v. 25, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/5QYynt9X5b35dCjrMcN7npc/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 8 jul. 2021.

PELÚCIO, Larissa. Travestis, a (re)construção do feminino: gênero, corpo e sexualidade em um espaço ambíguo. **Revista Antropológicas**, v. 15, 2004. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaanthropologicas/article/view/23613>. Acesso em: 8 jul. 2021.

PEREIRA, Gabriela. **Gênero, ética e discurso: produção, circulação e consumo do discurso de ódio motivado por questões de gênero em sites de redes sociais**. 2018. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.espm.br/handle/tede/309>. Acesso em: 15 mar. 2021.

PEREIRA JÚNIOR, L. C. **A apuração da notícia: métodos de investigação na imprensa**. Petrópolis: Vozes, 2010.

PILZ, Jonas. **Apropriações publicitárias de cibercontecimentos: sentidos oriundos de conversações em redes operadas por atores sociais com interesses mercadológicos como estratégia de relacionamento**. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/6286?show=full>. Acesso em: 15 nov. 2021.

PISCITELLI, Adriana. Gênero: a história de um conceito. *In*: ALMEIDA, Heloisa Buarque de; SZWAKO, José (org.). **Diferenças, igualdade**. São Paulo: Berlendis, 2019.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: https://www.uel.br/cch/cdph/arqtxt/Memoria_esquecimento_silencio.pdf. Acesso em: 15 mar. 2022.

PORNHUB. **The 2022 Year in Review**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://www.pornhub.com/insights/2022-year-in-review>. Acesso em: 6 jan. 2022.

PROJETO da 'cura gay' é arquivado pela Câmara dos Deputados. **Jornal Nacional**, [s. l.], 2 jul. 2013. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/07/projeto-da-cura-gay-e-arquivado-pela-camara-dos-deputados.html>. Acesso em: 10 fev. 2021.

QUÉRÉ, Louis. Acontecimento e experiência pública. **Caleidoscópio**, 2011. Disponível em: <https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/6050/1/Louis%20Quere.pdf>. Acesso em: 12 mar. 2021.

QUÉRÉ, Louis. Entre o facto e sentido: a dualidade do acontecimento. **Trajectos**, Lisboa, n. 6, 2005, p. 59-75.

QUINTELA, Sérgio. Drauzio Varella busca sucessor para continuar seu trabalho em presídios. **Veja São Paulo**, São Paulo, 21 jun. 2022. Disponível em: <https://vejasp.abril.com.br/cidades/drauzio-varella-sucessor-presidios/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

REBS, Rebeca Recuero. O excesso no discurso de ódio dos haters. **Fórum Linguístico**, v. 14, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/1984-8412.2017v14nespp2512>. Acesso em: 20 out. 2021.

RECUERO, Raquel. **A conversação em rede**: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RECUERO, Raquel. Atos de Ameaça a Face e a Conversação em Redes Sociais na Internet. *In*: PRIMO, Alex (org.). **Interações em Rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RECUERO, Raquel. Estudando discursos em mídia social: uma proposta metodológica. *In*: SILVA, Tarcízio; BUCKSTEGGE, Jaqueline; ROGEDO, Pedro. **Estudando cultura e comunicação com mídias sociais**. Brasília: IBPAD, 2018.

RECUERO, Raquel. Linguagem e expressão no IRC. *In*: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24., 2001, Campo Grande. **Anais eletrônicos [...]**. São Paulo: – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2001. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/33612713296086440165235941635766565788.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2021.

REDETV!. **Sonia Abrão critica Drauzio Varella em reportagem com trans: “Não teve transparência”**. [S. l.: s. n.], 9 mar. 2020. 1 vídeo (19 min 25 s). Publicado pelo canal RedeTV!. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=pcNLbXiyIXg>. Acesso em: 12 dez. 2022.

REIS, Alessandro. Taca-le pau nesse Golzinho? Marco Véio já tem carro e CNH 8 anos após meme. **Uol**, São Paulo, 21 jan. 2022. Disponível em: <https://www.uol.com.br/carros/noticias/redacao/2022/01/21/taca-le-pau-nesse-golzinho-marco-veio-ja-tem-carro-e-cnh-8-anos-apos-meme.htm>. Acesso em: 10 fev. 2022.

REZENDE, Eduardo de. **Em atividade escolar, crianças fazem mensagens para mulher trans encarcerada que não recebe visitas há 8 anos**. 2020. Disponível em: <https://www.psicoedu.com.br/2020/03/atividade-criancas-fazem-mensagens-suzy-fantastico.html>. Acesso em: 20 abril. 2022.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa: a intriga e a narrativa histórica**. Campinas: Papyrus, 1994.

RIZZIH. **[tesão, né minha filha?]**. [S. l.], 22 mar. 2020. Twitter: @orizzih. Disponível em: <https://twitter.com/orizzih/status/1241808428579905536>. Acesso em: 12 ago. 2020.

RODRIGUES, Adriano. O acontecimento. *In*: TRAQUINA, Nelson (org.). **Jornalimos, questões e estórias**. Porto Alegre: Insular, 1993.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Meridional, 2011.

ROSÁRIO, Nísia Martins do; AGUIAR, Lisiane Machado. Implosão mediática: corporalidades nas configurações de sentidos da linguagem. **Significação**, v. 41, n. 42, 2014. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/significacao/article/view/82572>. Acesso em: 6 jun. 2021.

ROSÁRIO, Nísia Martins do. **Corporalidades eletrônicas: comunicação do corpo em estudos midiáticos**. Porto Alegre: Imaginalis, 2021.

ROSSI, Amanda; CARNEIRO, Julia Dias; GRAGNANI, Juliana. #EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. **BBC News Brasil**, [S. l.], 30 set. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>. Acesso em: 20 ago. 2021.

SÁ, Natália; SZYLIT, Regina. Cisheteronormatividade e luto na experiência familiar da pessoa não-cisgênero. **Pathos**, v. 07, n. 1, 45-72, 2021. Disponível em: https://revistapathos.com.br/volumes/volume_07-n.01/cisheteronormatividade.pdf. Acesso em: 15 abr. 2021.

SAFERNET. **Institucional**. [S. l.]: [2022?]. Disponível em: <https://new.safernet.org.br/content/institucional>. Acesso em: 06 nov. 2021.

SÃO PAULO. Tribunal de Justiça. **Acórdão**. Revisão Criminal. Homicídio triplamente qualificado e estupro de vulnerável. Pretensão de redimensionamento da pena. Disponível em: <https://cdn.oantagonista.net/uploads/2020/03/suzy.pdf>. 24 jul. 2017. Acesso em: 15 jun. 2021.

SCHÄFER, G.; LEIVAS, P. G. C.; SANTOS, R. H. Discurso de ódio: da abordagem conceitual ao discurso parlamentar. **Revista de informação legislativa**, v. 52, n. 207, p. 143-158, jul./set. 2015. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/52/207/ril_v52_n207_p143. Acesso em 25 maio 2022.

SCHIFMAN, L. **Memes in digital culture**. Cambridge: MIT Press, 2014.

SCHULZ, Valentina. O que veio depois. **Universa Uol**, [S. l.], 2020. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/reportagens-especiais/na-minha-pele---valentina-schulz/#end-card>. Acesso em: 15 mar. 2021.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**: Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

SEJA mesário voluntário. **Tribunal Superior Eleitoral**, Brasília, 2020. Disponível em: <https://www.tse.jus.br/videos/seja-mesario-voluntario>. Acesso em: 21 ago. 2021.

SILVA, Gislene *et al.* Análise da apuração jornalística na cobertura da posse de Jair Bolsonaro. **Novos Olhares**, São Paulo, v. 9, ed. 2, p. 7-19, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/172488>. Acesso em: 21 jun. 2021.

SILVA, L. R. L.; FRANCISCO, R. E. B.; SAMPAIO, R. C. Discurso de ódio nas redes sociais digitais: tipos e formas de intolerância na página oficial de Jair Bolsonaro no Facebook. **Galáxia**, São Paulo, n. 46, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-2553202151831>. Acessado em: 9 maio 2022.

SILVA, Yuna. A cisgeneridade e o complexo do “apesar de”. **Medium**. [S. l.], 15 nov. 2019. Disponível em: <https://yunavitria.medium.com/a-cisgeneridade-e-o-complexo-do-apesar-de-be41a1c72e51>. Acesso em: 10 jun. 2021.

SIMPSON, Keila. Nota de repúdio da Antra contra o linchamento virtual promovido contra a reeducanda Suzy. **Antra**, Salvador, 8 mar. 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2020/03/08/nota-da-repudio-de-antra-contr-o-linchamento-virtual-promovido-contr-a-reeducanda-suzy/>. Acesso em: 6 jun. 2021.

SOBRE O PROGRAMA. **Domingo Legal**. [S. l.]: [2022?]. Disponível em: <https://www.sbt.com.br/auditorio/domingo-legal#videos>. Acesso em: 20 maio 2022.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **Informação e boato na rede**. In: SILVA, Gislene *et al.* **Jornalismo Contemporâneo: figurações, impasses e perspectivas**. Brasília: EDUFBA, 2011.

TEIXEIRA, Orion. Juiz se solidariza com dr. Drauzio Varella que foi atacado por abraçar condenado. **Além do fato**, [s. l.], 11 mar. 2020. Disponível em: <https://alem dofato.uai.com.br/politica/juiz-se-solidariza-dr-drauzio-atacado-abracar-condenado/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

TGEU. **TMM Update TDoR 2021**. [S. l.], 2021. Disponível em: <https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2021/>. Acesso em: 16 maio 2022.

TGEU. **TMM Update TDoR 2022**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://transrespect.org/en/tmm-update-tdor-2022/>. Acesso em: 16 maio 2022.

TOLEDO, Gustavo Leal. **Os memes e a memética: o uso de modelos biológicos na cultura**. São Paulo: FiloCzar, 2017.

TRANS abraçada por Drauzio foi condenada por estupro e morte de criança. **Folha de S. Paulo**, [s. l.], 9 mar. 2020c. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/03/trans-abracada-por-drauzio-na-tv-foi-condenada-por-estupro-e-morte-de-crianca.shtml>. Acesso em: 10 dez. 2022.

TRANS abraçada por Drauzio na TV foi condenada por estupro e morte de criança. **O tempo**, [s. l.], 9 mar. 2020d. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/trans-abracada-por-drauzio-na-tv-foi-condenada-por-estupro-e-morte-de-crianca-1.2308441>. Acesso em: 10 dez. 2022.

TRANS abraçada por Drauzio Varella no Fantástico estuprou e estrangulou menino de 9 anos. **O Antagonista**, [s. l.], 8 mar. 2020a. Disponível em: <https://oantagonista.uol.com.br/sociedade/trans-abracada-por-drauzio-no-fantastico-matou-e-estrangulou-menino-de-9-anos>. Acesso em: 6 jun. 2020.

TRANS de matéria com Drauzio estuprou e matou criança de 9 anos. **Metrópoles**, [s. l.], 8 mar. 2020b. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/trans-de-materia-com-drauzio-estuprou-e-matou-crianca-de-9-anos>. Acesso em: 6 jun. 2020.

TRINDADE, Luiz Valério. **Discurso de ódio nas redes sociais**. São Paulo: Jandaíra, 2022.

TWITTER BRASIL. **[Saudade de um Carnaval, né minha filha?]**. [S. l.], 12 fev. 2021. Twitter: @TwitterBrasil. Disponível em: <https://twitter.com/twitterbrasil/status/1360243451934171139>. Acesso em: 12 out. 2021.

UCHINAKA, Fabiana. Bolsonaro muda Marco Civil da Internet para limitar remoção de posts. **Uol**, São Paulo, 6 set. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2021/09/06/bolsonaro-muda-marco-civil-da-internet-e-proibe-que-rede-social-apague-post.htm>. Acesso em 8 jun. 2022.

UNAIDS. **Cartilha de Saúde LGBTI+**. [S. l.], 2021. Disponível em: https://unaid.org.br/wp-content/uploads/2021/04/2021_04_16_CartilhaSaudeLGBT.pdf. Acesso em: 12 ago. 2022.

VAQUER, Gabriel. Globo e Drauzio Varella se livram de pagar R\$ 150 mil a pai de menino morto. **Uol**, [S. l.], 19 maio 2022. Disponível em: <https://noticiasdatv.uol.com.br/noticia/televisao/globo-e-drauzio-varella-se-livram-de-pagar-r-150-mil-pai-de-menino-morto-81230>. Acesso em: 6 jun. 2022.

VARELLA, Drauzio. **Biografia**. [S. l.]: [2022?]. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/biografia/>. Acesso em: 6 nov. 2021.

VARELLA, Drauzio. [Nota de esclarecimento]. [S. l.], 8 mar. 2020. Twitter: @marivarella. Disponível em: https://twitter.com/marivarella/status/1236778693424484358?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1236778693424484358%7Ctwgr%5E%7Ctwcon%5Es1_&ref_url=https%3A%2F%2Fwww.metropoles.com%2Fbrasil%2Fnao-sou-juiz-diz-drauzio-sobre-crime-praticado-por-trans-suzy. Acesso em: 6 nov. 2021.

VEIGA DA SILVA, Marcia. **Masculino, o gênero do jornalismo**: um estudo sobre os modos de produção das notícias. 2010. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/25629>. Acesso em: 5 jun. 2022.

VEIGA DA SILVA, Marcia; MORAES, Fabiana. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 28., 2019, Porto Alegre. **Anais eletrônicos [...]**. Belo Horizonte: Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, 2019. Disponível em: <https://proceedings.science/compos/compos-2019/papers/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero--a-subjetividade-como-estrategia-descolonizadora>. Acesso em: 15 dez. 2023.

VIEIRA, Eloy Santos. **Quando a telenovela vira meme**: como a Zuera e o melodrama se articulam a partir dos memes da reprise de Avenida Brasil. 2021. Tese (Doutorado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2021. Disponível em: <http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/9856>. Acesso em: 5 dez. 2021.

VIEIRA JUNIOR, L. A. M.; PELÚCIO, L. Memes, fake news e pós-verdade ou como a teoria de gênero vira uma “ideologia perigosa”. **Estudos de Sociologia**, v. 25, n. 48, 2020. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/13447>. Acesso em: 16 jan. 2023.

VIEIRA JÚNIOR, Luiz Augusto Mugnai. **“Quantas curtidas merece essa trans?”**: a recepção da transexualidade nas mídias digitais. 2018. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual Paulista Júlio De Mesquita Filho, Marília, 2018. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/180373/vieirajunior_lam_dr_mar.pdf?sequence=3&isAllowed=y. Acesso em: 20 set. 2021.

VIZEU, Alfredo Eurico; SANTANA, Adriana. O lugar de referência e o rigor do método no jornalismo: algumas considerações. **Intexto**, n. 22, 2010, p. 38-48. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/9997>. Acesso em: 5 jun. 2022.

WARDLE, Claire; DERAKHSHAN, Hossein. **Information Disorder**: Toward an interdisciplinary framework for research and policy making. [S. l.]: Council of Europe, 2017.

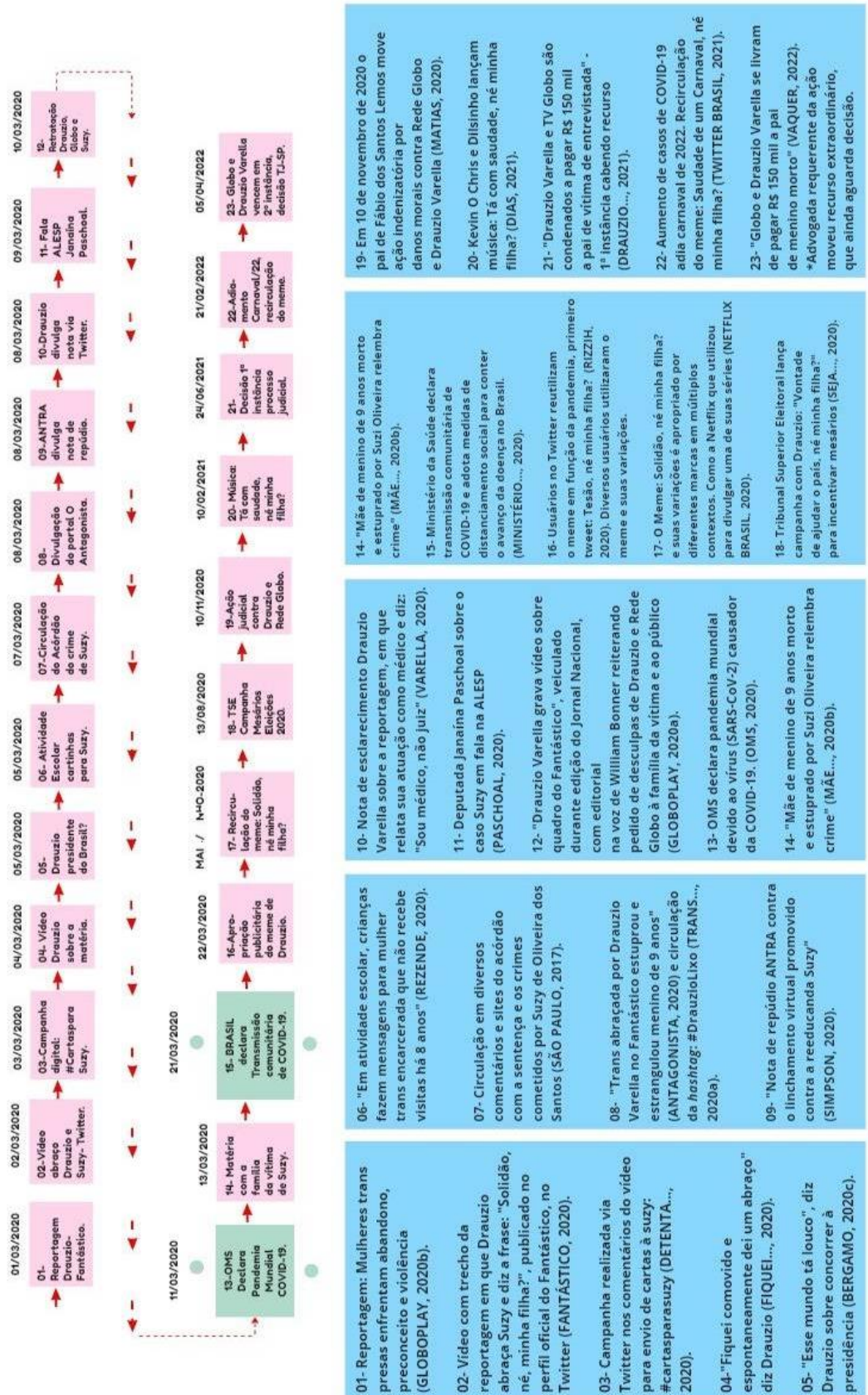
ZANINI, Fábio. Direita canta vitória em caso de trans abraçada por Drauzio, mas briga por furo. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 13 mar. 2020. Disponível em:

<https://saidapeladireita.blogfolha.uol.com.br/2020/03/13/direita-canta-vitoria-em-caso-de-trans-abracada-por-drauzio-mas-briga-por-furo/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

ŽIŽEK, Slavoj. **Violência**. São Paulo: Boitempo, 2014.

APÊNDICE A – LINHA DO TEMPO

LINHA DO TEMPO- REPERCUSSÃO DA REPORTAGEM



01- Reportagem: Mulheres trans presas enfrentam abandono, preconceito e violência (GLOBOPLAY, 2020b).

02- Vídeo com trecho da reportagem em que Drauzio abraça Suzy e diz a frase: "Solidão, né, minha filha?", publicado no perfil oficial do Fantástico, no Twitter (FANTÁSTICO, 2020).

03- Campanha realizada via Twitter nos comentários do vídeo para envio de cartas à suzy: #cartasparasuzi (DETENTA..., 2020).

04- "Fiquei comovido e espontaneamente dei um abraço" diz Drauzio (FIQUEI..., 2020).

05- "Esse mundo tá louco", diz Drauzio sobre concorrer à presidência (BERGAMO, 2020c).

06- "Em atividade escolar, crianças fazem mensagens para mulher trans encarcerada que não recebe visitas há 8 anos" (REZENDE, 2020).

07- Circulação em diversos comentários e sites do acórdão com a sentença e os crimes cometidos por Suzy de Oliveira dos Santos (SÃO PAULO, 2017).

08- "Trans abraçada por Drauzio Varella no Fantástico estuprou e estrangulou menino de 9 anos" (ANTAGONISTA, 2020) e circulação da hashtag: #DrauzioLixo (TRANS..., 2020a).

09- "Nota de repúdio ANTRA contra o linchamento virtual promovido contra a reeducanda Suzy" (SIMPSON, 2020).

10- Nota de esclarecimento Drauzio Varella sobre a reportagem, em que relata sua atuação como médico e diz: "Sou médico, não juiz" (VARELLA, 2020).

11- Deputada Janaina Paschoal sobre o caso Suzy em fala na ALESP (PASCHOAL, 2020).

12- "Drauzio Varella grava vídeo sobre quadro do Fantástico", veiculado durante edição do Jornal Nacional, com editorial na voz de William Bonner reiterando pedido de desculpas de Drauzio e Rede Globo à família da vítima e ao público (GLOBOPLAY, 2020a).

13- OMS declara pandemia mundial devido ao vírus (SARS-CoV-2) causador da COVID-19. (OMS, 2020).

14- "Mãe de menino de 9 anos morto e estuprado por Suzy Oliveira relembra crime" (MÃE..., 2020b).

14- "Mãe de menino de 9 anos morto e estuprado por Suzy Oliveira relembra crime" (MÃE..., 2020b).

15- Ministério da Saúde declara transmissão comunitária de COVID-19 e adota medidas de distanciamento social para conter o avanço da doença no Brasil. (MINISTÉRIO..., 2020).

16- Usuários no Twitter reutilizam o meme em função da pandemia, primeiro tweet: "Tá com saudades, né minha filha?" (RIZZIH, 2020). Diversos usuários utilizaram o meme e suas variações.

17- O Meme: Solidão, né minha filha? e suas variações é apropriado por diferentes marcas em múltiplos contextos. Como a Netflix que utilizou para divulgar uma de suas séries (NETFLIX BRASIL, 2020).

18- Tribunal Superior Eleitoral lança campanha com Drauzio: "Vontade de ajudar o país, né minha filha?" para incentivar mesários (SEJA..., 2020).

19- Em 10 de novembro de 2020 o pai de Fábio dos Santos Lemos move ação indenizatória por danos morais contra Rede Globo e Drauzio Varella (MATIAS, 2020).

20- Kevin O Chris e Dilisinho lançam música: Tá com saudades, né minha filha? (DIAS, 2021).

21- Drauzio Varella e TV Globo são condenados a pagar R\$ 150 mil a pai de vítima de entrevistada - 1ª Instância cabendo recurso (DRAUZIO..., 2021).

22- Aumento de casos de COVID-19 adia Carnaval de 2022. Recirculação do meme: Saudade de um Carnaval, né minha filha? (TWITTER BRASIL, 2021).

23- Globo e Drauzio Varella se livram de pagar R\$ 150 mil a pai de menino morto* (VAQUER, 2022). *Advogada requerente da ação moveu recurso extraordinário, que ainda aguarda decisão.